

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS
TEORIA LITERÁRIA E ESTUDOS COMPARADOS

JOANA D'ARC MENDES GOTHCHALK

GUIMARÃES ROSA: NARRATIVAS HÍBRIDAS
(Cipango, Entremeio com o vaqueiro Mariano e Sanga Puytã)

Campo Grande - MS
2009

JOANA D'ARC MENDES GOTHCHALK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens na área de concentração em Teoria Literária e Estudos Comparados, sob a orientação da Prof. Dr. Edgar César Nolasco

Campo Grande – MS
Agosto – 2009

João era fabulista?
fabuloso?
fábula?
Sertão místico disparando.
no exílio da linguagem comum?

Projetava na gravatinha
a quinta face das coisas,
inenarrável, narrada?
Um estranho chamado João.
para disfarçar, para forçar
o que não ousamos compreender?

Tinha pastos, buritis plantados no apartamento?
no peito?
Vegetal era ele ou passarinho
sob a robusta ossatura com pinta de boi risonho?

Era um teatro
e todos os artistas
no mesmo papel
ciranda multívoca?

João era tudo?
tudo escondido florindo
como flor é flor, mesmo não semeada?

Mapa com acidentes
deslizando para fora, falando?
guardava rios no bolso,
cada qual com a cor de suas águas?
Sem misturar, nem conflitar?
E de cada gota redigia
nome, curva, fim,
e no destemido geral
seu fado era saber
para contar sem desnudar
o que não deve ser desnudado
e por isso se veste de véus novos?

Mágico sem apetrecho,
civilmente mente mágico, apelador
de precipites prodígios acudindo
a chamada geral?
Embaixador do reino
que há por trás dos reinos,
dos poderes, das
supostas fórmulas
de abracadabra, sésamo?
Reino cercado
não de muros, chaves, códigos,
mas o reino-reino?

Por que João sorria
se lhe perguntavam
que mistério é esse?
E propondo desenhos figurava
menos a resposta que
outra questão ao perguntante?
Tinha parte com... (não sei

o nome) ou ele mesmo era
a parte de gente
servindo de ponte

entre o sub e o sobre
que se arcabuzeiam
de antes do princípio,
que se entrelaçam
para melhor guerra,
para maior festa?

Ficamos sem saber o que era João
e se João existiu
de se pegar

*Um chamado João*¹
Carlos Drummond de Andrade

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Um chamado João. Poema homenageando Rosa e publicado no Correio da Manhã, no dia 22 de novembro de 1967. Drummond fez a doação do poema para que fosse publicado no livro *Sagarana*, em sua 9ª edição (Nota da Editora). In: ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Prefácio de Óscar Lopes; ilustração de Poty. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1977. p. X-XII.

Não é possível contar tudo, pois para contar uma história, alguém tem que realizar uma escolha e essa escolha supõe privilegiar, esquecer e silenciar.

Hugo Achugar

Banca Examinadora

Prof. Dr. Edgar César Nolasco (CCHS/UFMS) – Presidente

Prof.^a Dr.^a Maria Adélia Menegazzo (CCHS/UFMS) – Membro Titular

Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (FACALE/UFMGD) – Membro Titular

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Aparecida L. Pacheco (FACALE/ UFGD)- Membro Suplente



Três Lagoas

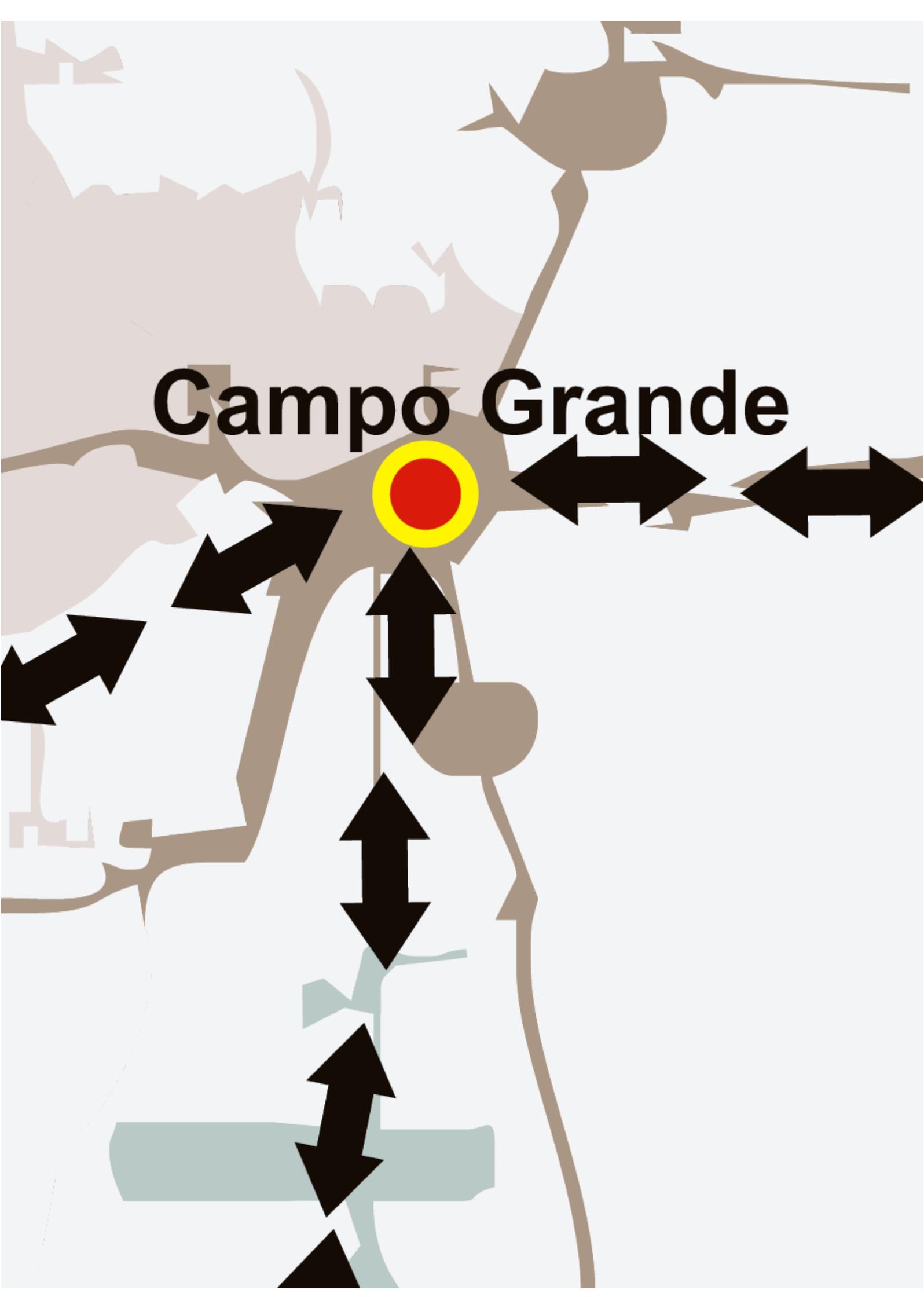
RESUMO: Esta dissertação tem por finalidade analisar três narrativas curtas de Guimarães Rosa que, por sua vez, tratam ou aludem à cultura sul-mato-grossense. Trata-se dos contos “Sanga Puytã”, “Cipango” e “Entremeio com o vaqueiro Mariano” que, além de outros temas, abordam o regionalismo literário enquanto ambiente, homem, linguagem e riqueza cultural da região. Para tal análise, privilegiar-se-ão os postulados teóricos críticos dos Estudos Culturais, especificamente os conceitos de cultura híbrida, fronteira, margem e transculturação. Nesse sentido, o livro *Culturas híbridas*, de Nestor Canclini, será seminal, por contemplar o conceito de hibridização cultural que norteará toda a proposta do referido projeto. Também o livro *Literatura e cultura na América Latina*, de Ángel Rama, que procurou mostrar Guimarães Rosa como transculturador narrativo e, ainda, a obra *A mobilidade das fronteiras*, de Cássio Eduardo Viana Hissa, que mostrou como é intrincada a questão de fronteiras e limites e como foi resolvida a questão de fronteira brasileira-paraguaia, mais especificamente.

PALAVRAS-CHAVE: Guimarães Rosa, hibridação, contos, transculturação, fronteiras

RESUMEN: Esta tesis tiene como objetivo analizar tres narraciones breves de Guimarães Rosa, que, a su vez, remite a la cultura de Mato Grosso do Sul. Se trata de los cuentos "Sanga Puytã", "Cipango" y "Entremeio com Vaquero Mariano" que, además de otros temas, abordan el regionalismo literario, el medio ambiente, los seres humanos, el idioma y la riqueza cultural de la región. Para este análisis, se dará prioridad a los postulados teóricos de los estudios críticos culturales, específicamente los conceptos de las culturas híbridas, frontera, margen y la transculturación. En este sentido, el libro *Culturas híbridas* de Néstor Canclini, va a ser seminal, al contemplar el concepto de hibridación cultural que guía toda la propuesta del proyecto. También el libro *Literatura y Cultura en América Latina*, de Ángel Rama, que trata de enseñar Guimarães Rosa como transculturador narrativo y todavía el libro *La movilidad de las fronteras* de Cássio Eduardo Viana Hissa, que mostró cómo es intrincada la cuestión de las fronteras y los límites, además de la forma en que el problema se resolvió en la frontera brasileña- paraguaya, más concretamente.

PALABRAS CLAVE: Guimarães Rosa, hibridación, cuentos, transculturación, fronteras

Campo Grande



Para

Beto

e Bob,

seres mediadores.

Para escrever é necessário uma espécie de clausura, de silêncio, de recolhimento voluntário, ou não, de leituras e releituras para o texto e, para dezenas de outros textos — e só foi possível o trajeto entre “*Nonada e Travessia*”, graças a tantas pessoas que estiveram próximas a mim e, neste trabalho, algumas foram absolutamente especiais. A elas, agradeço pois foi essa proximidade que me permitiu realizá-lo. De indicações de textos a olhares e lembranças, se compôs o longo caminho de apoios.

Agradeço ao meu professor-orientador Edgar César Nolasco, por seu incentivo, pela sua dedicação e generosidade, o seu jeito pseudo-durão de falar e sua leveza de encaminhar, de apoiar, e sua paciência impaciente; seu imenso amor e respeito pelos que o cercam – mas – sobretudo, por me ensinar a duvidar daqueles que, vivos ou mortos, são considerados autoridades supremas em determinados assuntos. Duvidar dos grandes pensadores é necessário, ainda que seja para, mais tarde, concordar com eles. É uma das falas que sempre me lembrarei.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS-CCHS.

Às sugestões dos professores Maria Adélia Menegazzo, Rosana Cristina Zanelatto Santos, e Wagner Corsino Enedino, que foram valiosos e pertinentes. E aos demais professores da Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens.

Ao professor Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, por suas sugestões fundamentais, referências bibliográficas e sua amizade, através do qual, agradeço a toda a sua família.

À dedicação e amizade dos funcionários Daniela Gomes Loureiro, como também à secretária do Mestrado em Educação da UFMS-CCHS, Jaqueline Mesquita. Aos colegas de Curso, especialmente Ana Paula Bandeira, Josy Beijo Peres e Lindomar Cavalcanti. Aos colegas que compõem o NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados – UFMS.

Aos meus filhos: Henrique e Hamilton pelo incentivo e Humberto pelo apoio e presença, incondicionais.

A Kelly e a Janete, noras, por suas observações carinhosas.

A minha mãe, mesmo que longe, presente.

A Maria Inês Soares pelas traduções dos textos japoneses e pelas conversas inspiradoras; a Lucilene Machado, pela ajuda no Pré-Projeto e por sua amizade fraterna; a Maria Fernanda Admari; a Iolete Moreira e a todas as pessoas que comigo compartilharam a alegria de viver, muito obrigada pelo estímulo, pela presença e pelo respeito ao meu trabalho.

A professora emérita da UFMG, Eneida Maria de

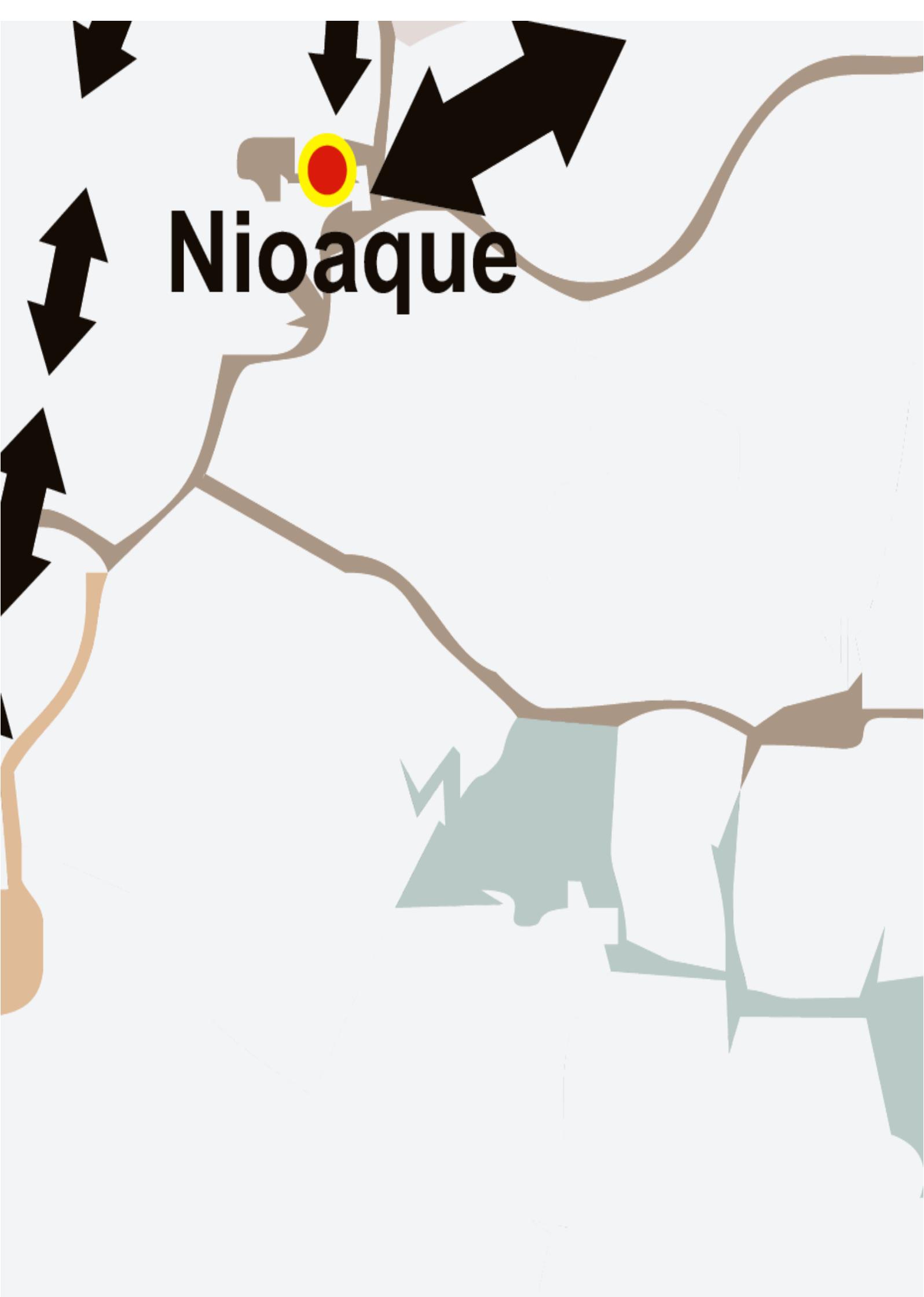
Souza, por sua atenção e disponibilidade em todos os nossos encontros e por nos receber em sua casa, em BH.

Ao estudioso Geraldo Magela Martins, conhecido recente, *mas* remoto, que analisa cada “mexidinha” do nosso olhar. E ao Marcos Fontana pelo agradável encontro, ambos de BH.

A todos os pesquisadores e leitores rosianos, desde que Rosa é Rosa e é Rosa e aos que virão.

A João Guimarães Rosa que ficou encantado...

A Deus...

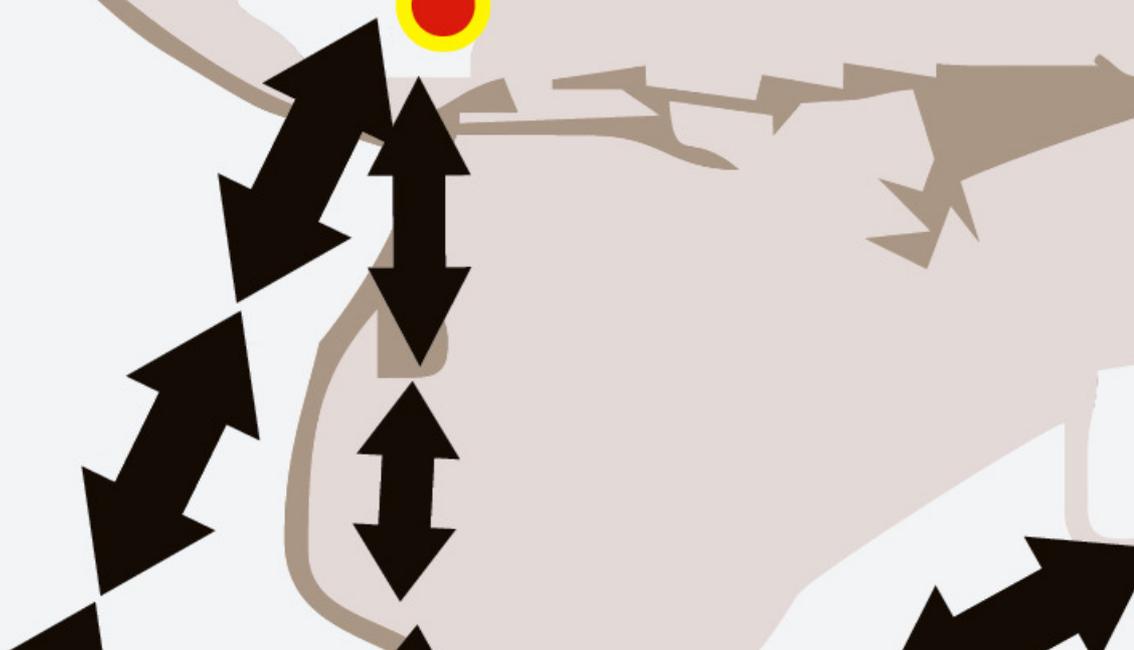
A stylized map showing a network of brown lines representing roads or paths. A red circle with a yellow border is placed on one of the lines, indicating a specific location. Several large black arrows point in various directions from this location. The word "Nioaque" is written in bold black text below the highlighted location. The background is light gray with faint white lines suggesting a grid or map boundaries. There are also some teal-colored shapes at the bottom of the map.

Nioaque

SUMÁRIO DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Mapa da Antiga Estrada de Ferro Noroeste do Brasil	51
Ilustração 2 – Mapa da Atual Estrada de Ferro Noroeste do Brasil	53
Ilustração 3 – Mapa do Estado de Mato Grosso do Sul.....	55

Aquidauana



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - Identidades Partilhadas	16
CAPITULO I – O QUE É HBRIDAÇÃO?	19
1 – Sobre o conceito de hibridação.....	20
2 – Sobre o conceito de transculturação	30
2.1 – Guimarães Rosa transculturador	40
3 – Sobre a questão do local.....	42
4 – Fronteiras (e limites)	45
CAPITULO II – RUMO À ESTAÇÃO CENTRO-OESTE	49
2 – O roteiro cartográfico de Guimarães Rosa	50
2.1 As paragens (obrigatórias) do visitante-turista	55
2.2 – Caminhos, memórias e viagens	58
CAPITULO III – NARRATIVAS HÍBRIDAS.....	68
3 – <i>Guimarães Rosa</i>: do sertão ao pantanal.....	69
3.1 – <i>Cipango</i>: o oriente é aqui.....	73
3.1.1 – Um traço da cultura oriental no <i>Cipango</i> do cerrado	77
3.2 – <i>Entremeio com o vaqueiro Mariano</i>: entremeios culturais.....	84
3.3 – <i>Sanga puytã</i>: entre lá e cá.....	96
4 – CONCLUSÃO - Fronteiras Imaginadas	110
5 – REFERÊNCIAS	115

Guimarães Rosa fala de si mesmo...

Todos os meus livros são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é chamada “realidade”, que é a gente mesmo, o mundo, a vida.

Rosa e o futuro da literatura

No ano 2000 a literatura mundial estará orientada para a América Latina; o papel que um dia desempenharem Berlim, Paris, Madri ou Roma, também Petersburgo ou Viena, será desempenhado pelo Rio, Bahia, Buenos Aires e México. O século do colonialismo terminou definitivamente.

Bela Vista



INTRODUÇÃO - Identidades Partilhadas

Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os morosos ou o mais apressado dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.

Martin Heidegger

Não há como não inventar culturas, do mesmo modo que não há como manter suas patentes intactas: elas estão aí para ser copiadas e modificadas.

Roy Wagner

Pesquisar a obra de Guimarães Rosa é empreender uma longa viagem nas fronteiras do real, enquanto limite, e do simbólico, enquanto mítico. Era um homem além de seu tempo, e que compreendia que as culturas nacionais eram compostas, não apenas das instituições culturais, mas, também, de símbolos e representações. O escritor entendia que a cultura nacional é um discurso — um modo de construir o sentido que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

A obra de Guimarães Rosa não se ateve à sua nacionalidade. Extrapolou fronteiras naturais e conceitos, pôde ser compartilhada e traduzida. É em meio a essa obra escrita e em movimento, e ainda movimentada por muitos, que elaborei meu trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado “O que é hibridação?”, detenho-me nos conceitos de hibridação linguística e cultural, remetendo à formação de identidade que atravessa e intercepta as fronteiras naturais, composta por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas mantêm fortes vínculos com seus lugares de origem e tradição, todavia, sem a ilusão de retorno ao passado. De acordo com Hall, as pessoas pertencentes a essas culturas híbridas estão irrevogavelmente *traduzidas*.

O conceito de *hibridação*, de que me valho, foi estudado por Canclini, Bhabha e Hall. Também utilizei conceito de *transculturação*, de Angel Rama, aplicado à obra de Rosa, que transita entre a sua herança cultural (de base arcaica e provinciana) e as modernas vanguardas europeias. Ainda mediante a questão regional, buscou-se o local, isto é, aquele “localismo” que não é de um caráter fixo e trans-histórico, mas que resiste ao fluxo *homogeneizante do universalismo* com temporalidades distintas e conjunturais. No caso do escritor mineiro, pode-se dizer que sua obra emerge de muitos lugares e, de modo particular e significativo, aqui no Estado — O vaqueiro do Pantanal.

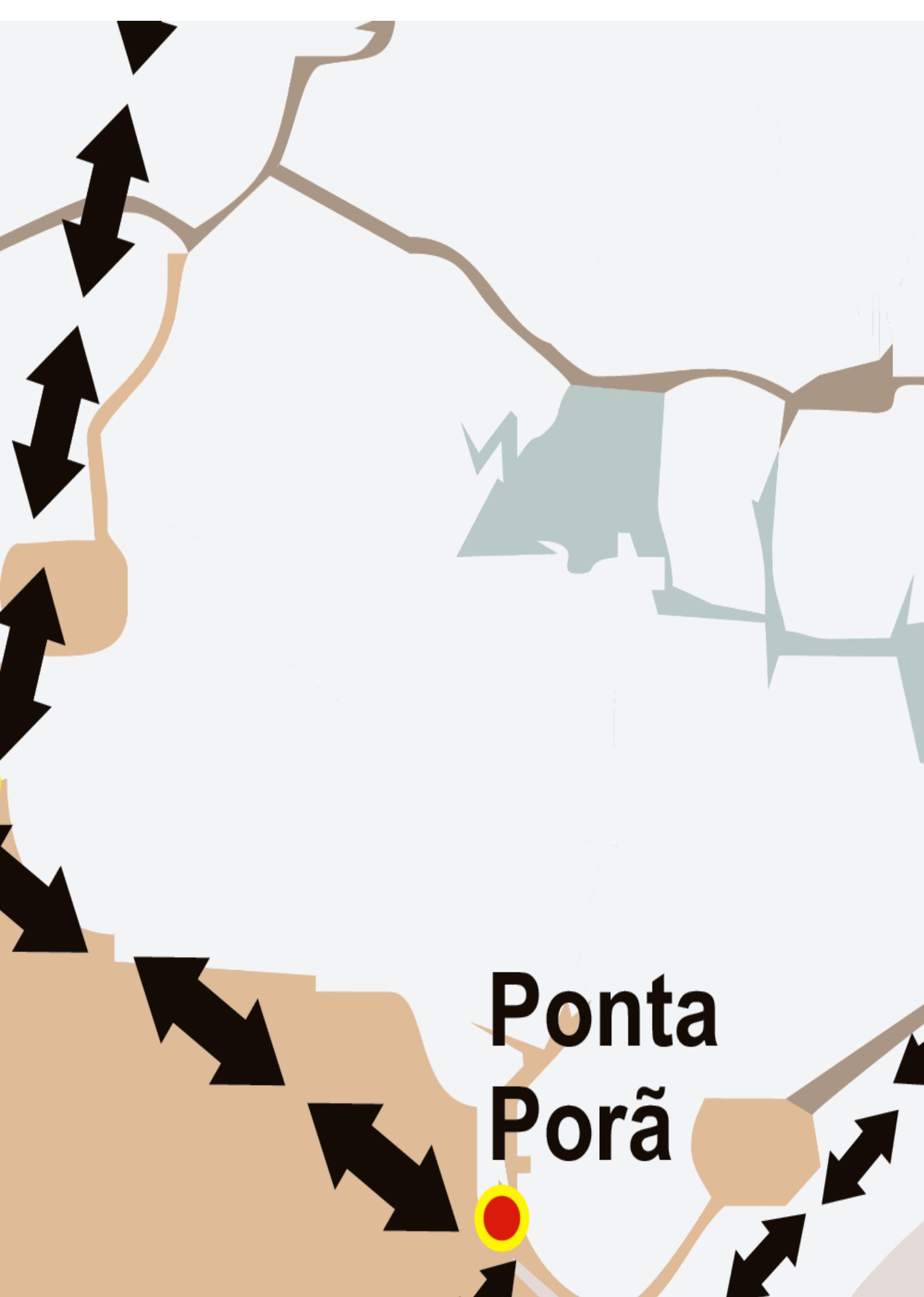
Finalizando o primeiro capítulo, trouxe à baila a questão de fronteiras e limites do País como âmbito geográfico delimitado e identificado, e a escrita dos territórios ficcionais de

Guimarães Rosa, que suporta uma cartografia porosa e entrecruzante, cujas demarcações e legendas deslizam em contínua migração e ampliação de sentido.

Já no segundo capítulo, denominado de “Rumo à estação Centro-Oeste”, tratou-se da vinda do escritor ao Mato Grosso², como turista-pesquisador. Desenvolvi o roteiro cartográfico da viagem de Rosa feita, em grande parte, pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Aqui em nosso Estado, mapeou-se o caminho percorrido pelo escritor nas mais diversas localidades.

No terceiro capítulo, “Narrativas híbridas”, encontra-se a análise dos três contos que resultaram em nosso objeto de estudo: “Cipango”, “Entremeio com o vaqueiro Mariano” e “Sanga puytã”. Sobre o primeiro conto, valemo-nos do conceito de hibridação, posto que o conto apresenta, em pano de fundo, a presença dos imigrantes japoneses aqui no Estado, mais precisamente em Campo Grande. Constatou-se que, desde o título, o conto *Cipango* já apresentava uma atmosfera híbrida, uma vez que a palavra “cipango” remete ao continente asiático. Já sobre o segundo conto, que também não deixa de ser híbrido, discutiram-se conceitos, como os de *transculturação*, *localismo* e *regionalismo*, por exemplo. Como sugere a palavra “entremeio”, do título, o conto inscreve-se num espaço intervalar, onde culturas migram e são sumariamente transculturadas. Já sobre nossa análise do conto “Sanga Puytã”, tem-se, como pano de fundo, a obra de Visconde de Taunay, *A Retirada da Laguna*, e o relato feito por Rosa, (o conto) percorrendo o caminho de modo inverso, permeado pelos conceitos de fronteira e limites.

² Mato Grosso do Sul fazia parte do grande estado de Mato Grosso. A divisão ocorreu no dia 11 de outubro de 1977, com a lei complementar nº 31, sancionada pelo ‘presidente Ernesto Geisel. E a instalação do governo deu-se a 1º de janeiro de 1979, tendo como 1º governador Harry Amorim Costa.



**Ponta
Porã**

CAPITULO I – O QUE É HIBRIDAÇÃO?

A construção de vários sujeitos social e etnicamente dissímiles e confrontados, de racionalidades e imaginários distintos e incompatíveis, de linguagens várias e díspares em sua mesma base material, e tudo no interior de uma história densa, em cuja espessura acumulam-se e desordenam-se vários tempos e muitas memórias.

Cornejo Polar

1 – Sobre o conceito de hibridação

Toda a obra de Guimarães Rosa é em movimento constante. É uma travessia contínua. Travessia *geográfica*, pois é um viajante contumaz que incorpora sua experiência de viagens pelo estrangeiro, suas viagens pelos sertões, às novas viagens ao mítico, às lendas e às narrativas orais ouvidas em sua infância, lá em Cordisburgo. Travessia *literária*, com suas buscas e inovações vocabulares, com as recombinações inesperadas de elementos conhecidos que irão causar impacto e significação que ultrapassam a expectativa e a compreensão imediata do leitor.

Tudo indica, porém, que nem todas essas construções sejam planejadas e arquitetadas cerebralmente, mas que constituem *achados* de sua sensibilidade e da sua erudição, pois o conhecimento de vários idiomas, o trânsito por inúmeras culturas, a diversidade de focos assegurada pelo olhar multifacetado do escritor, levaram-no a construir uma grande obra. Numa entrevista, veiculada pela *Revista Cruzeiro*, em 1967, Guimarães Rosa afirma:

Eu não crio palavras. Elas todas estão nos clássicos, estão nos livros arcaicos portugueses. São expressões de muito valor que eu pretendo salvar. Em *Sertão*: veredas há palavras que nem em Portugal se falam mais. Mas existem. Para determinadas passagens, entretanto, não existem palavras. Então é preciso criá-las ou redescobri-las através de sons que a correspondam.³

A obra de Guimarães Rosa aparece fragmentada e distorcida, a tal ponto que muitos leitores abandonam a leitura desde as primeiras páginas. Mas é instigante e inovadora — o que o levou a declarar: “— Meus livros não são feitos para cavalos que vivem comendo a vida toda desbragadamente. São livros para bois. Primeiro o boi engole, depois regurgita para mastigar devagar e só engole ‘de vez’ quando tudo está bem ruminado”.⁴

³ ROSA. *Cadernos de Literatura Brasileira*, p. 82.

⁴ ROSA *apud* STARLING. *Lembranças do Brasil*, p.13.

Um dos modos mais instigantes dessa inovação são as hibridações, linguística e cultural, como traço de “união” de elementos alheios ou, aparentemente, inconciliáveis em Rosa.

“Híbrido”, do grego *hybis*, cuja etimologia remete a “ultraje”, corresponde a uma miscigenação ou mistura que viola as leis naturais. Para os gregos, o termo equivalia à *desmedida*, ao ultrapassar das fronteiras, ato que tinha punição imediata. A palavra nos remete ao que é originário de “espécies variadas”, cruzadas de forma irregular. O seu profuso emprego favorece que lhes sejam atribuídos significados discordantes. A palavra foi utilizada por Plínio, O Velho (23 a 79 d. C.), ao referir-se aos migrantes que chegaram em Roma em sua época.

Historiadores e antropólogos mostraram o papel decisivo da mestiçagem no Mediterrâneo nos tempos da Grécia clássica, enquanto outros estudiosos recorrem especificamente ao termo hibridação para identificar o que sucedeu desde que a Europa se expandiu em direção à América.⁵ E continua o autor que Mikail Bakhtin usou-o para caracterizar a coexistência, desde o princípio da modernidade, de linguagens cultas e populares.

Entretanto, o momento em que mais se estende a análise da hibridação a diversos processos culturais é na década final do século XX.

Ao migrá-la do campo da biologia às análises socioculturais, ganhou campos de aplicação, mas perdeu a univocidade, e o que os estudiosos temiam era o risco de trespassar, à sociedade e à cultura, a esterilidade que costuma ser associado ao termo híbrido. Ao que Canclini discordava, dizendo ser, isso, “uma crença do século XIX e que não se sustentava mais, a partir das pesquisas genéticas de Mendel, que mostrou o enriquecimento produzido por cruzamento genético em botânica, onde abundam hibridações [...]”.⁶

⁵ CANCLINI. *Culturas híbridas*, p. XVIII (Introdução).

⁶ CANCLINI. *Culturas híbridas*, p. XXI (Introdução).

A multiplicação espantosa das hibridações, no decorrer do século XX, não facilitou precisar de que se trata. É possível colocar sob um só termo conceitos variados e, também, discutíveis.

A discussão da ideia do híbrido, como impuro, anômalo, irregular e aberrante é, atualmente, elaborada por pensadores e correntes que, por vezes, se misturam, mas conservando suas especificidades e podem também abrigar profundas discordâncias conceituais. Canclini afirma que o termo é usado para

[...] descrever processos interétnicos e de descolonização (Bhabha, Young); globalizadores (Harnnerz); viagens e cruzamentos de fronteiras (Clifford); fusões artísticas, literárias e comunicacionais (De La Campa; Hall; Martín Barbero; Papastergiadis; Welner). Não faltam estudos sobre como se hibridam gastronomias de diferentes origens na comida de um país (Archetti), nem da associação de instituições públicas e corporações privadas, da museografia ocidental e das tradições periféricas nas exposições universais (Harvey).⁷

O hibridismo passa pela interdisciplinaridade e transculturalidade dos Estudos Culturais, elaborados, a partir da Inglaterra, por pesquisadores ligados ao Caribe inglês, como Stuart Hall e Paul Gilroy. O hibridismo é destaque no trabalho de estudiosos da América Latina, na fronteira México-Estados Unidos e das comunidades latinas nos Estados Unidos, por vezes, eles mesmos, participantes da *invasão latina*, como, Néstor Garcia Canclini, citado e discutido por muitos críticos, entre os quais Guilherme Gomez-Peña e Alberto Moreiras.

No Brasil, diversas pesquisas trabalham o tema, podendo destacar os estudos sobre hibridação na literatura das Américas, como enfoque no Quebec e nas Antilhas francesas, editadas por Zilá Bernd, que associa o termo híbrido a identidades construídas, ambíguas, impuras, heterogêneas e deslocadas, e acredita na possibilidade “fertilizadora” da inscrição subversiva de culturas marginais nas culturas hegemônicas. Bernd argumenta, ainda, que áreas de fronteira e espaços de intensa mistura e/ou choque cultural, como o Brasil, as ilhas do Caribe e a cidade de Quebec, oferecem exemplos intrigantes e fecundos de hibridismo.⁸ Nessa

⁷ CANCLINI. *Culturas híbridas*, p. XVIII (Introdução).

⁸ BERND. *Escrituras híbridas*, p. 18.

mistura, marcadamente *americana*, de uma ponta a outra do continente, encontram-se herdeiros de séculos de produção histórica, teórica e literária sobre o tema.

Os exemplos que se seguem elaboram o conceito de híbrido e mostram algumas das maneiras como ele surge na crítica cultural contemporânea. Um dos fundadores e ex-diretor do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, Stuart Hall, tem contribuído para difundir a ideia de que a construção de identidades na pós-modernidade é um processo, inevitavelmente, em andamento, impuro e híbrido. Argumentando na contracorrente de tentativas essencialistas que querem preservar a ilusão de sujeitos, etnias, raças locais e nações “purificadas”, unidas e coesas, Hall associa-se a Homi Bhabha e Derrida, ao mostrar a ambivalência e antagonismo em qualquer ato que tenha significação nos processos de transformação cultural. Hibridismo *não* se restringe a um homem, a um sujeito híbrido, criado, formado e assumido, como tal, mas ao angustiante processo de tradução cultural, agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. Sem exaltar nem diminuir a globalização, Hall aponta os movimentos complexos, contraditórios e desestabilizadores em tradição e tradução que atuam na produção de “novas identidades” em condições diaspóricas. Como ele enfatiza, as comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da *différance* em sua própria constituição.

Apoiado em vertentes semelhantes, Paul Gilroy interroga a experiência contraditória de ser europeu e negro, retomando a longa história dos cruzamentos raciais na diáspora africana. Gilroy estuda o Oceano Atlântico, como espaço histórico-geográfico “intercultural e transnacional”, onde culturas negras vêm se mesclando através de séculos. O livro de Paul Gilroy, *The Black Atlantic* (1993, p. XI), trata do ‘inevitável hibridismo e cruzamento de ideias’ decorrentes daquela mescla e pretende evidenciar a instabilidade e mutabilidade das

identidades, que são sempre incompletas, eternamente sendo refeitas. Gilroy busca desmistificar a terrível divulgação das ideias sobre integridade e pureza da cultura e da raça.⁹

Os estudos culturais de Hall e Gilroy, ainda que produzidos na Inglaterra, quase sempre são voltados para as populações e produções culturais americanas, destacando sua característica híbrida, o que provoca inevitável controvérsia onde os traços divisórios são, ainda, regras.

Para o crítico indiano, Homi Bhabha, a hibridação não é “algo que existe por aí a ser encontrado num objeto ou em alguma identidade mítica híbrida”.¹⁰ A hibridação é vista como um modo de conhecimento, como um processo para entender ou perceber o movimento ambíguo e tenso que acompanha, necessariamente, qualquer tipo de transformação social.

Bhabha começa a pensar o hibridismo a partir de sua experiência como membro da elite local de uma sociedade colonizada por ingleses; também da análise de textos de autores coloniais ingleses que escreviam sobre a colonização, como, Forster, Conrad, Kipling, e, ainda, analisava os chamados escritores “nativos”. O foco de interesse de Bhabha recaía sobre a representação do sujeito nessas literaturas; ele observou que, nesse confronto de representações, o que parecia estar em jogo, para os escritores, era como descrever de forma mais fiel e autêntica o sujeito colonial, seja ele colonizador ou colonizado. Contudo, o que Bhabha procurava entender era se o centro da disputa seria: “as *linguagens* usadas para representar os sujeitos ou se era o que se entendia por sujeito — ou seja, a *questão da construção da identidade*”.¹¹

Acreditamos que a reflexão a partir dessas duas questões é que desperta, em Bhabha, o interesse pelo hibridismo, pois suas discussões sobre o tema são sempre sob a perspectiva da linguagem e da identidade.

⁹ GIBOY. *O atlântico negro*, p. 41.

¹⁰ BHABHA. *O local da cultura*, p. 162.

¹¹ BHABHA. *O local da cultura*, p. 69.

Bhabha busca o termo híbrido em Bakhtin, que o havia aplicado para análise do romance e que via a “hibridação como mistura ou encontro de duas linguagens sociais diversas dentro de um mesmo enunciado”.¹² O termo foi usado intencionalmente numa forma artística, como no romance, cujo terreno discursivo mostraria uma duplicidade de vozes, sotaques, linguagens, consciências e épocas que ali se chocam, negociam e proliferam.

O conceito foi utilizado, por Bhabha, para identificar o discurso da negociação em condições de desigualdades e antagonismos políticos. Para o crítico indiano, pensar o hibridismo é inseparável de pensar o deslocamento existente entre o enunciado e a enunciação. Enquanto a *enunciação* se refere ao contexto sócio-histórico e ideológico em que determinado usuário da linguagem está localizado, o *enunciado* se refere à fala ou aos textos produzidos por esse usuário nesse contexto. Assim sendo, Bhabha utiliza-se de um olhar sociodiscursivo da linguagem, onde seus usuários e interlocutores estão sempre dentro do contexto. Esse conceito de *contexto* e condições *sócio-históricas* de produção e interpretação é denominado, por Bhabha, como *locus de enunciação*. E, para entender a representação, é primordial entender o *locus de enunciação* do narrador, do escritor e de quem fala. Esse *locus* é atravessado por toda gama heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem qualquer sujeito, é o que o crítico denomina de “terceiro espaço”, que

[...] pode revelar que o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir caminho à conceituação de uma cultura internacional baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura. Para esse fim deveríamos lembrar que é o “inter” — o fio cortante da tradução e da negociação, o *entre-lugar* — que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comece a vislumbrar as histórias nacionais e antinacionalistas do “povo”. E ao explorar esse *Terceiro Espaço*, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos.¹³

A cultura, a partir de Bhabha, passa a ser vista como algo dinâmico, híbrido, produtivo, aberto, em constante transformação, como estratégia de sobrevivência, “que é tanto

¹² BAKHTIN. *Questão de literatura e estética*, p. 358.

¹³ BHABHA. *O local da cultura*, p. 69.

transnacional quanto tradutória”.¹⁴ É transnacional por trazer consigo as lembranças enraizadas de variadas experiências e memórias das migrações das origens. É tradutória porque exige uma resignificação dos símbolos culturais diversos — a literatura, a arte, o ritual musical, a vida e a morte é que estão sendo desnudados para revelar seu hibridismo.

Como afirma Roberto Stam (2001), o hibridismo, “recentemente recodificado como um sintoma do momento pós-moderno, pós-colonial e pós-nacional”, é, na verdade, um componente perene tanto do discurso oficial quanto da crítica cultural da América Latina.

Se na Inglaterra predominam influências paquistanesas, jamaicanas e caribenhas, para os Estados Unidos, a tradição do hibridismo está sendo transplantada com o auxílio dos latino-americanos e dos *chicanos*¹⁵ e *latinos*, que assumem identidades mestiças, reelaborando as visões divisionistas e binárias de fronteira.

As “culturas híbridas”, estudadas por Néstor García Canclini, no final do século XX, mapeiam as regiões fronteiriças entre o *anglo* e o latino do continente americano e os fenômenos e momentos de caráter híbrido na história cultural do continente. Por sua vivência na cultura latino-americana e por constantes cruzares de fronteiras, tenta escapar do dualismo opressores-oprimidos, erudito-popular, anglo-latino, para melhor analisar as formas de arte produzidas em regiões de fronteiras que apresentam dubiedade e criatividade.

De nacionalidade argentina, vivendo no México mas com relações profissionais em diversos países do continente, o Brasil, inclusive, Canclini tem seu nome ligado à discussão do hibridismo. Sua pesquisa pretende figurar-se no amplo painel de interesse regional-hemisférico contemporâneo, tendo por base as raízes fincadas na história. “A hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas”,¹⁶ afirma ele, recordando que “formas

¹⁴ BHABHA. *O local da cultura*, p. 241.

¹⁵ *Chicanos* é o cidadão dos Estados Unidos pertencente à minoria de origem mexicana ali existente. E *latino* é o termo usado para indicar os cidadãos originários (eles próprios ou suas raízes familiares) da América Latina, tendo nascido ou estando agora vivendo nos Estados Unidos.

¹⁶ CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, p. 326-327.

sincréticas” eram uma combinação de matrizes espanholas e portuguesas com influência indígena.

Néstor Canclini aprofunda a análise das “culturas híbridas”, da América Contemporânea, a partir de estudos interdisciplinares que envolvem as artes, as políticas culturais, a comunicação e a história. Valendo-se de sua própria experiência de migração e de tantos outros latinos, propõe-se a discutir os cruzamentos culturais surgidos com a experiência dos exílios e das novas raízes criadas. De acordo com o autor, trânsito cultural, entre países e escritores latino-americanos, ocorre desde os primórdios da colonização, mas ganha maior visibilidade no período contemporâneo.

O olhar de quem escreve, pinta ou compõe músicas já não é do local em que nasceu ou que viveu por vários anos, “mas é um lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos”.¹⁷ Essa visão está atravessada pelo contato, pela língua, pelo pensamento do outro, e que, segundo Canclini, Garcia Marques chama de Macondo e, Guimarães Rosa, de Cordisburgo. Mas, na verdade, essas cidadezinhas, ainda que se assemelham com outras tradicionais da Colômbia e do Brasil, foram redesenhadas por padrões cognitivos e estéticos que podem ser assimilados na Espanha, Hamburgo ou Paris.

Canclini salienta que não se trata apenas de um processo de transnacionalização da arte, mas uma amálgama da arte europeia e a arte popular, surgindo uma arte mestiça, impura, que existe “à força de colocar-se no cruzamento dos caminhos que foram nos compondo e recompondo”.¹⁸

Em que consistiria, então, “a novidade da descoleção, da desterritorialização e da hibridez pós-moderna?” Os artistas, agora, não necessitam de modelos consistentes modernos que inovavam, que alteravam os modelos e substituía-os, mas mantendo sempre um *referencial legítimo*, respeitável o bastante para merecer que fosse discutido. O artista, hoje,

¹⁷ CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, p. 328.

¹⁸ CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, p. 328.

não busca legitimidade, nem procura filiar-se à determinada estética ou escola, como ocorreria no passado. Ele mostra-se híbrido, inacabado em seu próprio “estilo” multifacetado.

Com a visão pós-moderna, surge em cena uma dupla perda: do roteiro e do autor. Isso mostra que já não existem grandes relatos, tanto nas obras cultas ou populares, em que a sociedade e as classes se reconheciam e elegiam suas causas, suas razões. “O pós-modernismo não é um estilo, mas uma co-presença tumultuada de todos, o lugar onde os capítulos da história da arte e do folclore cruzam entre si e com novas tecnologias culturais”, aparecendo de forma híbrida e inacabada na sua multiplicidade.

As hibridações, anteriormente descritas, mostram que as culturas perdem a exclusividade com o seu território, sendo que, “hoje, todas as culturas são de fronteiras e que todas as artes se desenvolvem em relação a outras artes”, mas lucram em comunicação, em divulgação e conhecimento.¹⁹

No pós-modernismo, os conceitos já “definidos, estudados e servindo como base para outras discussões, têm ‘urgência’ em serem revistos e reavaliados”. Dessa forma, o conceito de *hibridismo* tornou-se motivo de discussões polêmicas pelo mundo acadêmico, nos mais distintos países e universidades e, naturalmente, o termo sofrerá acréscimos e revisões.

Já Alberto Moreiras faz uma análise extensa e complexa sobre a recepção da crítica contemporânea sobre o hibridismo. Moreiras critica, também, a opção de Hall por uma “etnia híbrida” que é a dialética contínua entre o local e o global. Embora, com visão antagônica aos conceitos teóricos de Canclini e Hall, o americanista Moreiras apoie as discussões, desenvolvidas por John Kranioukas e Walter Mignolo, sobre a necessidade de se continuar a elaboração do trabalho de Néstor García Canclini.²⁰

¹⁹ Ver CANCLINI.. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* p. 348.

²⁰ Ver MOREIRAS. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*, p. 315-316.

No entanto, Aijaz Ahmad,²¹ embora discorde do intelectual imigrante e *marginal*, sai em defesa do hibridismo cultural com base no intenso tráfego que liga e transforma as diversas culturas.

Polêmica à parte, quando conceituado, na década de 1990, o hibridismo cultural procurava focalizar a diluição das diferenças e separações culturais e acabou por se restringir à observação da mistura de duas culturas. No momento atual, o *hibridismo* mostra o cruzamento de múltiplas influências com suas mais diversificadas origens.

O híbrido não está circunscrito às margens, aos guetos de imigrantes, aos *barrios*, aos espaços alternativos ou aos dias atuais. Híbridos não são os *outros*: híbridos somos todos nós, são todas as culturas e todas as histórias.

Como nosso objeto de estudo volta-se, desde sua gênese, também para a questão da hibridação linguística, vale reiterar que a hibridação idiomática ou linguística é realizada mediante processos de composição, derivação e aglutinação, e constitui micro-processos de “conversação” entre idiomas e diferentes níveis da linguagem. A hibridação idiomática possibilita, ao escritor Guimarães Rosa, explorar um elevado grau poético, uma gama diversificada de recursos visuais e fônicos e “um sofisticado desdobramento da “temática de timbres”, para usar a expressão de Augusto de Campos.²² Também compreendida como tradução cultural, a hibridação fica evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial. É necessário lembrar que antigas e recentes diásporas, governadas por essa posição ambivalente do tipo dentro/fora, podem ser encontradas em toda parte.²³

Para Bhabha, esse processo tradutório dá uma resignificação a partir das fronteiras entre línguas, territórios e comunidades e os leva, ainda, à construção de valores éticos e estéticos que não pertencem a nenhuma cultura específica. São valores que surgem a partir da

²¹ AHMAD. *Linhagens do presente*: ensaios, p. 137.

²² CAMPOS. “Um lance de Dês’ do Grande sertão”. In COUTINHO. *Guimarães Rosa*, p. 334.

²³ Ver HALL. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais, p. 71.

experiência dessa travessia, projeto pós-colonial, em busca da reconstituição cultural. Afirma: “procura mais do que acomodar as diferenças; o projeto prevê a releitura da diferença cultural numa ressignificação do conceito de cultura”.²⁴

O hibridismo, aqui resumidamente descrito, constitui-se um dos conceitos que norteou o meu trabalho, recordando que as opções históricas e teoricamente viáveis são determinadas por várias alianças indisfarçáveis. Vali-me, também, do conceito de transculturação, pois, ao descentrar as fronteiras hierárquicas que imobilizam extremos inconciliáveis, o centro e a periferia, o arcaico e o moderno, a oralidade e a escritura, Guimarães Rosa assume uma posição desconstrutora contra toda forma de demarcação cultural estática e cultural. Rosa “reveste-se do papel de transculturador e instituir o princípio de “plasticidade cultural” entre sua herança cultural (de base arcaica e provinciana) e as modernas vanguardas européias”.²⁵ De modo sagaz, Guimarães Rosa incorpora as novidades, não apenas como peças abstraídas de uma grande babel, mas, sobretudo, busca fortalecer a antiga tradição cultural, aquela que é capaz de “respostas criativas, valendo-se da sua própria composição”.²⁶ Ainda, utilizei o conceito de “*localismo*”, que não é autor-suficientemente particular, mas que surge do global, sem ser, necessariamente ,cópia desse, e do polissêmico conceito de *fronteira*.

2 – Sobre o conceito de transculturação

A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Stuart Hall

De acordo com Angel Rama, “os processos de aculturação são tão velhos quanto o contato entre as sociedades humanas, mas o seu conceito e manejo pela antropologia são

²⁴ BHABHA. *O local da cultura*, p. 228.

²⁵ FANTINI. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 63.

²⁶ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 258.

muitos recentes”,²⁷ e como surgiu dentro da problemática do colonialismo europeu (inglês) e sofreu o contra-ataque da descolonização, tingiu-se de inferências ideológicas que não podem ser abandonadas, principalmente por se tratar de artes literárias.

Foi no contexto da antropologia hispano-americana, em 1940, que o cubano Fernando Ortiz questiona o termo “aculturação”²⁸, no seu livro *Contrapunteo cubano Del azúcar y del tabaco*, propondo o termo “transculturação” que, para ele, era fundamental para entender a história de Cuba, e, por analogia, de toda a América. Fernando Ortiz assim discorreu sobre o novo termo:

Entendemos que o vocábulo “transculturação” expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura para a outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura, que é o que a rigor indica o vocábulo anglo-americano, “aculturação”, mas implica também necessariamente a perda ou o desligamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de uma parcial *desaculturação*, e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturação*.²⁹

A escolha de um novo vocábulo, esclarece Ortiz, viria da necessidade de expressar os “variadíssimos” fenômenos que se originariam em Cuba, devido às “complexíssimas” transmutações de culturas que ela apresentava e que, sem conhecê-la, seria impossível entender a evolução do povo cubano nos âmbitos econômicos, institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, linguístico, psicológico, sexual, entre outros. Ortiz afirmara que “*La verdadera historia de Cuba se La historia de sus intricadíssimas transculturaciones*”.³⁰

Ortiz recorre ao estudioso Bronislaw Malinowski, antropólogo polonês que prefacia o seu livro de forma entusiasta, mas a sua interpretação latino-americana difere da visão de Ortiz. É um momento confuso, em que o estudioso cubano busca a criação de um novo conceito sem invalidar o conceito anterior. O conceito de transculturação de Ortiz, mesmo

²⁷ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 215-216.

²⁸ Aculturação é o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que acarretam transformações dos modelos. (*patterns*, no original) culturais iniciais de um ou dos dois grupos. O conceito foi criado em 1936 por três antropólogos norte-americanos, Roberto Redfield, Ralph Linton e Melville Herskovits. SANTIAGO. *As raízes e o labirinto da América Latina*, p. 24.

²⁹ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 216.

³⁰ ORTIZ. *Contrapunto cubano del tabaco y el azúcar*, p. 93.

sendo alvo de inúmeras críticas, permanece como referência para inúmeras reflexões acerca da questão de identidade, não só para Cuba, mas para toda a América Latina.

Nos inquietos anos de 1960, onde ocorrem crises e mudanças por todo o mundo ocidental, na América Latina também se procura falar uma linguagem nova para expressar a identidade de um continente novo e pouco conhecido. É nesse contexto que desponta Angel Rama, crítico uruguaio, com o artigo *Los procesos de transculturación en La narrativa Latinoamericana*, de 1974, e com o livro *La transculturación narrativa en Latinoamérica*, de 1982.

Ángel Rama, ao invés do já consagrado termo aculturação, prefere o novo vocábulo transculturação, forjado pelo antropólogo, privilegiando o campo da cultura e não do mercado. O crítico uruguaio sabia que a América Latina era palco de desunião de traçados arbitrários de fronteiras e de dirigentes de espírito oligárquico. Reconhecendo os limites históricos, trabalhou conscientemente as diferenças. Tendo como base o conceito de transculturação do antropólogo cubano, Rama buscará, no crítico brasileiro Antonio Candido, na obra *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos* (1959),³¹ duas noções básicas: uma – o *sistema literário*, como triângulo integrado entre autor, obra e público, que se prolonga no tempo, formando uma tradição ainda que não fechada sobre si mesmo; a *outra*, no caso de culturas e literaturas emergentes como a brasileira e as das Américas, esses sistemas constroem uma dialética entre a busca da universalidade e a manifestação da particularidade. A partir das noções de Antonio Candido, Rama trabalhará a ideia de *generacion* crítica aplicada ao próprio grupo do qual fazia parte.

³¹ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 19.

Também os intercâmbios buscados por Rama no antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, que estudava as “comunidades indígenas”, e no intelectual Charles Wagley,³² para explicitar a sua divisão da América Latina em “comarcas culturais”.

A comarca, criada pelo crítico uruguaio, é uma área onde há homogeneidade de elementos naturais, étnicos e culturais que convergem em formas similares de criação artística. São exemplos, o Caribe, a área pampeana, que engloba os trechos da Argentina, do Uruguai e do Brasil e a área que corresponde ao antigo Tihuantisuya ,dos Incas, ultrapassando as fronteiras do Peru e da Bolívia, região “andina que pertencia ao mundo de Arguedas”.³³

Para Rama, tanto a narrativa fantástica como a realista crítica, cujas bases foram formuladas na década de 1930, em Buenos Aires, foram difundidas para outras cidades que quiseram determinar o cancelamento do movimento narrativo regionalista (tradicional). A cultura modernizadora da cidade, que sofreu influência externa, passa a dominar as culturas internas. A esses; o crítico uruguaio chamou de “múltiplas configurações culturais”, porque, para se manterem vivas, enfrentaram o conflito provocado pelo impulso modernizador. Rama buscará, também, o apoio em *Désintégration culturelle et processus d'acculturation*, de Vittorio Lanternari,³⁴ que afirma que o impulso modernizador seria um fator de desintegração cultural, mas que não traria somente efeitos negativos, mas uma revitalização da cultura interna. De processo de reimersão e modificação, surgem três propostas aculturadoras: as peculiares a uma “vulnerabilidade cultural” que aceita as propostas externas e renunciam quase sem luta às próprias; as da “rigidez cultural”, que se instalam drasticamente nos

³² A maior divisão antropológica que se encontra é ainda de Charles Wagley, que fixa três grandes regiões latino-americanas: *Afro-América* (costa atlântica, zonas baixas, cultivos em fazendas, escravidão, contribuição cultural negra e forte diminuição indígena, regime senhorial), *Indo-América* (cordilheira dos Andes , áreas limítrofes de zonas temperadas e fria, forte composição indígena, agricultura e mineração, dominação hispânica, religião católica) e *Ibero-América* (região temperada do sul, colonização tardia, imigração européia, escassa contribuição indígena e africana, pecuária e agricultura, regime de exploração burguês, semelhante esboço de encontra em Darcy Ribeiro, nas obras *As Américas e a civilização* e *Estudos de antropologia da civilização*, que aborda especialmente os processos de mestiçagem transculturadora: *Povos Testemunhos* (meso-americanos e andinos), *Povos Novos* (brasileiros, grancolombianos, antilhanos e chilenos) e *Povos Transplantados* (rio-pratenses). RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 283.

³³ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 24.

³⁴ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 213.

produtos já alcançados por sua cultura, rejeitando toda a contribuição nova; e as que caracterizam a “plasticidade cultural”, que têm destreza para conciliar as novas estruturas formais com as próprias tradições.

Transculturização envolve processos de aculturação, de desculturização parcial e de neoculturização. A noção do processo, descrito por Ortiz, agrada a Rama, por mostrar uma perspectiva latino-americana, inclusive no que pode ter de interpretação incorreta por considerar a arte passiva ou inferior do contato de culturas, a destinada às maiores perdas, sem nenhum tipo de resposta criativa.

Para Rama, a visão de Ortiz é geométrica, em três diferentes momentos: em primeiro lugar, uma parcial desaculturação que pode alcançar diversos níveis e afetar várias áreas tanto da cultura, como da literatura, embora sempre acarretando perda de componentes considerados obsoletos. Em segundo momento, implica incorporações procedentes da cultura externa (reaculturação). Em terceiro lugar, mostra um esforço de recomposição, de adaptação dos elementos da cultura originária e com as influências que vêm de fora.³⁵ Esse esboço não justifica convenientemente nem aos critérios de seletividade nem os de invenção, que devem ser, obrigatoriamente, postulados em todos os casos de “plasticidade cultural”, uma vez que esse estado dá legitimidade a uma comunidade cultural. Para Rama, essa seletividade segue uma norma própria do processo cultural latino-americano que, ao se tornar independente, ao criar sua própria identidade, seleciona os elementos que rejeitam o que as sociedades europeias e norte-americanas deixaram para trás, tirando-os de seu contexto, apropriando deles de forma arriscada e abstrata.

Essa seletividade aplicada, especialmente na própria cultura, pode provocar destruições e perdas enormes, irreparáveis. O grande empenho, na busca de valores resistentes, capazes de fazer frente aos danos causados pelo processo de transculturização, é a

³⁵ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 264.

maneira pela qual pode ser vista como uma tarefa inventiva, como parte da *neoculturação*, de que fala Fernando Ortiz, que está lidando, simultaneamente, com duas culturas diferentes. Ocorrem, então, perdas, seleções, assimilações e redescobertas operadas todas ao mesmo tempo e se resolvem em um amplo remanejamento cultural. Esse é o momento de maior função criadora dentro do processo de transculturação. “Utensílios, normas, objetos, crenças e costumes, que é determinada pela estrutura funcional de uma cultura”.³⁶

O que o crítico uruguaio deixa claro é que, ainda que prossiga pesquisando nos mais diversos autores e locais, ele especifica o foco de sua aplicação, assim como privilegiou a “plasticidade cultural”, por ser intermediária entre “vulnerabilidade” e “rigidez”.

Dessa maneira objetiva, Rama dedica-se aos chamados, por ele, de “regionalistas-plásticos”,³⁷ que também fazem um papel de intermediários. O crítico usa esse termo para designar alguns escritores que estariam em transe de transculturação (os que teriam se libertado da linguagem dual dos primeiros regionalistas).

As narrativas consideradas transculturadoras, por Rama, devem possuir três requisitos fundamentais: a língua, a estruturação literária e a cosmovisão. Vejamos os três, de forma breve.

a) O crítico uruguaio considera que o primeiro impacto modernizador ocorreu no final do século XIX, quando se deu o que os hispano-americanos chamam de modernismo e, o segundo, entre as duas guerras do século XX.

A *língua* surge como um reduto defensivo, como prova de independência. Rama esclarece, sobre as duas vertentes fixadas pelo modernismo: de um lado, a *reconstrução purista da língua espanhola*, utilizada especialmente nos assuntos históricos, como *La glória*

³⁶ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 266.

³⁷ Os “regionalistas-plásticos” seriam os herdeiros do primeiro regionalismo, também chamados de continuadores-transformadores e transculturadores, teriam encurtado a distância entre a língua do narrador-escritor e a dos personagens. RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 267.

de *Don Ramiro*, de Enrique Larreta; e do outro, uma *reconversão culta das formas sintáticas do espanhol americano*.³⁸

Paralelo ao modernismo, sugere o costumbrismo romântico, que chegou a ser chamado de “crioulas” e, nas quais, começaram a ser recolhidas as formas idiomáticas dialetais.

O crítico uruguaio assegura que os primeiros “regionalistas”³⁹ usavam o sistema dos personagens de preferência rural, com a intenção de ambientação realista. E, para solucionar os registros regionais, usavam recursos para mostrar essas diferenças: como o uso das aspas e a adoção de glossários, visando esclarecer os falares americanos que não constavam no *Dicionário da Real Academia Espanhola*.

Rama argumenta que esses arranjos ressaltam a estrutura da sociedade em que se insere o próprio escritor e reflete a sua condição ambígua que, ao mesmo tempo em que se aproximava das camadas populares ao adotar a sua linguagem, criava um distanciamento a partir dela mesmo, colocando-se num nível superior em que se julga situar.⁴⁰

Com relação a personagens que utilizem alguma língua autóctone americana, Rama afirmava que esses escritores, herdeiros do primeiro regionalismo, procurariam encontrar um equivalente dentro da língua espanhola. E cita José María Arguedas, Augusto Roa Bastos, Manoel Scorza, que forjaram uma língua artificial e literária, que mantém tonalidade única na obra, mas registrando a diferença na língua. Resumindo,

são essas algumas vias pelas quais se propõe a unificação linguística do texto literário, respondendo a uma concepção de organicidade artística evidentemente mais moderna, graças a uma muita nova e impetuosa confiança na língua americana

³⁸ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 266.

³⁹ Ángel Rama conhecia as ideias do antropólogo brasileiro Gilberto Freire (1900-1987) ao menos no Manifesto Regionalista de 1926 e que o crítico uruguaio teria tomado os termos “regionalista” e “regionalismo”, não pelo tratamento dado ao literário, mas por ter sido desenvolvido para abranger a cultura de modo integral. CUNHA *apud* RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 228-229.

⁴⁰ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 267.

própria, aquela com a qual o escritor lida todos os dias. Com as variantes previsíveis, essa é a linha mestra de toda a produção literária posterior a 1940.⁴¹

Essa forma de unificação foi usada, segundo Rama, tanto por um dos melhores expoentes do cosmopolitismo literário, Júlio Cortázar, em *Rayuela*, quanto pelos escritores que ele denominava em transe de transculturação. Esses escritores passam a utilizar o léxico, a prosódia, a morfologia e a sintaxe da língua regional para prolongar os conceitos de *originalidade e representatividade* tão defendidos pelos primeiros regionalistas e, ao mesmo tempo, respeitar a organização artística da obra, como sugeria a norma modernizadora.⁴²

O crítico uruguaio argumenta que o antes era a língua de personagens populares, e, dentro do mesmo texto, se opunha à língua do narrador-escritor, passaria a ser a voz que narraria, tomaria a voz do escritor e mostraria sua visão de mundo preservando a própria identidade. Então, o narrador integrado à comunidade rural ou indígena, fala a partir dela, buscando uma recriação da linguagem, sem imitar a fala regional.

Rama percebe que esses escritores, para resolver a questão da língua, buscam, na teoria de Fernando Ortiz, o que seria a neoculturação:

A partir do momento em que o autor não se percebe fora da comunidade, mas a reconhece como própria, sem pudor e sem sentir diminuído, abandona a cópia com cuidadosa caligrafia, de suas irregularidades, suas variantes referentes à norma acadêmica externa e, em vez disso, pesquisa as possibilidades que lhe proporciona para construir uma língua literária dentro de seus limites. Ocorre aqui um fenômeno de neoculturação, como dizia Ortiz. Se o princípio de uma unidade textual e construção de uma língua literária privativa da invenção estética pode responder ao espírito racionalizador da modernidade, em compensação a perspectiva linguística a partir do qual ele assume, restaura a visão regional do mundo, prolonga a sua vigência de uma forma ainda mais rica e interior do que antes e assim expande a cosmovisão original de um modo mais bem ajustado, autêntico e artisticamente solvente, de fato modernizado, mas sem destruição da identidade.⁴³

b) A estruturação literária, para o crítico uruguaio, consistiria na escolha de um modelo narrativo, entre o que dispunham, como a *novela regional* — saída do naturalismo do século XIX, com uma concepção racionalizadora rígida, filho do sociologismo e do

⁴¹ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 267.

⁴² Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 268.

⁴³ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 269.

psicologismo do século XIX e rejuvenescida, superficialmente, ou a das *vanguardas* com suas novas estruturas.

De acordo com Rama, a resposta transculturadora pode ser encontrada em dois exemplos: ao que chama de fragmentarismo da narração, por meio do *stream of consciousness*, presente em romances de James Joyce a Virgínia Wolf, opôs-se ao “monólogo discursivo”, que teria suas fontes tanto na narrativa clássica, quanto nas fontes orais da narrativa popular, que é o modelo utilizado por João Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*. O segundo exemplo é o relato compartimentado por meio de justaposição, de pedaços soltos de narração como em John Passos; opôs-se a ele o discorrer disperso das “comadres do povoado” que intermesclam suas vozes sussurantes, usado por Rulfo em *Pedro Páramo*; em resumo, é a recuperação das estruturas da narração oral e popular.

c) Para o crítico, a “composição” é o que engendra todos os significados, é o ponto central onde se assentam os valores, se desenvolvem as ideologias, sendo, portanto, mais difícil de se render às mudanças da modernização homogeneizante baseada em padrões estrangeiros.⁴⁴

Rama identifica que uma pluralidade nas tendências literárias recuperadoras da cultura tradicional estaria presente, também, nas características da vanguarda. A tendência modernizadora trouxe novas visões sobre os mitos e, dessas revisões, algumas partiram da antropologia inglesa, com os trabalhos de Edward Taylor e James Frazer; com os estudos psicanalíticos de Sigmund Freud, Otto Rank e Carl Jung e com os religiosos, como de Mircea Eliade. Para o crítico uruguaio, a nova visão do mito foi de grande validade para interpretar os traços da América Latina, uma vez que os transculturadores descobriram algo maior que os mitos literários, aos quais Rama chamava de irracionalismo da vanguarda — e passaram ao “pensar mítico”.⁴⁵

⁴⁴ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 273.

⁴⁵ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 278.

A língua, a estruturação e a cosmovisão literária adquiriram uma real importância num continuador/transformador do regionalismo, o brasileiro João Guimarães Rosa, tal como o definiu Alfredo Bosi, “o regionalismo, que deu algumas das formas menos tensas de escrita (a crônica, o conto folclórico, a reportagem), estava destinado a sofrer, nas mãos de um artista demiurgo, a metamorfose que o traria de novo ao centro da ficção brasileira”.⁴⁶ Nesses dois níveis, a operação literária é a mesma: desloca-se de uma língua e de um sistema narrativo-popular profundamente enraizado na vida sertaneja, o que se ampliaria com uma pesquisa sistemática que explicasse a coleta de numerosos arcaísmos e a inovação de variados pontos de vista com que o narrador elabora um texto interpretativo de uma realidade e ambos os níveis são projetados num receptor-produtor, no caso, Guimarães Rosa.⁴⁷

Faz-se necessário lembrar que Guimarães Rosa é um viajante e sua poética tem vocação plurilinguística e transnacional. O conhecimento de vários idiomas, o trânsito por inúmeras culturas, a diversidade de focos assegurada pelo olhar multifacetado do escritor-sertanejo, médico, intelectual, diplomata, são fatores que definiram sua poética de “fronteira”.

Os três níveis de transculturação narrativa: uso da língua, a estruturação literária e cosmovisão, defendidos por Rama, são encontrados na obra de Guimarães Rosa, que teve a capacidade de tornar manifestas potencialidades ainda não realizadas; de “agenciar novas redes de sentido e de conciliar *experiência* e *discurso*, tendo sempre em vista a relação oposta entre essas duas instâncias”.⁴⁸

Ángel Rama discute o papel de transculturadores que viveram num período decisivo de suas vidas (infância, adolescência) em locais — exemplo, Minas Gerais, de Guimarães Rosa; a costa colombiana, de Garcia Marques; a Jalisco mexicana, de Juan Rulfo e a região serrana do Peru, de José Maria Arguedas. Tendo, essas regiões, desenvolvido práticas

⁴⁶ BOSI. *História concisa da literatura brasileira*, p. 484-485.

⁴⁷ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 271.

⁴⁸ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 280.

autônomas e endogâmicas, isolaram-se do processo de modernização ocidental.⁴⁹ Ao integrarem centros urbanos, os escritores, delas descendentes, puderam absorver novas influências, sem, no entanto, perder as profundas marcas de sua cultura regional. Servir de mediador entre a sua região de origem e outras culturas é um dos mais importantes papéis que eles, enquanto escritores, viriam a desempenhar. Puderam estender uma ponte entre setores localistas com padrões culturais próprios e um projeto modernizador amplo.

Transculturador é aquele que, segundo Rama, desafia a cultura estática — porque presa à tradição local — a desenvolver suas potencialidades e produzir novos significados, sem, contudo, perder sua textura íntima.⁵⁰ A transculturação está na base da história cultural do continente que, como afirmava Octávio Paz, “antes de ter existência histórica própria, começa sendo uma idéia européia, um capítulo da história das utopias européias”.⁵¹ Os processos da transculturação antropológica e literária estão na base da história cultural do continente e auxiliam a compreender e a explicar a diferença entre os povos das Américas de todos os outros povos.

2.1 – Guimarães Rosa transculturador

Rosa reveste-se do papel de transculturador para instituir o princípio da *plasticidade cultural* entre sua herança cultural (de base arcaica e provinciana) e as mais avançadas vanguardas europeias.

Guimarães Rosa é um mediador entre duas culturas desconectadas: o interior-regional e o exterior-universal. O princípio mediador é utilizado na própria obra: o Riobaldo, de *Grande sertão: veredas*, é jagunço e letrado, papel que também ocupa Grivo em *Cara-de-Bronze*, que sabe o nome das coisas. No peculiar relato de Riobaldo, Roberto Schwarz

⁴⁹ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 318.

⁵⁰ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 318.

⁵¹ *Apud* FIGUEIREDO. *Conceitos de literatura e cultura*.

reconhece “como uma fala que nasce de um interlocutor que a promove”,⁵² o que Unamuno teria definido, sagazmente, como monodíálogo. É pela boca de Riobaldo que todas as personagens do romance falam. O monodíálogo inicia-se com um “travessão” e vai terminar em “travessia”. Esse interlocutor, que nunca fala, mas que sem sua existência o monólogo não tomaria forma, utiliza-se da forma de “reportagem” para investigar uma cultura basicamente sem registro, que continua sendo transmitida por via oral.

De uma ponta a outra, na obra de Guimarães Rosa, dispomos de seu testemunho sobre esse procedimento para recolher uma informação e estudar a língua e as formas narrativas de uma cultura pecuária e rural. Em 1947, é o texto “Com o Vaqueiro Mariano”, contemporâneo de *Sagarana*; em 1962, surge a “Estória do Homem do Pinguelo”, que também reconstrói uma cena original do informante rural, que vai sendo avaliado pelo escritor enquanto desenvolve o seu discurso.⁵³ No primeiro exemplo, a narração de Mariano sobre os bois vai sendo observada pelo interlocutor, que acrescenta, à fala do vaqueiro, referências ao estilo e às palavras (“Refletia para responder-me em coloquial mistura de *quasca* e mineiro”. “Um as palavras intensas, diferentes, abrem vastos espaços onde o real rouba a fábula”), até reconhecer que o sistema narrativo é o que constrói a pessoa, o personagem narrador: “Tampouco as histórias se desprendem, sem mais nem menos, do narrador elas o realizam; narrar é resitir”.⁵⁴ Com outra visão: a resistência de uma cultura à modernização, “se apóia especialmente num modelo peculiar de narrativas, nos quais podemos vislumbrar a estrutura das formas de pensar”.⁵⁵ Ao transcrever a mensagem, vai se delineando o código com a qual é elaborada, buscando construir uma totalidade entre a narrativa rural e a proposta modernizadora. Ele próprio é transculturado, pois, para realizar-se, apela, em primeiro lugar,

⁵² SCHWARZ. *A sereia e o desconfiado*, p. 35.

⁵³ ROSA. Estas estórias, p. 773-779; Ave, palavra, p. 933-938 e 1011-1013. In: _____. *Ficção completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1994.

⁵⁴ ROSA. *Ficção completa*, p. 779.

⁵⁵ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 272.

para uma manifestação tradicional, o discurso falado, estendendo-o, homogeneamente, a todo o relato.

Walnice Nogueira Galvão observou que “a fala é também o grande unificador estilístico; elimina a multiplicação de recursos narrativos: variação da pessoa do narrador, cartas, diálogos e outros monólogos — até as personagens do enredo que falam pela boca de Riobaldo”.⁵⁶ Existe certa concordância de que, para assegurar o êxito da transculturação, é fundamental que a cultura “dominada” sob o princípio da plasticidade cultural seja capaz de inscrever-se na cultura dominante, sem que isso possa acarretar perda de seus próprios componentes culturais.

De acordo com Antônio Candido, o princípio da plasticidade cultural “assume cabal importância na transformação da cultura latino-americana, sobretudo por promover a fecunda mediação entre dimensão nacional e a dimensão universal, em lugar da posição retórica do passado”.⁵⁷

3 – Sobre a questão do local

Eu atravesso as coisas e no meio da travessia, não vejo:
Só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada [...]. Digo: real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Guimarães Rosa

A preocupação de Guimarães Rosa em renovar a língua literária , tornando-a apta para o mundo, junta-se ao seu exercício de superação do

[...] regionalismo restritivo, que, no Brasil e em outros países da América Latina, durante muitas décadas, esteve voltado para a documentação de problemáticas socioculturais ou para a descrição do exotismo da cor local do que propriamente para as questões universais ou para a assimilação de modelos estéticos oriundos da vanguarda européia.⁵⁸

⁵⁶ GALVÃO. *As formas do falso*, p. 70.

⁵⁷ CANDIDO. *Recortes*, p. 144.

⁵⁸ Ver FANTINI. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 45.

O hibridismo, que reflete na mescla linguística e cultural, e que está nos primórdios da nossa formação, fornece ao escritor-diplomata o meio para o uso especial da língua aglutinante e híbrida que utiliza em suas obras literárias.

Guimarães Rosa busca o refinamento técnico de sua linguagem que, entre outras, buscas e experimentações, inclui o princípio de aglutinação colocando frente a frente idiomas distintos (como, por exemplo, o idioma japonês no conto “Cipango” e o paraguaio em “Sanga Puytã”). Dessa maneira, Rosa pôde transformar as singularidades regionalistas, levando os traços considerados pitorescos a alcançar a universalidade.

Essa busca de Rosa ocorre paralelamente às conquistas formais de outros escritores da América Latina, a exemplo de Miguel Angel Astúrias, Juan Rulfo, Gabriel Garcia Marques, Jorge Luís Borges. Pode-se reconhecer, nesse refinamento formal, um relevante agenciador do “*regionalismo transnacional*” ou, endossando uma expressão de Antonio Candido, o “*transregionalismo*”, cuja conseqüência foi o *boom* internacional da literatura latino-americana”.⁵⁹ Rosa contribui para a criação de um cânone alternativo, surgindo de formações literárias híbridas produzidas em situação colonial, num movimento duplo de assimilação e resistência.

Por ocasião do surgimento de *Sagarana* em 1946, Antônio Candido nota que, ao libertar-se do referencial regionalista, Guimarães Rosa ultrapassa o estritamente regional e dá novo brilho ao caminho feito por seus antecessores. Afirma o crítico:

Sagarana nasceu universal pelo alcance e pela coesão de fatura. A língua parece ter finalmente atingido o ideal de expressão literária regionalista. Densa, vigorosa, foi trabalhada no veio da linguagem popular dentro das tradições clássicas. Mário de Andrade, se fosse vivo, leria comovido esse resultado esplêndido de libertação lingüística, para que ele contribuiu com a libertinagem heróica da sua.⁶⁰

Ressalta, Paulo Nolasco dos Santos, que “a análise de Candido serviu àquele momento específico em que se ansiava pela interdependência cultural, rasurando e superando

⁵⁹ Ver FANTINI. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 45.

⁶⁰ CANDIDO. *Sagarana*. In: COUTINHO. *Guimarães Rosa*, p. 245.

os traços da ‘dependência’. Hoje, com a globalização cultural, as discussões tendem não só para a revisão, mas, também, para a afirmação das peculiaridades e das produções simbólicas ligada a certa região e o que nela se processa e se produz, enquanto ‘construtora’ de regionalismo.⁶¹

No momento, há um relevante número de escritores com enfoque no regionalismo, localismo, identidades e questões de fronteiras, entre os quais mencionamos Ángel Rama, Hugo Achugar, Alberto Moreiras, Stuart Hall, Néstor García Canclini, Homi K. Bhabha, Walter Mignolo, Cássio Hissa, que buscam repensar e redimensionar os conceitos que já foram e continuam sendo amplamente utilizados e revisitados. A visão plural, híbrida e questionadora do universo rosiano pode ser reconhecida em cada narrativa, em cada personagem, na linguagem e nos locais simbólicos ou reais de sua ficção. Não é por acaso que vários críticos valem-se da obra rosiana para ilustrar suas argumentações teóricas, como foi, aliás, o próprio caso de Rama.

Como o que nos interessa neste estudo é a questão do local, resta-nos perguntar: de que lugar fala o escritor Guimarães Rosa, pelo menos quando se trata dos textos aqui em estudo? Que recado nos enviam seus personagens — a partir de um local periférico, onde balbuciam, mal reciclados, muitos resíduos da cultura arcaica ibérica e de outras culturas trazida para a América Latina — que precisam da mediação de outra voz que traduza e atualize, para o código escritural, os anacronismos (confusões) dialetais e temporais de suas formações discursivas, a exemplo da personagem do conto “Entremeio como o vaqueiro Mariano”, que pode ter sido a gênese de sua obra?

Se falamos a partir da periferia, e falamos com o discurso latino-americano, que é outra forma de periferia, cabe ressaltar que *precisar o lugar de onde se fala não implica*

⁶¹ SANTOS. *Fronteiras do local*, p.25.

exclusivamente numa determinação geográfica cultural. Precisar o lugar é determinar a posição do sujeito e o modo da enunciação. De acordo com Achugar,

o lugar a partir de onde o escritor latino-americano interpreta sua cultura não pode ser um *locus* neutro nem asséptico, mas contaminado e parcial: contaminado pela história pessoal, parcializado pela história social e pessoal, mas também pela localização geográfico cultural desse espaço do planeta.⁶²

De acordo com Nolasco, o local

[...] é sempre “regionalista”, ou seja, próprio dele mesmo. Não é por acaso que é desse lugar que a criatura começa a falar, a engatinhar-se por dentro de seu território (casa). De sua aparente errância pelo local herda um narcisismo ignorante que precisa ser desconstruído. Aqui, lonjuras e louvações a um *naturismo primevo* são piegas e não servem para pensar. O local é a *minha* herança nunca herdada.⁶³

O lugar de onde Guimarães Rosa fala é a fronteira em que se mesclam línguas estrangeiras entre si e entrecruzam várias geografias, culturas e vários povos. Ainda que a língua utilizada por Rosa seja a portuguesa e suas variantes brasileiras, especialmente utilizadas no sertão mineiro, ocorre, na linguagem rosiana, uma visível hibridação entre o português e outros idiomas. O convívio de Rosa com distintos saberes, línguas e culturas provavelmente possibilitou ao escritor-diplomata a oportunidade de “revisitar a sua própria história e reinaugurá-la, de uma maneira que vai da mais particular à mais universal e da mais universal à mais particular”.⁶⁴ A vivência de Rosa entre a rusticidade sertaneja e o cosmopolitismo europeu, certamente, contribuiu para tornar transnacional a sua obra.

4 – Fronteiras (e limites)

Se como queria Drummond, Minas é *dentro e fundo*, diríamos que Mato Grosso do Sul está em estado de *superfície permanente*. Sua gênese já a é “das diferenças”

Edgar Nolasco

⁶² ACHUGAR *Planeta sem boca*, p. 199.

⁶³ NOLASCO *apud* SANTOS. *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Aba do livro.

⁶⁴ FANTINI. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 67.

A questão de fronteiras e limites é recorrente na vida profissional⁶⁵ e literária de Guimarães Rosa. A viagem por muitas geografias, o convívio com diversificadas culturas, o conhecimento de várias línguas foram fatores preponderantes no enfoque fronteiriço, em sua obra ficcional. Na vida real, enquanto viajante/pesquisador, tem um encantamento e aceitação face às diferenças culturais de cada povo.

No ano de 1963, o crítico uruguaio, Emir Rodríguez Monegal (que anos após, viria tornar-se um importante biógrafo de Jorge Luis Borges), visita Guimarães Rosa, no Rio de Janeiro, quando Rosa já é ministro de 1ª classe, ocupando o cargo de chefe de serviço de demarcação de fronteiras, no Itamaraty. Durante a longa entrevista, o escritor explica, minuciosamente, como constrói sua poética, como vai dando forma aos textos, como insere os diversos idiomas no português. Isso leva Monegal a afirmar: “enquanto escutava Guimarães Rosa falar com precisão e sem nenhuma pressa, pensei que essa tarefa devia ser também um serviço de demarcação de fronteiras”.⁶⁶

De acordo com Hissa, “fronteiras e limites, em princípio, fornecem imagens conceituais equivalentes, mas é possível perceber aproximações e distanciamentos entre ambos”.⁶⁷ O limite parece ser uma linha abstrata, fina o suficiente para ser incorporada pela fronteira e a fronteira um espaço abstrato *areal*, por onde passa o limite, afirma, ainda, o geógrafo.

A fronteira é posta como começo de seu território, “comissão de frente”, separando seu espaço do outro, mostrando sua presença. O limite, voltado para dentro, dá ideia de distância e separação, enquanto a fronteira exposta vale-se do contato e integração.

Refletir sobre fronteiras e limites é, também, refletir sobre o poder. Limites e fronteiras existem para firmar domínios e determinar (demarcar) territórios.

⁶⁵ Guimarães Rosa trabalhava na Divisão de Demarcação e Fronteiras, no Instituto Itamaraty, Rio de Janeiro. (últimos anos).

⁶⁶ MONEGAL *apud* FANTINI. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 131.

⁶⁷ HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*, p. 34.

Heloisa Vilhena Araújo, por ocasião do 20º aniversário de morte de Guimarães Rosa, foi encarregada de documentar o material diplomático escrito por ele no decorrer de sua carreira no Itamaraty. Entre os documentos, encontra a “Nota nº 92”, de 25 de março de 1966. A questão tratada nesse documento é a “soberania nacional”.

O assunto gira em torno da disputa de limites territoriais entre o Brasil e o Paraguai. “Agora o tom diplomático é duro, firme, objetivo e revela posições extremamente claras e definidas”.⁶⁸ O que está em jogo é a revisão do Tratado de Limites, de 9 de janeiro de 1872, questão nada ficcional de demarcação de fronteiras entre o Brasil e o Paraguai, pendente, desde a guerra, entre os dois países. No momento das negociações, discute-se a utilização conjunta do Rio Paraná, visando a construção da hidrelétrica de Itaipu. Distante das leves demarcações simbólicas de suas fronteiras literárias, a mão forte do autor carrega, agora em traços vigorosamente realistas. “A “Nota nº 92” é composta de vinte e seis laudas de impositiva negociação. Dirigida à embaixada paraguaia, em resposta às suas falaciosas tentativas de desautorizar as deliberações do “Tratado de Limites”, de 1872, essa nota desarma um a um os argumentos do país vizinho”.⁶⁹ No livro de Araújo, lê-se o seguinte comentário de Rosa:

No dicionário as palavras “demarcação” e “demarcar” cobrem faixa mais ou menos larga de significados. Mas quando se assina um ajuste de limites e foi o caso do Tratado de Limites de 1872 — cria-se uma Comissão Mista, para o fim específico de transportar para o terreno a linha estipulada. Fixa-se a divisória, a demarcação *executa* o tratado. É uma operação definitiva, de valor jurídico e alcance político, com efeitos permanentes. Uma tal demarcação, uma vez aprovada pelos dois países, não poderá mais ser cancelada unilateralmente. Plantam-se os *marcos principais*, ou de 1ª ordem, assinalando-se os *pontos notáveis*, e que não deixam dúvida quanto à raia que extrema os dois países. Tais pontos são descritos nas Atas, nas quais se consignam e registram suas coordenadas geográficas, e exarados nas Plantas e Cartas. Isto se chama *demarcar*.⁷⁰

Apesar dessa veemente defesa da soberania nacional, que faz parte dos ossos do ofício do embaixador, que utiliza conceitos de demarcação e *metrologia*, do século XIX, para

⁶⁸ ARAÚJO. *Guimarães Rosa: diplomata*, p. 13-16.

⁶⁹ ARAÚJO. *Guimarães Rosa: diplomata*, p. 79.

⁷⁰ ARAÚJO. *Guimarães Rosa: diplomata*, p. 96.

colocar os marcos definitivos na fronteira entre Brasil e Paraguai, usa tom firme, mas com ética e elegância. Enquanto narrador, Guimarães Rosa desmarca os referentes *espácio-temporais* que medem o traçado de seu mapa ficcional, mudando a noção de fronteira e de limites territoriais.



Sanga Puytã

CAPITULO II – RUMO À ESTAÇÃO CENTRO-OESTE

Eu carrego o sertão dentro de mim e o mundo no qual eu vivo também é o sertão. As aventuras não têm princípio nem fim. E os meus livros são aventuras, para mim são a minha maior aventura. Escrevendo, descubro sempre um novo pedaço do infinito. Vivo no infinito. O momento não conta.

Guimarães Rosa

A geografia é o fio temático que conecta aventuras, etapas e acontecimentos. Pode-se dizer que a narrativa de viagem é a transformação do mundo em discurso.

Lily Litvak

2 – O roteiro cartográfico de Guimarães Rosa

Homem de cultura erudita, pesquisador contumaz, desde muito jovem, Guimarães Rosa soube, como poucos, conciliar sua reconhecida inventividade com uma obsessiva pesquisa a fontes da mais diversificada procedência e por toda a sua vida estudando os mais diversos idiomas. E viajando. Guimarães Rosa é um homem de travessia, que, aliás, parece ser um termo-chave em sua obra: o autor e seus personagens sempre em movimento, sempre em ação.

Em 1945, Rosa viaja para o sertão mineiro, para “matar” a saudade, mas, também, como pesquisador (será início de suas *entradas* para o sertão), onde busca a gênese de seus personagens para os futuros livros. Nessa viagem, passa alguns dias na fazenda Pindaíbas, na região de Paraopeba, seguindo, depois, para Cordisburgo, onde revê seus pais e visita a gruta de Maquiné e a Fazenda Três Barras, que pertencera ao seu bisavô e que continuava nas mãos da família.

Em carta ao amigo Antônio Azeredo da Silveira (Rio de Janeiro, 20/12/1945), também diplomata, comenta o sucesso da viagem: “queria rever a mãezinha terra, voltar às origens, para preparar-me para outro livro, que já começo precisar de escrever. (...) colhi coisas maravilhosas, voltei contente como um garimpeiro que tivesse enchido a sacola”.⁷¹

Certamente, Guimarães Rosa fez, essa viagem, munido de suas inseparáveis cadernetas, onde costumava registrar tudo o que via, ouvia e imaginava — material que posteriormente selecionado usaria em suas estórias.

Em 1947, Guimarães Rosa resolve visitar um sertão mais distante, quer conhecer o “país do Boi” e viaja para o, então, Estado de Mato Grosso, como artista-narrador-turista. De acordo com Maria Adélia Menegazzo, o artista-narrador-turista é o “homem capaz de

⁷¹ ROSA. *Cadernos de literatura brasileira*, p. 21.

“conversa” entre o escritor e o vaqueiro do conto, “Com o vaqueiro Mariano”, analisado no capítulo III, deste trabalho.

A maneira como Guimarães Rosa registra tudo o que vê e ouve, a atenção que dedica à natureza e à cultura nativa têm muitos pontos em comum com a obra de Euclides da Cunha e o relato dos viajantes e cientistas do século XIX, especialmente os que percorreram o sertão de Minas Gerais, como: Wied-Newied, Saint Hilaire, Spix e Martius e Emanuel Pohl, autores que “foram cuidadosamente lidos pelo escritor, como atestam seus cadernos de estudos”.⁷⁴

Os naturalistas viajavam para os países exóticos para torná-los conhecidos aos olhos da ciência, introduzindo-os no mundo do saber escrito da época. De acordo com Flora Süssekind,

Os naturalistas e paisagistas foram os principais interlocutores dos primeiros esforços intelectuais brasileiros: a) na composição de paisagens nativas que exibem um Brasil quase só natureza, com vistas amenas e exuberâncias vegetais, visões paradisíacas, tipos e costumes peculiares; b) na configuração de um narrador de ficção nos moldes de um viajante em constante deslocamento, que observa e registra a paisagem nativa, com um olhar de fora, deslocado do cenário; c) na própria definição da literatura brasileira como viagem obrigatória de descoberta do Brasil, onde o narrador tem função de guia de uma expedição de caça às origens, raízes e essências da nacionalidade; d) e na sensação de desconcerto, consciente ou não, que o acompanha, ao confrontar paisagens imaginárias e deslocamentos reais: o descompasso do que se define como o Brasil — original, pitoresco, paradisiacamente singular, coeso, só-natureza — e o que vive de fato — influência européia, divisões sociais, raciais e regionais, violência, ruínas.⁷⁵

Ao valorizar a viagem de pesquisa para recolher elementos para suas histórias, Guimarães Rosa retoma o modelo das viagens científicas, como forma privilegiada de produzir novos conhecimentos. Ainda que seguindo os modelos dos viajantes cientistas em suas antigas trilhas e a forma de anotar de quem está de passagem, Rosa e os viajantes se diferenciam, pois a maneira de observar os cenários naturais são diferentes. O olhar dos viajantes cientistas é de fora, conhecedor de grande saber, classificatório, quer etiquetar o mundo. Rosa, por sua vez, quer ver o mundo com olhos de vaqueiro. Rosa busca a alma dos bois.

⁷⁴ BELLUZZO. *O Brasil dos viajantes*, p. 22.

⁷⁵ SÜSSEKIND. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 96.

Ilustração 3 – Mapa do Estado de Mato Grosso do Sul⁷⁷

(encontra-se sinalizada a travessia de Guimarães Rosa)

2.1 As paragens (obrigatórias) do visitante-turista

Em julho de 2007, fez 60 anos que Guimarães Rosa visitou, como artista-turista-observador, o então Mato Grosso. Saiu do Rio de Janeiro, passando pela cidade de São Paulo e de lá para a de Bauru-SP, onde fez a “baldeação” de trem, viajando agora pela estrada de ferro Noroeste do Brasil, com destino a Campo Grande, onde faz sua primeira parada. Era um local de grande trânsito, servindo de referência para os que adentravam ou regressavam do sertão. Era, também, contato para pequenas povoações do sul do Estado e ponto de passagem para outros Estados e para os países vizinhos. Podia ser comparada a uma pequena babel, com imigrantes de distintas nacionalidades, com migrantes de vários locais, com nativos dispersos de várias tribos, portanto, pode-se afirmar que já nasceu híbrida.

É nesse contexto que Guimarães Rosa, que tão bem conhecia a questão da imigração japonesa (Rosa nasceu em 1908, quando a imigração japonesa tornou-se oficial e efetiva no Brasil), vai visitá-los. Rosa fala diversos idiomas e é no idioma nipônico, provavelmente, que conversa com os proprietários das colônias japonesas. As informações colhidas por ele resultarão no conto “Cipango”, que nos dá uma noção de como era a vida dos imigrantes em suas colônias. Os detalhes desse encontro podem ser observados no capítulo III, em que se discute o conto “Cipango”, um dos nossos objetos. Como artista-turista-observador, Rosa visita algumas colônias nipônicas aqui instaladas a partir de 1914. Esses imigrantes participaram das obras da ferrovia Noroeste do Brasil e, quando terminado o trabalho para o qual vieram, compraram pequenas glebas de terra, onde produziram hortaliças e outros produtos que vendiam nas feiras livres ou de casa-em-casa. Guimarães Rosa tinha

⁷⁷ Disponível em: <http://www.transportes.gov.br/bit/estados/port/ms.htm> – acesso em: 04 de novembro de 2008.

conhecimento da imigração japonesa e interesse pela língua que falavam, pelo trabalho que realizavam e como viviam, pois, também ele, vive o papel de imigrante.

Rosa, entusiasmado com a viagem, escreve uma longa carta a Azeredo da Silveira (Rio de Janeiro, 05/08/1947) descrevendo sua grande aventura:

Rodei pelo Pantanal, pelo planalto, pelo roteiro (às avessas) da Retirada da Laguna. Vi coisas espantosas. Andei de trem, de automóvel, de camionete, de caminhão, de “jardineira”, de avião teco-teco, de carro-de-bois, de vapor fluvial, de lancha, canoa, batelão, de prancha, de locomotiva, de pontão, de carreta, a pé, a cavalo, em cavalo, em boi, em burro... Vestido de caqui, com polainas de lona, com mochila, cantil, capacete de explorador. Falei como japoneses, com colonos búlgaros, ervateiros, vaqueiros, índios Terena, chefes revoltosos e legalistas paraguaios, no Paraguai, e aqui chego, de volta.⁷⁸

Em novembro, em carta ao pai (Rio de Janeiro, 25/11/1947), volta a falar da viagem pelo Pantanal inundado, com sua fauna exuberante e menciona a conversa travada com caçadores de onça:

Gostaria de responder longamente, contando coisas do Mato Grosso e especialmente do Pantanal (Nhecolândia) — que é um verdadeiro Paraíso Terrestre, um Éden, cheio de belezas como nunca supus encontrar. (...) A qualquer momento pode avistar uma onça. Se a gente quer caçar uma onça e dispõe de três dias, o sucesso é garantido. Conversei com diversos *zagaieiros* — caçadores bambas de onça, que manejam espetacularmente a longa *azagaia*.⁷⁹

Continuando a visita, o escritor passa por Aquidauana, Nioac, Bela Vista, Ponta Porã e, no Paraguai, por Pedro Juan Caballero, cidades separadas somente por uma grande avenida onde vive o fronteiriço ou fronteiro ou fronteiriano, que Guimarães Rosa chamou, poeticamente, de *brasilguaio*. Visita toda essa região fronteiriça ainda pouco povoada, mas já conhecida desde a Guerra do Paraguai. Aliás, tal fato histórico pode ter sido um dos que motivou o escritor a conhecer a fronteira Brasil-Paraguai. Já perto de Corumbá, no espaço conhecido como Nhecolândia, permanece alguns dias na fazenda Firme, típica fazenda de criação de gado pantaneiro, onde conhece o vaqueiro Mariano que se tornaria personagem do conto “Com o vaqueiro Mariano”. Nessa estada na fazenda Firme, teve a oportunidade de

⁷⁸ ROSA. *Cadernos de literatura brasileira*, p. 22-23.

⁷⁹ ROSA. *Cadernos de literatura brasileira*, p. 23.

conversar com vários pantaneiros, ouvindo suas histórias, com os corajosos caçadores de onça, “os zagaieros”, e longas conversas com o vaqueiro Mariano que lhe mostrou o seu modo de viver e seu conhecimento da região, falando sobre os seus mitos, seu folclore, seu linguajar, o nome dos pássaros, das árvores, dos bichos e o nome das vacas. Guimarães Rosa tudo anotava em seu caderninho. No Capítulo 3, deste trabalho, lemos, metaforicamente, o amigo Manoel de Barros na figura do vaqueiro, já que foi também na fazenda Firme que ambos se encontraram. Desde já, reitera-se que tal aproximação entre os dois escritores foi apenas para prestar uma homenagem a uma amizade que precisa ser melhor explorada pela crítica, leitura essa que não foi feita aqui.

O conto, “Com o vaqueiro Mariano”, também analisado no Capítulo 3, tem três partes, sendo que a primeira parte foi publicada no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 26.10.1947, onde apresenta o vaqueiro Mariano e sua conversa sobre a alma dos bois:

Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo que a literatura empresta esparsos aos vaqueiros principais. Típico, e não um herói, nenhum. Era tão de carne-e-osso, que nele não poderia empenhar-se o cediço e fácil da pequena lenda. Apenas um profissional esportista: um técnico, amoroso de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente. Essa pessoa, esse homem, é o vaqueiro José Mariano da Silva, meu amigo. Começamos por uma conversa de três horas, à luz de um lampião, na copa da fazenda Firme. Eu tinha precisão de aprender mais, sobre a alma dos bois, e instigava-o a fornecer-me fatos, casos, cenas. Enrolando no poncho, as mãos plantadas definitivamente sobre a toalha da mesa, como as de um bicho em vigia, ele procurava atender-me.⁸⁰

Prosseguindo pelo caminho da Retirada da Laguna, ao contrário, chega na pequena Sanga Puytã. Mais tarde, utiliza as anotações que faz ali e escreve o conto que leva o mesmo nome do vilarejo. Nesse conto, Guimarães Rosa já destacava forte presença paraguaia no sul do então Mato Grosso: “Já em Campo Grande aportam risos do Paraguai; em dois pares de

⁸⁰ ROSA. *Ficção completa*, vol. II, p. 775.

olhos escuros, mal avistados e no ritmo das polcas e guarânias”.⁸¹ Sobre Sanga Puytã, assim escreve Guimarães Rosa:

[...] ora deserta cerrada a *Pedro Juan Caballero*, num relento de erimetério e guerra. Vacas e cavalos pastam o capim da Avenida Internacional, o *boulevard* limitante. Ponto Porã freme, de expectativa, mais vida, solidária assistência. Deixava-se o Paraguai – país tão simpático que até parece uma pessoa.⁸²

Sua última visita é a Sanga Puytã, cidadezinha que quase nem existe no mapa, como marca de fronteira imortalizada no conto de Guimarães Rosa, conto esse, de mesmo título, publicado no jornal *Correio da Manhã*, em 17.08.1947. Continuou a viagem no sentido da cidade de Dourados, regressou a Campo Grande e pegou o trem de volta para o Rio de Janeiro — outra grande travessia de volta. O conto “Sanga Puytã”, por ser também nosso objeto de estudo, encontra-se analisado no final do capítulo III. A viagem de Guimarães Rosa, como artista-turista-observador, ao Mato Grosso⁸³ e ao Pantanal, rendeu-lhe vários contos, alguns publicados logo após e nos anos seguintes e, outros, como póstumos.

2.2 – Caminhos, memórias e viagens

É recorrente a relação que faz alguns escritores quando se referem à memória e à história que, apesar de aparentes semelhanças, se diferem.

Provavelmente, por ambas terem, como fonte, o passado. E é o passado, enquanto tempo, que remete à construção da memória ou à operação histórica.⁸⁴ Passado como matéria-prima, lembra Cinthia Brow, como elaboração discursiva:

Qual é a relação entre o passado, a memória e o texto histórico? Quando se fala em historiografia, é preciso dar conta de duas temporalidades, ou seja, o tempo em que se desenrolaram os acontecimentos contados e o tempo da redação da narrativa. A memória desempenha o papel de intermediária entre essas duas temporalidades, pois ela compreende inicialmente uma mensagem mental do passado; é um fenômeno intelectual volátil, mas, em seguida é aprisionada nas palavras. Em outros termos, a narrativa histórica, sobretudo a narrativa histórica escrita, constitui a concretização e

⁸¹ ROSA. *Ficção completa*, 933.

⁸² ROSA *apud* GUIMARÃES. *Joãozinho*: a infância de João Guimarães Rosa, p. 22-23.

⁸³ A partir daqui nota-se que se trata de Mato Grosso antes da divisão em 1977, que originou Mato Grosso do Sul, ao referirmos à viagem de João Guimarães Rosa.

⁸⁴ BROWN *apud* PINTO. *Uma memória do mundo*: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges, p. 292.

mesmo a imobilização da memória do passado. A memória assim congelada acaba por se tornar uma das poucas expressões tangíveis do tempo corrido; concretiza-se, porém, em diferentes formas de representação. Na medida em que o escritor determina essas formas, ele exerce um poder maior ou menor sobre o passado.⁸⁵

A memória histórica nasce dessa maneira, dentro da narrativa histórica, encontrando o seu lugar na estratégia adotada de representação e fixação de uma dada lembrança do vivido. Obras de grandes escritores latino-americanos podem ser ilustrativas dessa memória cultural e histórica. O escritor argentino, Jorge Luís Borges, pode ser um dos que melhor trata da questão da memória, em sua ficção. O conto “A memória de Shakespeare” é um bom exemplo do assunto.⁸⁶

No Brasil, o escritor, cuja obra apresenta afinidades não só com aqueles que se dedicam a estudar sobre a memória, a exemplo de Walter Benjamin e outros, é o escritor João Guimarães Rosa. Nesse sentido, as várias histórias do escritor, que estão a meio caminho entre os gêneros, são, *grosso modo*, verdadeiros tratados da memória cultural brasileira.

Em tais narrativas memorialísticas e históricas, saberes e linguagens são centrais, tanto no uso que se faz do futuro como nos usos que se faz do passado. E mais, os usos do futuro e do passado são centrais na transmissão da memória do passado e do presente.

Da história à memória, Rosa, talvez, configure a trajetória de uma poética que insiste na abordagem dos tempos idos, constituídos individualmente, mas revelados com a textura do coletivo. O Rosa memorioso que redefine os limites entre história e ficção e descobre, nessa fronteira porosa, o lugar possível da memória. Memória pelos textos, pela busca incansável das palavras e o rearranjo delas na sua escritura.

A pesquisa feita por Guimarães Rosa, nos idos dos anos quarenta, do século passado, em nossa região, resultou em vários contos que, como mostramos mais adiante, não deixam de ser também exemplos dessa memória e dessa história apontadas, como já salientamos. Nessa travessia do escritor como geografia real, podemos observar os procedimentos de

⁸⁵ BROWN *apud* PINTO. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*, p. 292.

⁸⁶ In: BORGES. *Obras completas*, p. 444-451.

deslocamento, de fragmentação e desmontagem, de condensação e remontagem. Ou seja, Guimarães Rosa retira pedaços reais do sertão e os recompõe livremente – de maneira análoga aos mapas mentais, que nascem da memória afetiva, de lembranças distantes, de pedaços de sonhos e fantasias, medos e desejos. Daí podermos postular que o mapa aqui reproduzido de alguma forma metaforiza o mapa das saudades, dos desejos, das curiosidades e novidades que o escritor foi encontrando e registrando, conforme ia adentrando os cerrados sul-mato-grossenses da região sul do estado, que um dia, inclusive, pertencera ao Paraguai.

Como mostraremos em nossa análise dos contos, mesmo que lá não estejamos detidos na discussão da memória de forma explícita, é a memória que determina a ordem temporal da narrativa. Os acontecimentos são narrados à medida que as lembranças vêm à mente; e com as lembranças, embora entrecortadas, é que se compõe a narrativa. Narrar é recordar, é reviver, é trazer tudo de volta ao coração. É nessa direção que entendemos que os 3 contos, em discussão aqui, são, *grosso modo*, a memória arquivada do escritor que, pela escritura, vai sendo exumada e sendo posta em circulação, ou seja, tornando-se de domínio público. Assim, o passado é retomado, é presentificado e revivido pela escritura. Pelas narrativas dos contos, o escritor faz, pela segunda vez, a viagem de volta (ao coração) ao estado de Mato Grosso, ou, pelo menos, àqueles lugares/locais priorizados por ele

Falar de memória e de história demanda falar, quase sempre, de registros, documentos e monumentos. Pensando nisso, abrimos um parêntese para falar das cadernetas de Guimarães Rosa. É sabido que o escritor trazia sempre amarradas ao pescoço as ditas cadernetas, onde, com um lápis sempre bem apontado, fazia suas anotações e desenhos para utilizar num momento posterior na fabricação de suas obras. Na viagem de 1947, Rosa anota, em sua caderneta pendurada ao pescoço, a fala híbrida dos japoneses, em Campo Grande, o linguajar característico do vaqueiro Mariano, no pantanal, e o bilinguismo cultural e

linguístico da fronteira, em Sanga Puytã. Como se vê, centram-se aí os três contos que são motivos de nossa análise.

Nessa prática de utilizar as cadernetas, valorizando a viagem de pesquisa, para recolher elementos para suas estórias, Guimarães Rosa retoma o modelo das viagens científicas como forma privilegiada de produzir conhecimento. Podemos dizer, aliás, que as cadernetas de Rosa estão estruturadas no/do mesmo modo do relato dos viajantes. Ou seja, o escritor registra com precisão, quase obsessivamente, os nomes dos lugares por onde passa, assinala o dia e a hora em que está escrevendo. Inclusive, como teremos oportunidade de mostrar, o conto “Sanga Puytã”, por exemplo, é literalmente registrado na forma de um “diário” de um viajante. Por meio de suas anotações, é possível reconstituir todo o trajeto da viagem, as suas impressões, os lugares visitados, as pessoas com quem conversou e qual o assunto.

Nesse sentido, entendemos que o mapa aqui arrolado ilustra e reforça a visibilidade de tal viagem redesenhada na escritura. Daí podermos dizer que a escrita dos contos trata, na verdade, de uma escrita em movimento, sempre no tempo presente, ou seja, marcando o tempo real da viagem empreendida. Se as cadernetas de Rosa são semelhantes ao diário, por outro lado, diferenciam-se no modo de olhar os cenários naturais. Guimarães Rosa quer, num primeiro momento, olhar o mundo com olhos de vaqueiro. Os vaqueiros, por sua vez, detêm um profundo conhecimento da natureza, não só do gado, mas de todas as plantas, bichos, rios, montanhas, já que, de alguma forma, vão registrando as impressões e paisagens por onde vão passando. Rosa, por sua vez, não foge à regra, e seus contos, pelo menos, os aqui estudados, são uma prova disso.

Podemos dizer que o escritor Guimarães Rosa, enquanto viajante-pesquisador, desenvolve uma poética que tem vocação plurilinguística e transnacional, podendo, assim, entender as diferentes formas da linguagem. Não é a toa que, nesses contos, encontramos uma

fusão perfeita entre, por exemplo, linguagem coloquial e não-coloquial, linguagens de povos diferentes, como a dos japoneses residentes aqui, sem descartar os diferentes dialetos próprios da zona fronteira.

O conhecimento de vários idiomas, o trânsito por inúmeras culturas, a diversidade de focos assegurada pelo olhar multifacetado do escritor, são fatores decisivos para o registro de falares nacionais, de fronteiras e além fronteiras. Podemos dizer que Guimarães Rosa procura eliminar as diferenças linguísticas que vai encontrando pela frente. Eliminar, aqui, não quer dizer desconsiderar as diferenças, muito pelo contrário; antes, significa refundi-las em seu dialeto cultural, linguístico e literário.

Não é a toa que ele faz de sua vida uma grande travessia, com inúmeras veredas, uma vez que não viaja apenas pelos livros ou mapas, mas se embrenha pessoalmente pelos lugares desconhecidos do País, a exemplo de sua curiosidade pelo estado de Mato Grosso, já bastante divulgado pelos exploradores e viajantes naturalistas, que, anos antes, o precederam, embora com objetivos e olhares diferenciados dos do escritor. Rosa tinha conhecimento de que o “sertão” que iria encontrar era bem diferente do *seu* sertão mineiro e de outros sertões.

Podemos dizer, sem grandes exageros, que ele veio ao Estado buscar a gênese de sua futura grande obra, e aqui a encontra. Sua visita, como pesquisador, começa por Campo Grande, como, também, já se disse, uma cidade em fase de desenvolvimento, um ponto estratégico no Estado, como passagem para regiões sudeste e sul e para os países vizinhos, como Paraguai e Bolívia, e que recebe inúmeros imigrantes de origens diversas, entre os quais os japoneses. Guimarães Rosa vai visitá-los em suas colônias. São de Okinawa. Conversa com os nipônicos no idioma deles – o idioma japonês, que aprendera ainda quando criança e que, naturalmente, devia exercitar. É exatamente essa conversa, aparentemente banal, que resulta no conto “Cipango”, um dos contos mais transculturado e híbrido do escritor. Daí

nosso particular interesse por esse conto, já que ele nos permite ler, de forma mais aprofundada, culturalmente falando, nossa cultura local.

Nesse sentido, Guimarães Rosa é um transculturador e, como tal, translada conteúdo e valores de uma cultura para outra, sendo mediador entre diferentes instâncias culturais e discursivas. Percebe que os japoneses aqui instalados já sofreram uma grande hibridação linguística e cultural. Nessa hibridez babélica (imigrantes de outros países, migrantes de outros estados, índios e outros), longe de se restringir à noção traumática do exílio ou à perda da relação identitária, a nação ocidental, aqui residente, pode contribuir para a permeabilização do trânsito entre o “eu” e o “outro” e para a preservação das diferenças. Como tentaremos mostrar, mais detidamente, na análise do conto “Cipango”, Rosa não só percebeu como procurou pôr, na ficção, a hibridização, cultural percebida na cultura local, como um traço característico e específico desta. O conto registra a diferença cultural vivenciada pelo escritor. Pode-se dizer que, de lá (1947) para cá, tais diferenças talvez só se tenham se acirrado ainda mais, o que não quer dizer que não convivam em certa harmonia cultural. Ou seja, houve uma fusão cultural, uma hibridização, uma transculturação entre os povos, as línguas e as culturas, mas também uma “luta” na preservação dos traços específicos de cada povo, como o próprio japonês. Tal “luta” se dá pelo convívio entre os povos e suas diferenças.

Segundo Angel Rama, transculturador é aquele que desafia a cultura estática – porque presa à tradição local – a desenvolver suas potencialidades e produzir novos significados, sem contudo perder sua textura íntima. Guimarães Rosa, enquanto transculturador, constrói sua obra entre os polos de resistência tradicionalista e de impulso modernizador.⁸⁷

De acordo com Nestor Canelini, o convívio intercultural, agenciador do confronto entre temporalidades distintas, poderia ser reconhecido, na América Latina e no Brasil, como

⁸⁷ RAMA. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*, p. 317.

um todo na sua plasticidade cartográfica e cultural, os quais, por sua vez, estariam aptos a incorporar, sem perdas significativas, novas formas de hibridez. Canclini percebe, então, uma forma de heterogeneidade multitemporal.⁸⁸

Na obra de Guimarães emerge um espaço híbrido e disjuntivo, como um palimpsesto, com distintos planos temporais e várias alteridades. Para traduzir a pluralidade de formações discursivas que emergem da coexistência de diferentes tradições, línguas, culturas e temporalidades, pode-se dizer que o narrador dos contos de Guimarães Rosa opera um procedimento que Walter Mignolo classifica como “hermenêutica heterotópica”,⁸⁹ isto é, um paradigma mediante o qual se pode compreender o modo como os membros de cada cultura pensam as práticas culturais e discursivas do outro. No trecho a seguir, ilustrativo desse procedimento, o narrador do conto “Cipango” acompanha e traduz o processo de transitividade cultural e de hibridismo lingüístico do imigrante japonês:

E eis ante nós, o chefe da casa Takeshi Kumoistsuru, rugoso de cara, estranhada, flexo num certo número de medidas. Cabeça raspada, com topete: cismo-o um sacerdote do xintô ou budista, amigo da raposa branca. Seu sorriso não dissimula um fundo de aspecto apreensivo. Nossas roupas cáqui de excursionistas devem-lhe parecer militares. E ele é esguioso, pescocéia; não gostará que venhamos tirá-lo de qualquer minuto de trabalho seu. Com o Ko-tchu-largo cutelo curto-cortava cana para a vaca. E até a vaca vermelha, rosneadora, detida num cercado de bambus, vigiando sua envasada manjedoura, se animalava, estranha, diversa, grossa demais, uma búfala.
 — Planta só cana?
 — Tudo puranta, esse bom...Tudo puranta, esse bom... Passarinho come.
 — Muito lucro?
 — Camíjia comprou, dinhêrio, num tem... Camíjia comprou, dinhêrio, num tem...num tem.⁹⁰

Entre a fixação e a estabilidade do japonês, na nova terra, distante de seu país, e o seu gradativo ajustamento ao local da cultura inserido, pode-se perceber o trânsito que antecipa a adaptação e a hibridação cultural e idiomática de imigrantes, em geral, e, por analogia, o processo de transculturação no conto citado. Na ânsia de criar um máximo divisor

⁸⁸ FANTINI. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 81.

⁸⁹ MIGNOLO. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar*, p. 531.

⁹⁰ ROSA. *Ficção completa*, vol. II, p. 1012.

comum para línguas estrangeiras entre si, o escritor Guimarães Rosa é levado – partindo da sua própria perspectiva cultural e linguística já heterotópica – a agir como tradutor e transculturador de sistemas excludentes. A distinção entre transculturação, heterogeneidade, hibridação, mestiçagem, pode ser verificada, de acordo com Raúl Bueno,⁹¹ como base da premissa de que a transculturação é um *processo* que translada conteúdos e valores de uma cultura a outra, sendo tanto a “heterogeneidade” quanto a “mestiçagem” resultados desse processo. Nas palavras de Bueno, “Fernando Ortiz, que acunhou o conceito, explicava que a transculturação tem a ver com a perda e o ganho parciais de conteúdos e práticas culturais”.⁹²

Dessa forma, é possível examinar o processo de mesclagens entre urbes culturais desconectadas – o interior-regional e o exterior-universal – e produzir transformações linguísticas manifestadas nos fenômenos de hibridação, como o japonês e o português e, por semelhança, entre outros idiomas.

É interessante observar que ao se colocar na zona fronteira, localizada entre sistemas linguísticos de origem e prestígios distintos, o narrador do conto “Cipango” exercita-se na prática do bilinguismo, para dessa forma ajustar-se à heterogeneidade básica que fundamenta esses sistemas. É evidente que, ao promover a *traduzadaptação* idiomática (neologismo criado pelo autor para designar o que é intraduzível), Guimarães Rosa está reafirmando seu papel transculturador de inter-relacionar distintos idiomas e práticas culturais diferenciadas. É interessante reiterar que se está apenas ilustrando a discussão teórica com o conto, já que depois nos deteremos em sua análise de forma mais amíúde.

Tendo em pano de fundo ainda a viagem do escritor ao nosso Estado, e estando ele mesmo numa condição de migrante, pode-se inferir que antes o mundo era pequeno porque a terra era grande; hoje, o mundo é muito grande porque a terra é pequena, ou seja, do tamanho de uma antena parabólica, para fazer alusão à música de Gilberto Gil (*Parabólica*). Em outras

⁹¹ BUENO *apud* FANTINI. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 85.

⁹² BUENO *apud* FANTINI. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*, p. 86.

palavras, é o que Gianni Vattimo chama de “mundialização do mundo”, como resultado do processo de globalização *cultural e econômica*.⁹³ Todavia, a mundialização não implica o desaparecimento de outras culturas, e, sim, que estas culturas comecem a produzir modos próprios de inserção no universo ocidental. Voltemos a Renato Ortiz, para quem o termo *mundialização*, empregado no domínio específico da cultura, não pode ser pensado em termos de homogeneização, mas, sim, que “uma cultura mundializada atravessa as realidades dos diversos países de maneira diferenciada”.⁹⁴ Também o antropólogo Arjun Appadurai assinala que um dos maiores desafios que enfrenta a antropologia atual é o estudo das formas culturais do mundo de hoje, pois “as especulações em torno da utopia são hoje prerrogativas de todos”.⁹⁵ Como mostra Nestor G. Canclini, a antropologia, na América Latina, não tem se detido unicamente na cultura indígena. Ela vem se ocupando, ainda, de imigrantes europeus, sobretudo espanhóis e portugueses, mas, também, italianos, judeus, árabes e asiáticos (japoneses, coreanos, chineses).⁹⁶ Esperamos estar, com essas passagens teóricas, justificando a teoria que preside nossa análise. Como se não bastasse, os conceitos-chaves por nós utilizados saem da Antropologia, como o de hibridização cultural, por exemplo.

Nos últimos vinte anos, os estudos de literatura vêm adotando uma “atitude etnográfica”, ao se misturarem com os estudos culturais e pós-coloniais, cujo predomínio não é só *estético*, e sim *cultural*, centrando-se nas particularidades de determinado grupo e em suas diferenças de gênero, etnia ou condição social. Os estudos de literatura e as ciências sociais passam, assim, a compartilhar de um único objeto: a cultura. Nos contos aqui discutidos, desde já se torna evidente que cultura e literatura, por exemplo, imbricam-se, ou seja, falamos de uma quando pensávamos estar falando de outra, e vice-versa. Talvez, tal hibridação se dê por conta da hibridação interlingual, como consequência para a relação

⁹³ VATTIMO *apud* KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 80.

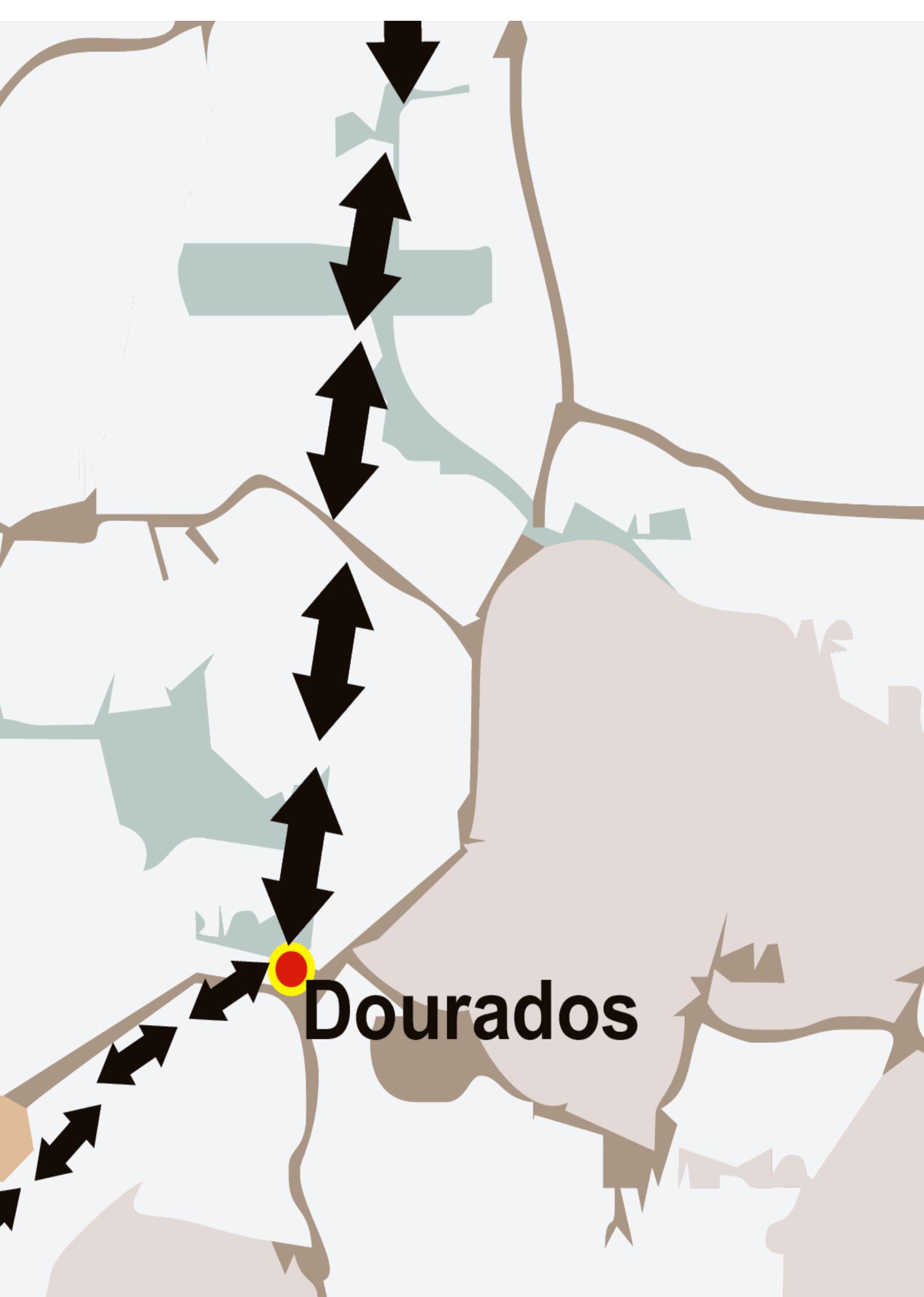
⁹⁴ AGUE *apud* KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 81.

⁹⁵ APPADURAI *apud* KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 82.

⁹⁶ Ver CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*.

intercultural. Ou já seria transcultural? Nossa análise pode aproximar-se de uma possível resposta

Com relação ao escritor Guimarães Rosa, sabe-se que o seu trânsito por diferentes culturas foi, conforme tentamos assinalar até aqui, um fator importante na constituição de sua poética de fronteiras, o que, desde já, justificaria nossa análise do conto “Sanga puytã”, uma vez que nossa leitura privilegia a questão da fronteira, ali discutida, tanto real quanto imaginária. Se, na cidadezinha, as fronteiras e os limites podem estar demarcados, diríamos que, no conto, tais fronteiras e limites são incessantemente rasurados, o que não quer dizer apagados. Logo, há um local, uma direção na qual devemos ir.



Dourados

CAPITULO III – NARRATIVAS HÍBRIDAS

Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim, já que tudo se passa em ponto uma bola; e espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá mais voltas

Guimarães Rosa. “A estória do homem do pinguelo”
Essas estórias, p. 99.

3 – *Guimarães Rosa: do sertão ao pantanal*

O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a Caatinga.

João Guimarães Rosa

É possível pensar-se numa literatura regional em Mato Grosso do Sul? Que traços específicos a identificariam como uma produção cultural de um determinado local? Que imagens regionais podemos compartilhar com outra cultura? Essas reflexões têm, como ponto de partida, os contos “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, “Sanga Puytã” e “Cipango”, do escritor mineiro João Guimarães Rosa. Tais contos, aqui tomados como nosso objeto de estudo, são propícios para se discutir as questões aqui levantadas, bem como outras que podem surgir de suas leituras. Corrobora nossa leitura o fato de que o escritor esteve aqui, no Estado de Mato Grosso, em 1947. Na verdade, tais contos, entre outros que se encontram no livro *Ave, palavra*, são escritos que, de alguma forma, registram a viagem do turista-aprendiz.

Pensando em tais contos, podemos perguntar se a literatura produzida por Guimarães Rosa, que tem como pano de fundo o cenário mato-grossense, teria o mesmo referencial que a produzida em Minas Gerais, a exemplo dos contos resultantes do livro *Sagarana*? Responderíamos que, provavelmente, não, por mais que a questão se imponha como bastante delicada. Contudo, qualquer resposta mais coerente passaria, obrigatoriamente, pela consideração do que se chama referencial local, ou ponto axial. Aqui, no decorrer de nosso trabalho, denominamos tal ponto Aleph como local. Assim, tendo por base tal *lócus*, é que nos propomos refletir sobre os textos do escritor mineiro. Na verdade, queremos pensar que, a partir de possíveis comentários sobre os lugares sul-mato-grossenses, esboça-se um lugar-local inerente à nossa cultura localista que precisa, e pode, ser melhor delimitado. Nesse sentido, é significativo o que Edgar Cézar Nolasco comenta sobre um possível lugar-local regional:

Quero pensar que sempre há um lugar real e imaginário onde eu me situo e penso meu pensamento. Penso que enquanto houver esse lugar narcísico, ninguém poderá falar pelo outro. Na infância do lugar-regional, à ninguém é delegado o direito de falar por ninguém. E o sujeito fala sua voz ininteligível para o outro. Esse lugar que me escolheu e que foi escolhido por mim, marca meu corpo, minha história, com suas faltas, suas carências, com seu próprio corpo.⁹⁷

Tendo por base o que postula Nolasco, podemos dizer que os contos rosianos nos possibilitam pensar em um espaço regional sul-mato-grossense que precisa ser melhor demarcado, mesmo quando tal lugar não passe de uma metáfora imaginária.

Há, nos referidos contos, passagens, ou lugares, cidades abandonadas ou esquecidas, que são os cenários perfeitos para a história ficcional, onde tudo, enfim, é transfigurado pelo escritor. Tal transfiguração precisa agora ser retransfigurada, ou melhor, desmetaforizada por uma leitura crítica de forma que ela nos dê uma compreensão maior disso a que chamamos de o regional. Um dos valores incontestes de tais contos rosianos está, exatamente, na possibilidade de nos fazer refletir sobre o que vem a ser o *locus* onde estamos e pensamos, mesmo quando tal lugar precisa ser, antes, imaginado. É por meio desse lugar que chegamos a um desenho de nossa cultura, nossa nação e, por extensão, de nossa própria história. Desse modo, reiteramos que, mesmo quando não estivermos detidos na questão localista, tal traço será recorrente em pano de fundo a toda nossa leitura aos contos presidida.

Nesse sentido, a articulação feita por Maria Adélia Menegazzo corrobora a leitura que aqui estamos propondo:

Ao pensar as artes regionais na perspectiva dos estudos da cultura, a referencialidade é fundamental para investigação das representações e seus contextos histórico-sociais e estéticos, indo além dos esteriótipos, na medida em que se podem traduzir como meras manifestações territoriais. O artista-narrador-turista ultrapassa os limites da referencialidade agregada aos valores regionais.⁹⁸

Guimarães Rosa, enquanto artista-narrador-turista, estabelece uma travessia por terras sul-mato-grossenses numa referência literária que ainda está por ser construída, bem como, o estabelecimento de laços, ora maiores, ora menores, por exemplo, com o poeta

⁹⁷ NOLASCO. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?, p. 65-76.

⁹⁸ MENEGAZZO. Regionalidade e apagamento de fronteiras, p. 59.

Manoel de Barros. Aliás, registre-se que, em nossa leitura, ocorre a presença fantasmática do poeta, posto que é quase impossível tratar da literatura sul-mato-grossense sem fazer alusão ao poeta, ainda mais quando se volta para o cenário regional e as paisagens locais. Esperamos, assim, justificar a presença do poeta pelo crivo da alusão, uma vez que tivemos que optar por um ou outro escritor, como forma de delimitar nosso objeto de pesquisa. Entretanto, é do conhecimento de todos os estudiosos, principalmente da literatura local, o encontro, em 1947, entre os dois escritores, assim como a amizade que se desenvolveu entre ambos. É sabido, inclusive, que, anos após o primeiro encontro, Barros recebe um exemplar da obra de Rosa, com o conto “O vaqueiro Mariano”, onde se lia na forma de dedicatória amizade: “Olha aí Manoel, sem folclore nem exorcismos como você queria”.⁹⁹

Entretanto, apesar de não nos dedicarmos em nosso trabalho na intrincada relação que se poderia estabelecer entre os dois amigos, queremos, aqui, tão-somente mostrar que a referida relação de amizade poderia ser muito produtiva, principalmente para trabalhos que se voltem para questões culturais locais, como é, em parte, o nosso.

A presença de Guimarães Rosa no sertão do Mato Grosso do Sul e seu encontro com o sertanejo e poeta Manoel de Barros revelam a proximidade entre a linguagem rosiana e a linguagem manoelina. Esse encontro propicia um diálogo entre ambas as literaturas e inscreve a literatura sul-mato-grossense ao lado das obras produzidas nos grandes centros do País. Somado, claro, à importância gradativa que a obra do poeta Manoel de Barros foi alcançando no contexto da literatura nacional. Só isso já justificaria a necessidade de mapear o percurso de Guimarães Rosa em Mato Grosso do Sul, bem como a forma como ele compôs a sua visão do sertão pantaneiro. Há, aqui, um tanto de exagero, mas o certo é que ninguém duvida de que tal amizade literária contribuiu para a literatura de ambos: tais conversas e encontros entre os dois, hoje, suplementam as leituras que fazemos da literatura de ambos.

⁹⁹ BARROS. *Gramática expositiva do chão*, p. 341.

O encontro dos dois escritores se deu nas paragens da fazenda Firme, localizada na planície de Nhecolândia, em 1947. Tal encontro não ficou apenas no espaço geográfico, mas, também, no texto “O vaqueiro Mariano”, em que Rosa relata uma conversa com o vaqueiro Mariano, que pode ser lida metaforicamente como o próprio anfitrião Manoel de Barros: “Nossa conversa era desse feito. Ele inventava coisas de Cordisburgo. Eu inventava coisas do Pantanal”.¹⁰⁰

Na travessia desse sertão indeterminado, Barros é uma espécie de guia capaz de escavar os sentidos de uma travessia que foi também verbal:

(...) Rosa saíra cedo do camarote. Estava sentado no tombadilho tomando fresca. Do bolso da paisagem borboletas queriam escapar. Rosa abriu a paisagem e as borboletas saíram. O corpo do vapor quase tocava nas árvores do barranco. Andava essa lancha que nem um cágado travado. Dava para ver nas lapas abertas lontras dormidas. Dava para ver um rancho amanhecendo. Dava para ver um curral de bezerros, um homem e um menino pardos, eu fabricava coragem para puxar uma prosa com aquele João. (...) Eu disse pro Rosa ouvir: o canto desse pássaro diminui a manhã. Rosa pôs tento. Ele tinha uma sede anormal por frases com ave. Me olhou sentado na frase e se riu para mim. Gostou que eu estava fraseando ao vento.¹⁰¹

Sobre tal relação, vejamos o que diz Paulo Nolasco dos Santos:

O encontro de Rosa e Manoel de Barros ganha no relato da conversa que tiveram, um sabor de coisas inventadas à maneira da prosa e da oralidade do próprio vaqueiro Mariano, que, sabendo e por saber a seu modo particular de ver e explicar o Pantanal como mundo, recria recortes de textos, denunciados, colhidos ao longo do tempo e da vida.¹⁰²

Tal encontro nos proporcionou pensar numa ressignificação tanto do sertão mineiro quanto do pantanal sul-mato-grossense, ou seja, tal encontro nos possibilitou discutir tais lugares metafóricos nos dois escritores. Pantanal e sertão se coadunam, entrelaçam-se na medida em que a linguagem se emaranha, sertanejo é pantaneiro e vice-versa. Esse território se sobressai pela recorrência às imagens de pássaros, bichos e boiadas, o que acaba compondo um texto único, emoldurando uma paisagem construída esteticamente, ou, como afirma Manoel: “No uso de contos e recantos / o pantaneiro encontra sua paz / aqui ele alcança a

¹⁰⁰ BARROS. *Gramática expositiva do chão*, p. 338.

¹⁰¹ BARROS *apud* SANTOS. *O outdoor invisível: crítica reunida*, p. 82-83.

¹⁰² SANTOS. *O outdoor invisível: crítica reunida*, p. 83.

altura das manhãs / e os cinzentos do entardecer”.¹⁰³ Vemos esboçar-se, na poética de ambos, metáforas críticas que nos permitem pensar conceitos atuais, como hibridação, fronteira, local, transculturação, etc. Nesse sentido, entendemos que tanto uma literatura quanto a outra precisam ser mais bem exploradas nessa direção crítica. Não que trabalhos importantes não tenham sido feitos, pelo contrário. Entendemos, porém, que tais produções demandam leituras que privilegiem a discussão desses conceitos teóricos do presente.

3.1 – *Cipango*: o oriente é aqui

O trânsito de Guimarães Rosa, ao qual já tecemos alguma discussão no capítulo II, é, em parte, ficcionalizado no conto “Cipango”. O nome Cipango, antigo nome do Japão, formado por ideogramas de origem chinesa e que era pronunciado como Ni-Ron Go, fazia parte da língua então NiRongo, entre os japoneses. Marco Pólo (1254-1324), um viajante veneziano que passou pelo antigo Japão, divulgou a palavra na Europa, com o nome Zipango. Com as mutações linguísticas, a referida palavra tornou-se conhecida como Cipango, cujo nome envolve uma longa tradição, provavelmente a conhecida pelo poliglota Guimarães Rosa. Desde a época pré-histórica, existiu sempre, no pensamento japonês, a tradição mítica (aquela que não conhece nem a contradição nem a negação), cuja mentalidade é comparável ao mundo do inconsciente, onde não existe noção de tempo e nem o princípio de realidade. O pensamento tradicional japonês, sendo essencialmente mítico, não havia nele o desenvolvimento dialético, como nos ocidentais. A ocidentalização do Japão, a partir da segunda metade do século XIX, favorece o desenvolvimento do racionalismo. A ocidentalização significa a introdução e a assimilação de toda cultura ocidental, concretamente da cultura da Inglaterra, França, dos Estados Unidos, Alemanha, Rússia, das Américas e do Brasil.

¹⁰³ BARROS. *Para encontrar o azul eu uso pássaros*, p. 84.

Roland Barthes, que conheceu o Japão moderno, definiu-o como o “Império dos Signos”, que é, precisamente, essa manipulação de signos, ou códigos, a característica da mentalidade mítica. O império dos signos e da tecnologia, hoje, se interpenetram e se completam.¹⁰⁴

As relações nipo-brasileiras iniciam-se em 1895, com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, o que proporcionou que os japoneses imigrassem para o Brasil, a partir de 1908.

Os primeiros imigrantes japoneses que se fixaram em Campo Grande foram aqueles que, inicialmente, ingressaram no Peru. Esses okinawanos introduziram-se na cidade, na época da conclusão das obras da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, entre 1914 e 1915. À época, Campo Grande era um vilarejo, com excelente topografia, onde iniciaram seus núcleos de colonização. Para comprar suas terras e adquirir mulas e carroças, os okinawas uniram-se em *tanomoshi* (que é uma associação de financiamento mútuo, ainda, hoje, usual em Campo Grande). Os imigrantes, embora procurando conservar suas raízes, transportam-se de uma cultura para outra. A emergência da mescla linguística, cultural e territorial, contribuiu para entender a desterritorialização, não como perda, mas como forma permeável e produtiva de intercâmbio cultural. Segundo Stuart Hall, as pessoas que atravessaram as fronteiras naturais e foram dispensadas para sempre de sua terra natal, embora mantendo fortes vínculos com as tradições de seus lugares de origem, perderam a ilusão de um retorno ao seu passado. Trata-se de pessoas que, segundo o autor, “devem habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas”.¹⁰⁵ As culturas híbridas produzidas pela modernidade tardia constituem esse novo tipo de identidade partilhada. Trazendo essa reflexão para os contos rosianos, pensando, mais especificamente, no contexto dos referidos contos, vemos que a dissolução da propriedade autoral abre, nessas narrativas, fronteiras para

¹⁰⁴ BARTHES. *O império do signo*, p. 145.

¹⁰⁵ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 88.

o surgimento de um espaço móvel e compartilhado pela interlocução de discursos múltiplos e heterogêneos. As trocas culturais, envolvidas no evidente processo de transculturação, realizadas a partir do entrecruzamento de vozes anônimas e coletivas voltadas para o interesse comum em construir com uma nova cultura compartilhada, ficam evidentes nas personagens marginais que se movimentam nas histórias narradas nos contos, como os próprios japoneses. Ao instalarem suas colônias no sertão do então Mato Grosso, os japoneses plantam, juntamente com as hortaliças, para embelezar o local, os bambus e as cerejeiras. Cerejeiras que, adaptadas, irão florir ao lado dos ipês e crescer ramificadas, como os imigrantes. O amor pela cerejeira, no Japão, é enraizado na sua antiga história, desde os tempos dos samurais, guerreiros que apreciavam a frugalidade e beleza dessas flores, que as identificavam como uma alegoria de sua própria existência. *Sakura* significa botão de cerejeira (também no plural). Com o sufixo feminino *Ko*, transforma-se em nome de mulher, embora um tanto incomum. As *sakura* têm muitos significados para os japoneses. São, sem dúvida, a principal flor do país. Ir ver as flores, quer dizer admirar *sakura* e não outras espécies. Na poesia clássica, a própria palavra *hana*, flor, quando usada por si só, é entendida como significando, precisamente, *Sakura no hana*. A cerejeira representa o brilho da primavera e a opulência da natureza, nuvens de pétalas num jubileu floral. Mas as *Sakura* não são absolutamente flores frívolas. Os *samurai* as usavam como metáfora para a morte ideal de um guerreiro, porque se espalham à brisa quando ainda estão viçosas, e não esperam para fenecer no galho.

As flores e as personalidades orientais podem mesclar-se. O botão de cerejeira é puro e nobre, mas, também, belo e extravagante. Uma visão exótica, recatada, milenar.

Guimarães Rosa, como um estudioso das mais variadas culturas e idiomas, provavelmente, tinha um profundo conhecimento da cultura japonesa e do seu idioma. Assim, em sua visita às colônias nipônicas, em Campo Grande, nos idos de 1947, reproduziu muito

do Oriente no conto “Cipango”, valorizando, sobremaneira, a *diferença* como uma metáfora da convivência e adaptação com outras raças.

O texto “Cipango”, do que nos ocupamos aqui, é partícipe da condição de estar nas fronteiras culturais que compartilham, por sua vez, tanto o etnógrafo quanto o migrante, tanto o exilado como o colonizador. A exploração das relações entre ficção e etnografia implica pensar a literatura como forma de intervenção ao mesmo tempo política, estética e epistemológica. Isso nos leva diretamente à confluência de perspectiva, como a virada etnográfica e autoficção na narrativa contemporânea, da qual não nos deteremos nesta leitura. Quiçá, compete-nos apenas dizer que o mecanismo do narrador etnógrafo consiste em selecionar um espaço local, entrar na cultura, aprender a língua e, depois, escrever ou representar sua experiência. Ou seja, ele difere do narrador tradicional, pois não pode, nem pretende, extrair dessa experiência nenhuma sabedoria. É, pelo menos em parte, o que pensamos ocorrer com o narrador rosiano nos contos aqui em análise. *Grosso modo*, a chave da diferença entre a experiência do narrador tradicional (Benjamin) e a do narrador-etnógrafo está no próprio conceito de experiência. Em alemão, existe uma distinção que se perde na tradução para o português: *Erfahrung* significa “experiência” no sentido de sabedoria (como experiência de vida – *Lebenserfahrung* – ou conhecimento do mundo *Welterfahrung*), enquanto que *Elerlnis* significa experiência no sentido de “vivência”. Para Benjamin é o primeiro conceito – *Erfahrung* – que é próprio do narrador clássico, mas a experiência que transmite esse narrador-etnógrafo está ligada ao segundo conceito, o de “vivência”, do qual não se extrai nenhuma sabedoria.¹⁰⁶

Quando nos lembramos da ideia de que vivemos numa época em que a nação está perdendo seu lugar privilegiado de produtora de sentido de identidade, e contra a ideia de nação como uma comunidade “imaginada”¹⁰⁷ homogênea (conforme nos perguntávamos lá

¹⁰⁶ AGAMBEN *apud* KLINGER. *Escritas de si, escritas do outro*, p. 101.

¹⁰⁷ ANDERSON. *Comunidades imaginadas*, p. 32.

atrás), os contos rosianos narrados na forma de relatos apreendem um *locus* cultural de um lugar específico de uma determinada cultura no contexto global onde, aliás, se localizam

Silviano Santiago,¹⁰⁸ talvez por ter sido um dos primeiros críticos a se voltar para os estudos memorialísticos e autobiográficos no Brasil, reconheceu, nas obras de Guimarães Rosa, todas as fases e elementos que constituem o processo de construção daquela que tem sido denominada pelos antropólogos contemporâneos como a moderna *etnografia*: a ida (viagem) ao campo, a observação participante, a caderneta de campo (ou o gravador) e, contudo, também o apagamento, na construção da narrativa, da voz do antropólogo. Leituras, como as de Santiago, ajudam-nos a tomar e a entender narradores/viajantes como figuras etnográficas que nos auxiliam, sobremaneira, a discutir conceitos como o de local, regional, etc.

3.1.1 – Um traço da cultura oriental no *Cipango do cerrado*

Que mão sutil — quase divina,
De artista chim, em porcelana
Da Era dos Mings — a fabulosa —
Fora capaz dessa tão fina
Maravilha de “Grande Obra”
Só tu mesmo, Guimarães Rosa.

Carlos Drummond de Andrade

Guimarães Rosa é um eterno viajante, um buscador de conhecimentos, um pesquisador nato. Toda sua obra é voltada para o sertão e sua narrativa gira em torno de travessias, encontros, desencontros e veredas. As veredas mineiras, únicas de significado: pequenos filetes de água, onde nascem e crescem os buritis. O pseudônimo do escritor – Viator – é também um indicador de busca de caminhos mais profundos que o levem ao encontro do seu universo fabular, tornando-o um dos maiores ficcionistas da literatura

¹⁰⁸ SANTIAGO. *Nas malhas da letra*: ensaios, p. 45.

brasileira. Guimarães Rosa buscava o além-fronteira, tanto cultural como na carreira diplomática e, também, por conta disso, pôde vislumbrar paisagens muito interessantes e refletir sobre as trocas culturais que a sua grande erudição permitia fazer. Rosa tem vocação plurilinguística e transnacional, o conhecimento de vários idiomas, o trânsito por inúmeras culturas, a diversidade de focos garantidos pelo olhar multifacetado do escritor-sertanejo, médico, intelectual e diplomata, esses foram fatores decisivos para criação de sua obra monumental.

Ítalo Calvino considera clássica aquela obra que, mais do que ensinar algo que não sabíamos, tem a potência de nos levar a descobrir algo que já sabíamos ou acreditávamos saber. Como discernir um clássico? “Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos sobre si”.¹⁰⁹ Homens de cultura exemplar, que põem suas pesquisas e sua sabedoria em circulação, tornam-se admiráveis. Escondidos na modéstia e discrição de quem não precisa alardear conhecimento, acabam levantando em torno de si essa nuvem de discursos críticos de que fala Calvino, além de uma gama de admiradores que, desejando partilhar de sua erudição, tentam descobrir porque se tornaram tão sábios. Essas qualidades são encontradas nas obras literárias de Rosa e outras formas distintas, sempre novas, inesperadas, inéditas.

Desde 1946, quando foi publicada a obra *Sagarana*, obra que já nasce clássica, vem atraindo nuvens de crítica sobre si. Augusto Frederico Schmidt o confirma neste depoimento:

Encontrei traços de Rosa em muitos lugares por onde andei, principalmente pela Itália. Quem passou por essa cidade foi Guimarães Rosa, discreto, secreto, deslizando e sempre a tomar notas, eram o que me informavam inalteravelmente em Bolonha, em Parma, em Luca, em Florença.¹¹⁰

Guimarães Rosa soube conciliar sua reconhecida criatividade com uma obstinada pesquisa a fontes mais variadas e, ao mesmo tempo, aprimorando os mais diversos idiomas.

¹⁰⁹ CALVINO. *Por que ler os clássicos*, p. 12.

¹¹⁰ SCHMIDT. *A saga de Rosa*, p. 124.

Era uma pessoa em trânsito e teve sucessivas migrações, viagens para o estrangeiro, viagens pelo Brasil, viagens ao mítico, às lendas e às narrativas da infância. Rosa pode ser visto como um transculturador que, distanciado de seus domínios, pode transitar livremente entre vários idiomas e culturas.

Maria Neuma Cavalcante, coordenadora do acervo João Guimarães Rosa, no IEB-USP, registra que, mesmo sem visar à realização de determinada obra, o escritor-diplomata esteve sempre mobilizado para documentar e armazenar ideias.¹¹¹ As pesquisas, com as quais o escritor vinha se ocupando desde a infância, seja pela sua curiosidade, seja para reabastecer suas fontes, seja por exigências da carreira diplomática, mostram sua obstinada vontade de aprender, de melhorar a si mesmo e ao mundo. Espírito curioso e investigativo, sempre a estudar a vida, a natureza, as paisagens percorridas, os tipos humanos, os costumes, os comportamentos, a culinária, diferentes relatos, provérbios e cantigas da tradição oral. Como os antigos contadores de histórias ou recentes transculturadores, estendeu uma grande ponte entre memória, culturas e tempos diversos. Apresenta-se como um narrador híbrido, pois está ligado em suas raízes seculares, em sua terra, seu povo, seu sertão, mas como um marinheiro viaja e traz novidades e, como tudo isso parece pouco, ainda transmite uma sabedoria que vem da observação das experiências alheias. Nesse sentido, podemos dizer que os diferentes tipos de narradores se fundem na escritura mítica do escritor, assim como se fundem, nela, as línguas universais e não-universais, falares e dialetos.

As viagens rosianas são, quase sempre ou sempre, motivadas pela busca de algo que poderá ser armazenado, decantado e utilizado no futuro, ou seja, daí a algum tempo. Sempre nas trilhas das viagens que ele faz ao Estado de Mato Grosso, em 1947, por interesse próprio nosso, lembramos que, quando o trem em que Rosa viaja chega à pequena cidade de Araçatuba, ele nota que inúmeros japoneses vão embarcar e, como bom pesquisador, registra:

¹¹¹ CAVALCANTE. *Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros*, p. 225.

Era uma silenciosa invasão. Principalmente nos carros de segunda, abundavam seus tipos, indescoráveis amarelos, cabelos ouriçados, caras zigomáticas, virgulados olhos obvexos. Muitos, em geral as mulheres, se sentavam no chão, cruzando as pernas, aos cantos ou pelo corredor. Gente que não se acostumava ainda a permanecer em cadeira ou banco. Vinham para Mato Grosso, ou voltavam. Parecem que se agrupam segundo a procedência: em Araçatuba, são todos de Kiushiu, de Kagoshima, de Okinawa, em Campo Grande.¹¹²

Os pioneiros japoneses chegaram cheios de esperança e sonhos de prosperidade a um país de costumes, língua, clima e tradição completamente diferentes. Embora o Japão tenha enviado seus primeiros imigrantes ao Brasil, em 1908, os primeiros japoneses, a pisarem em solo brasileiro, foram quatro tripulantes do barco *Wakamiyamaru*, em 1803, que afundou na costa japonesa. Foram recolhidos por um barco russo que, no final, aportou em Desterro, atual Florianópolis-SC, do mês de dezembro até 4 de fevereiro de 1804. Os quatro japoneses fizeram registros da vida, da população e da produção agrícola. Outros vieram de forma acidental.

Todavia, o primeiro acordo diplomático ocorrera em 1880, em Tóquio, para o estabelecimento de um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação. Entre os dois países, as negociações continuaram até 1882, embora o Tratado só tenha sido assinado 13 anos depois, em 1895. Estavam incluídos os Estados da Bahia, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Viriam para trabalhar nas lavouras de café, mas com a baixa do produto de 1897 a 1907, só puderam chegar em 1908.

Dos japoneses que vieram para Mato Grosso, alguns foram para lavoura, outros para a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e, como chegaram bem no início da emancipação político-administrativa da cidade de Campo Grande, tiveram uma efetiva participação no desenvolvimento da cidade.

Campo Grande tornou-se uma cidade-referência no sul do Estado; nascida num ponto estratégico, é rota de passagem para os que se destinam para o norte ou fazem o caminho inverso. É aqui que Guimarães Rosa fará sua primeira visita-pesquisa, escolhendo, como

¹¹² ROSA. *Ficção completa*, vol. II, p. 1011.

local, a colônia japonesa. É nos arredores da cidade que os nipônicos têm seus Karihi – seus terrenos arrendados. Rosa chega com seu guia negro, provavelmente de origem sulista, e reconhecido pela sua fala campeira, à família Hachimitsu, que planta lavoura e cria grandes porcos, o que é comum, não interessando ao escritor mineiro. Rosa interessa-se pelo insólito, como a massa de arroz nevada, que as meninas japonesas fazem. Busca registrar o fato, fotografando-o, mas é, momentaneamente, impedido pelo pai das garotas, que manda que se arrumem, coloquem o quimono para saírem bem na foto. Incidente comum, mas de grande importância para a família. Ainda na casa do Hachimitsu, Guimarães Rosa vê uma velha espada japonesa, que um ditado diz ser a “alma do samurai”, entre negros ideogramas, tão bem traçados a pincel, e que dizem: “O homem que morre pela Pátria, vive dez milhões de anos”.

A visita estende-se para outra *çak’Kara*, onde há bambus plantados para embelezar o arredor. Depois, canavial, labirinto verde. O chefe da casa é Takeshi Kumoitsuru, rugoso de cara e cheio de mesuras. Cabeça raspada, com um topete, sacerdote do xintô ou budista, amigo da raposa branca. Ele é esguioso, pescoceia desconfiado (provavelmente é um dos muitos japoneses que sofreram pressão no decorrer da Segunda Guerra Mundial). Takeshi responde o que é perguntado, mas tem o “espírito armado”. Rosa entra na casa, tudo simples, contudo, um simples diferente do nosso, desenrolado de velha sabedoria. Pendente, uma pele seca de cobra e a mente imaginativa de Rosa leva-o a pensar que seria um amuleto usado pelo buda-bonzo ou xamã monge, mas o japonês explica que aquilo é a pele da cobra que matara o seu filho e a família toda permanecia de luto.

Rosa, com certeza, anota avidamente cada palavra em sua caderneta e, nos seus escritos posteriores, ao referir-se sobre a colônia japonesa, observa que ocorreu uma transculturação e um hibridismo lingüístico, embora naturalmente forçado, para efeitos de adaptação.

Guimarães Rosa, porém, como bom pesquisador que era, aproxima-se da esposa de Sakamota, que está lavando as verduras. Ele quer saber como eles se encontraram, como se casaram, como são tratadas essas questões na terra do Sol Nascente. Ela é uma mulher que sorri o tempo todo (isso é uma das normas de etiqueta para com os visitantes) e o escritor mineiro confunde o seu nome – Fumiko, Mitiko, Yukiko, Kimito, Kazumi, Natsuko ou Hatsuko -, parece que o nome não importa para o escritor, o que importa é o registro do casamento entre os nipônicos, da época. Ela explica que o pai escolhia o noivo quando a filha estava na idade de casar. E, ela, casada fará o papel da esposa que, no Japão, coloca a mulher como centro do lar, o lado romântico não conta, o que precisa é a obediência e o servilismo. Não se espera que ela tenha relações sociais, a sua esfera é a do lar. O casamento é um dos passos mais importantes para a maioridade social no Japão. Quem deixa de cumprir essa etapa é considerado um tanto estranho e fora da corrente geral. Devido ao fato de que a vida social da mulher adulta é plasmada definitivamente pelos papéis de esposa e mãe, ficar solteira torna-a uma anomalia social, mais evidente que o homem, para quem os papéis de marido e pai não têm o mesmo peso significativo. Quando nascem os filhos, a atenção delas se desloca quase completamente para eles e o aspecto materno de seu papel sobrepuja o de esposa. A fala inicial de romance fica ainda mais evidente quando o marido começa a chamar a mulher de *mama*, mas o casamento já está sólido e continua, continua até a morte...

Em suas anotações, Rosa afirma que a conversa com a esposa de Sakamota o torna enriquecido.

Observando a viagem de Guimarães Rosa, visitando a colônia japonesa, para os dias atuais, vemos mudanças e adaptações naturais ocorrerem. Colaboraram com o crescimento da cidade e com ela cresceram e estão aí, em todos os campos de atividade humana. O movimento imigratório que os trouxe, em 1908, é conhecido como *Ayumi* – busca de caminhos. Mas, a partir da década de 1990, a comunidade nipônica e o próprio País começam

a sentir os efeitos de um novo e curioso fenômeno que se alastra rapidamente entre as famílias *nikkeis*: os *dekasseguis*. *Dekasseguis* é a volta dos filhos de japoneses, de *nikkeis* e afins, para o Japão, em busca de melhoria financeira, num caminho inverso do que fizeram seus ancestrais no passado.

A visita de Rosa, como artista que observava, questionava, pesquisava e anotava, deu e continua dando bons frutos, pois ainda há muito a ser visto e publicado de seus cadernos de anotações.

Em junho de 2008, a comunidade japonesa completou 100 anos de imigração no Brasil e, também, em junho, João Guimarães Rosa fez 100 anos de nascimento. Ainda em junho de 1908, Machado de Assis afasta-se do gabinete onde trabalhava para tratamento da saúde e vem a falecer em setembro do mesmo ano.

Em julho de 2007, fez 60 anos que Guimarães Rosa esteve, pela primeira vez, no Estado de Mato Grosso, que visitou e consolidou sua pesquisa com os japoneses aqui residentes. É necessário lembrar que Rosa, como cônsul, tinha conhecimento da imigração e dos trâmites diplomáticos que a envolvia e, como pesquisador, tinha interesse pela cultura e pela língua que falavam. Rosa começou a aprender japonês por volta de 10 anos de idade, sozinho, como relata o seu tio Vicente Guimarães:

Estava ele na varanda da nossa casa, na rua Espírito Santo 1204, quando ele percebeu um empregado da Companhia de Força e Luz, trepado numa escada, mudando a lâmpada. Um japonês. O menino deixou o livro e foi para perto, a fim de aguardar a descida do moço. Indaga-lhe como se diz “bom-dia” em sua língua, como se perguntava “como vai” e muitas outras perguntas. O nipônico respondeu tudo o que ele perguntou. Na tarde seguinte o funcionário passou novamente por nossa casa, Joãozito o abordou, deu-lhe bom-dia, boa-tarde, como vai, num bom japonês com desembaraço e entonação perfeita. O moço japonês ficou encantado e a partir daí vinha ensiná-lo todas as tardes. Essa aprendizagem muito lhe valeu, quando no Itamaraty ainda como cônsul, recebeu uma missão japonesa, dando-lhes boas-vindas e discutindo assuntos comerciais, num perfeito idioma asiático. O chefe da missão ficou admirado por ver um brasileiro tão moço, sem ter estado no Japão, falar com tamanha clareza o idioma de sua terra.¹¹³

¹¹³ GUIMARÃES. *Joãozito*: a infância de João Guimarães Rosa, p. 49.

A visita de Guimarães Rosa à colônia japonesa, em Campo Grande, configura-se como uma forma de agradecimento ao moço japonês que, tão gentilmente, lhe ensinara o idioma, deixando que ele vislumbrasse um pouco de sua milenar tradição, além de ele ter coletado informações, muitas das quais utilizadas no conto “Cipango”.

Espero, assim, estar, de alguma forma, mostrando a riqueza cultural que salta das páginas do conto e extravasam para a cultura local, solicitando a essa que se leia, na diferença, as diferenças culturais tratadas dentro do conto porque, assim, com certeza, se estará lendo de forma mais completa a própria cultura que nos faz ser sul-mato-grossenses. Ou seja, a história híbrida do conto, as misturas étnicas, mostram-nos, por extensão, nossa própria hibridação cultural que nos faz ser do jeito que somos, inclusive aos olhos dos orientais não tão mais orientais que aqui construíram suas vidas de estrangeiros. De repente, o Japão pode estar aqui no arrabalde do País, numa zona fronteira, onde o sol, com certeza, também se põe.

3.2 – *Entremeio com o vaqueiro Mariano: entremeios culturais*

Guimarães Rosa era um intelectual inquieto e um homem de grandes travessias, que buscava elementos para construir uma grande obra que jazia adormecida. Era mineiro interiorano, mas vivendo sempre em cidades de pequeno e grande porte, tinha a sua escrita voltada para o sertão (tipos sertanejos, vaqueiros, jagunços), para os que estão às margens, sendo, nesse sentido, um escritor marginal.

Para melhor entender essa questão, recorro ao que diz Edgar Cézar Nolasco:

Literatura de margem, sem ser necessariamente marginal; literatura regional, sem ser obrigatoriamente universal; literatura que nos obriga a descentrar o olhar do centro (urbano) e rever as margens geopolíticas da nação.¹¹⁴

Durante o período em que estava gestando a elaboração dos livros de 1956, Guimarães Rosa intensificou seus estudos sobre o mundo do sertão, onde passa grande parte

¹¹⁴ NOLASCO. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*, p. 78.

de suas estórias, recolhendo dados em livros e cartas enviadas aos moradores do interior de Minas, especialmente a Florduardo Rosa, seu pai e seu maior colaborador; seu “reativador de memórias”.

No início de 1947, escreve ao pai pedindo-lhe que envie, por escrito, “estórias e fatos sobre a vida do sertão com as palavras pronunciadas”, pelas pessoas, por estar “escrevendo outros livros”¹¹⁵ e imaginando estórias ambientadas no sertão.

Com esse olhar voltado para a pesquisa, Rosa faz muitas viagens de documentos – uma das importantes foi a que fez ao Pantanal. E é um pouco desse relato que buscamos retratar aqui.

O Pantanal mato-grossense está dividido em dez sub-regiões¹¹⁶ com características ecológicas e históricas distintas. E a região que nos interessa é a de Nhecolândia.

A Nhecolândia localiza-se no município de Corumbá e, um pequeno trecho, no município de Rio Verde, no Estado de Mato Grosso do Sul. O nome Nhecolândia é uma homenagem prestada ao seu fundador, Eugênio Gomes da Silva, que, em 1880, chegou para tomar posse das terras que haviam pertencido a seu pai, o Barão de Vila Maria, abandonadas devido à Guerra do Paraguai.¹¹⁷

O Pantanal de Nhecolândia possui uma área considerável. De acordo com os dados da Empresa Brasileira de Planejamento e de Transportes (1974), a área é de 23.574 quilômetros quadrados. Limita-se, ao norte, com o Pantanal do Paiaguás, ao sul, com Pantanaís de Aquidauana e Abobrais, aparecendo o Rio Negro como ponto de referência para a separação; a leste, com o Planalto Central, através da Serra da Alegria, desembocando, na BR 163, atingindo os municípios de Coxim e Rio Verde; a oeste, o Rio Paraguai.

¹¹⁵ ROSA. In: *Cadernos de literatura brasileira*, p. 22.

¹¹⁶ As sub-regiões são: Pantanal de Cáceres, Poconé e Barão de Melgaço, no estado de Mato Grosso; e o Pantanal do Paiaguás, do Nabileque, de Nhecolândia, do Abobral, do Paraguai, de Aquidauana e de Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul. BANDUCCI JUNIOR. *A natureza do pantaneiro*, p. 17.

¹¹⁷ PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 100.

A Nhecolândia, embora com características de outros pantanais, tem estilo próprio: salinas,¹¹⁸ lagoas,¹¹⁹ bacias campos limpos, capões (bosques), cordilheiras,¹²⁰ corixos¹²¹ e vazantes,¹²² que se distribuem harmoniosamente.

É preciso esclarecer que esta abordagem é específica em termos de território e de atividade desenvolvida — a fazenda Firme — e ao vaqueiro Mariano; ambos ancorados no Pantanal de Nhecolândia.

A fazenda Firme recomeça, em 1880, uma história de gente simples nos seus dizeres e fazeres, constituindo o encontro de um povo que soube lutar por uma causa, construir e persistir numa região. Os campos eram imensos e não havia cerca, o gado era, quase todo, bravo, dando muito trabalho para os peões o amansar.

O relacionamento dos habitantes da fazenda, desde sua fundação e mesmo após, com as chegada dos parentes e amigos do desbravador, será sempre de amizade e compadrio e, assim, permanecera por muitos anos. A hospitalidade da Firme “correu o mundo”,¹²³ afirma Proença, e recebia visitantes ilustres. No final do século XIX, hospedou o conde Enrique de Con'denhoal que vem para pescar e caçar, e que depois enviou um postal de Constantinopla, em agradecimento.¹²⁴

¹¹⁸ As salinas são parecidas com as baías, só que mais raras e de água salobra (bicabornada). Esta salinidade atrai o gado para matar a sede e suprir as carências de sais minerais. PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 89-90.

¹¹⁹ As baías e lagoas são de água doce e servem de bebedouro para o gado. Não são muito profundas, pode atingir até dois metros, nos pontos de maior fundura, são irregulares, arredondadas ou elípticas e de tamanho que oscilam entre 50 m. a dois ou três quilômetros. Enchem-se com as águas da chuva. Diminuem ou secam no período do estio. PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 89-90.

¹²⁰ Cordilheira, mata extensa que acompanha a margem dos rios; mata fraca que cresce nas partes mais elevadas e que serve de abrigo aos animais na época das enchentes. PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 89-90.

¹²¹ Corixos e corixões são singularidades aos pantanais: são relativamente escassos em Nhecolândia. São pequenos cursos d'água, tortuosos, ricos em vegetais, geralmente estreitos e que ligam ao rio da área. São piscosos e na época da seca diminuem o volume ou desaparecem completamente. PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 89-90.

¹²² As vazantes se formam nos períodos da chuva. Ligam uma baía a outra e logo se escoam, e em seu lugar brotam um capim mimoso e as gramíneas. Não possuem leitões e esparramam-se pela planície. PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 89-90.

¹²³ PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 106.

¹²⁴ “A los habitantes de La Fazenda Firme – Enrique Conde Con'denhoal – Constantinopla, 5 de Mayo de 1888. PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 106.

Em 1899, é admitido, na fazenda, um grupo de seringueiros vindos de São Paulo, Minas Gerais e do Estado da Bahia, para extrair a borracha da mangabeira, árvore de que se extraía o látex, de nível inferior — é nessa época que se iniciam as grandes queimadas. Em 1900, funda-se o Retiro da Alegria, onde se faz um corredor de Carandá (nome dos currais da época). Em janeiro de 1902, o Major Cândido Mariani Rondon chega com sua comissão para instalar a linha telegráfica. Nheco falece em 1909 e, a partir daí, começam a amarrar as divisas e criar marcas para o gado. A partir de 1914, os trens da NOB¹²⁵ começam a trafegar entre Bauru (SP) e Porto Esperança, no município de Corumbá, e a ferrovia viria influenciar o sistema de transporte para o Mato Grosso. Era o fim do longo percurso pelo estuário do Prata e das demoradas viagens fluviais e marítimas que passavam pelas capitais da Argentina e do Uruguai.¹²⁶ Após a morte de Nheco, a fazenda foi desmembrada para os herdeiros, mas a grande redivisão ocorreu em 1918. A fazenda Firme foi retalhada em mais quatro grandes fazendas: Fazenda Alegria, Fazenda Cáceres, Fazenda Ranchinho (depois Santa Filomena) e as outras três são: Paraíso, Santa Rosa e Campo Leda, todas foram remodeladas e redecoradas, pelos herdeiros.

Para se chegar em Nhecolândia, tinha os vapores do Loyde Brasileiro, que passava pelo Porto da Manga (portão de entrada de Nhecolândia), de 15 em 15 dias, até 1943. Depois, o Serviço de Navegação da Bacia do Prata e os vapores da Companhia de Navegação Argentina Mikhanovich, que fazia a linha de Corumbá a Buenos Aires. Aviões teco-tecos, com campo de pouso nas grandes fazendas e com seus próprios pilotos. Nhecolândia progredia.¹²⁷ Ainda era servida por linha telegráfica e várias fazendas com linhas telefônicas.

De acordo com Proença, “a fazenda Firme continuou a receber visitantes ilustres”,¹²⁸ em dezembro de 1913, lá esteve a expedição Roosevelt – Rondon (Theodore Roosevelt, que

¹²⁵ Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

¹²⁶ SOUZA. *Bacia do Paraguai: geografia e história*, p. 250.

¹²⁷ Ver PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 143.

¹²⁸ Ver PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 146.

até matou uma onça numa caçada); logo após D. Pedro de Orleães e Bragança e, em 1947, o escritor João Guimarães Rosa, numa visita de pesquisa, por vários dias.

Nhecolândia, especialmente a fazenda Firme, foi pensada como uma comunidade imaginada por Nheco, inicialmente com os bugres, parentes, amigos, paraguaios, dispostos a viver uma vida simples e despojada. Nesse sentido, era tão limitada quanto soberana, na medida em que inventa, ao mesmo tempo em que mascara.¹²⁹ Na verdade, o que distingue as comunidades é o “estilo” como são imaginadas e os recursos que se lançam mão. É limitada porque tem uma fronteira finita e soberana por serem seus membros que fazem suas escolhas, negociam, sem o domínio dinástico ou religioso. Foi uma comunidade imaginada na medida em que, independentemente, das hierarquias e desigualdades efetivamente existentes (patrões e peões), sempre se concebeu como estruturas de camaradagem horizontal. Estabeleceu-se aí a ideia de um “nós” coletivo irmanando relações em tudo distintas.¹³⁰

Para o historiador,¹³¹ a planície pantaneira, ao ser povoada, valeu-se de quatro elementos essenciais: o desbravador-pioneiro, o peão, o cavalo e os bois. E prossegue; o desbravador foi aquele descendente de índio e bandeirante mameluco paulista, que, exauridas as lavras, procuraram outra atividade para sobreviver. De um lado, adquiriu o misticismo, a humildade, a desconfiança e a paciência do nativo; do outro, o ardor, a coragem e a ambição do mameluco, para embrenhar-se num lugar tão inóspito e vencer os obstáculos que surgiam sempre. Naturalmente, após vieram estrangeiros, ávidos a procura de terra, encantados com uma região de horizontes largos e sem economia de espaço. E essas migrações, exílios, diásporas, vão encontrar condições propícias para misturas e fecundação entre culturas.

Edward W. Said explica:

Considerar “o mundo inteiro como uma terra estrangeira” possibilita uma originalidade na visão. A maioria das pessoas é consciente sobretudo de uma

¹²⁹ ANDERSON. *Comunidades imaginadas*, p. 32.

¹³⁰ ANDERSON. *Comunidades imaginadas*, p. 12.

¹³¹ PROENÇA. *Pantanal: gente, tradição e história*, p. 101.

cultura, de um ambiente, de um lar; os exilados são conscientes de pelo menos dois, e essa pluralidade de visão dá lugar a uma consciência que – para utilizar uma expressão da música – é contrapontística. [...]. Para um exilado os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo ambiente ocorrem inevitavelmente em contraste com uma lembrança de coisas em outro ambiente. De modo, tanto o novo ambiente, como o anterior são vívidos, e se dão em um contraponto.¹³²

É quase impossível pensar na paisagem pantaneira sem lembrar o vaqueiro, que se originou do índio: guató, guana, xamacoco e guaicuru, que foram os donos primevos da terra, e do escravo que veio para as minas de ouro e plantação de cana; recebeu influência e sangue do paraguaio e do boliviano, absorvendo-lhe os costumes, tornando a linguagem híbrida.

Afirma, a estudiosa Fatima Costa, que o cavalo veio com os espanhóis nas expedições aventureiras de Cabeza de Vaca¹³³ e outros, adaptaram-se às condições locais, tornando-se um cavalo quase anfíbio, rústico e resistente, tomando parte no povoamento da região, ou capturados pelas guaicurus, presentes nas lutas guerreiras e caçadas. E o gado tresmalhado das reduções jesuíticas. Esse gado, de matriz européia, degenerou-se no Pantanal e recebe o nome de tucura e guabiru. (tucura = gafanhoto e guabiru = rato).

Esse era o espaço imaginado e buscado por Guimarães Rosa, para representar o modo de formação híbrida e heterogênea, desse pedaço do Brasil. O escritor está buscando resposta ao modelo impositivo da metrópole, e essa foi a sua contribuição para a valorização do hibridismo linguístico e da heterogeneidade cultural que permeiam o regionalismo transnacional, praticado em sua literatura em particular, e na dos outros escritores latino-americanos afinados com a mesma tendência.

No Pantanal de Nhecolândia, Rosa encontrou o território imaginado, além de ser o cenário propício para as histórias que criou na região, em especial o “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, conto dividido em três partes.

¹³² SAID. *Representações do intelectual*, p. 36.

¹³³ COSTA. *História de um país inexistente*, p. 96.

Na primeira parte, Guimarães Rosa apresenta o vaqueiro Mariano, levando-o a falar longamente, e afirma: “Eu tinha precisão de aprender mais sobre a alma dos bois e instigava-o a fornecer-me fatos, casos e cenas”.¹³⁴

O escritor, na ânsia de entrar no mundo dos vaqueiros, anota todas as descrições feitas por Mariano sobre o Pantanal:

Falou do alvoroço geral do gado quando o tempo muda; do desfile deles para o sal das salinas; dos que “malham” junto de casa e despertam dando sinal de temporal noturno, correndo, berrando medo, para o largo, para o centro das campinas; da paz que os leva, quando saem da malhada, no clarear do dia, e se espalham pobres no capim escuro; da alegria de todos, sob a chuva quente.¹³⁵

E diante da longa exposição feita, Guimarães Rosa observa que o poder rastreador do vaqueiro dava-lhe, à fala, um orgulho, e acendia outro cigarro. O escritor vai avaliando o vaqueiro enquanto desenvolve o seu discurso e instiga-o a falar mais. É bem provável que Guimarães Rosa esteja começando a treinar-se como interlocutor que nunca fala (e se fala é para questionar), mas que sem essa presença o monólogo não criaria forma.

Rosa relata que Mariano o informa sobre a vida dos bois e das atividades relacionadas, a lida dos peões, como os rodeios:

Os animais — touros, bois, bezerros, vacas — trazidos grupo a grupo e ajuntados num só rebanho, redondo, no meio do campo plano, oscilando e girando com ondas de fora a dentro e do centro à periferia, e os vaqueiros estacionados à distância ou cavalgando em círculos, ou cruzando galopes, como oficiais de uma batalha antiga, procurando, separando, conduzindo, mas sempre a vigiarem a imensa bomba viva que ameaça a estilhar-se e explodir a hora qualquer, e que persevera na estrugências dos mugidos: fino, grosso, longe, perto, forte, fraco, fino, grosso...¹³⁶

E, ainda, o vaqueiro explica sobre as *vaquejadas* “as *vaquejadas* — vai-se escondido pelo meio do mato, e sai-se em cima do gado, de repente...”.

Guimarães Rosa afirma que o vaqueiro Mariano aguardava as perguntas “pronto a levar-me na garupa, por campo e curral”. O vaqueiro não se gabava, em tempo algum, nem

¹³⁴ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 775.

¹³⁵ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 776.

¹³⁶ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 776.

punha acento para engrandecer-se. O escritor mineiro queria saber suas horas sofridas, e, em afã maior, o vaqueiro narra compassivamente:

— Foi há um três anos, na seca. No levantar do gado no curral, sobre um poeirão e tapa tudo. O *gado* faz redemoinho. Eu vim abrir a porteira, e era só a barulheira deles, aquela nuvem vermelha, de pó de terra. A gente, apurado, até com receio, não se previne. Quando meio-enxerguei um vulto, ouvi o rosnado, em vez de empurrar a p'rá diante a porteira, segurei foi um touro que vinha saindo...

Me abracei com ele u'a mão no pescoço, a outra no chifre. Mesmo no esbarro, um arrompo duro, fiquei dependurado, agarrando em tudo. A mal eu engoli o gosto de sangue...

Aí num modo que vi que a *morte as vezes tem é ódio da gente...* A força daquilo, relando o corpo de um, era coisa mostra demais — no peso, no ronco, na mexida, até no cheiro...

Balançou comigo, e me tompou longe, uns dez metros, no meio do poeirão...¹³⁷

E, pela noite a dentro, à luz do lampião, naquele mundo à parte, o vaqueiro contou as variadas estórias e peripécias de que se fez o personagem. Muda de posição para falar da coisa mais temida no Pantanal — mais que as rasteiras cobras ou as onças com o seu certo pulo, mais assombrador do que as cíclicas inundações — que é o fogo, que surge, em vários focos simultâneos, trazendo destruição e morte.

Relacionados ao fogo, existem vários conceitos e definições, vou me ater a uma. O fogo não apenas destrói a erva inútil, como enriquece a terra. Entretanto, em qualquer circunstância, o fogo mostra a sua má vontade: “é difícil de se acender; é difícil de se apagar. A substância é o capricho; portanto, o fogo é uma pessoa”.¹³⁸

Já, no fim da noite, o vaqueiro Mariano revela um fato que havia reservado para encerrar a conversa, como chave-de-ouro de um antigo soneto. Uma coisa guardou por última, porque “a gente gosta: Se alembra do boi que eu disse, do boi preto, coitado, que deitou-se-na-cama no chavarrasco, sem querer vir, e nós largamos”?

E o vaqueiro tenta esclarecer sobre a sensação de impotência que sentiu diante do fogo e o abandono do boi preto:

¹³⁷ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 778.

¹³⁸ BACHELARD. *A psicanálise do fogo*, p. 97.

eu não tinha podido me esquecer do boi no meio do fogo, eu tivesse fé p'rá um arranco a mais, estava vivo agora. Então, a gente acendendo um contrafogo, na *baía*, quando: que é que evém lá? Era ele, Che! Decerto na horinha em que o fogo fomentou, fez ele pensar mais e se apumar, pulando, às carreiras, veio batida dos outros.¹³⁹

Afirma Guimarães Rosa que o sono venceu o amigo e o escritor mineiro, e mesmo quando aprende o poetar dos vaqueiros, exercita a sua própria visão poética do mundo, registrando suas impressões, criando imagens e armazenando novas palavras.

Na primeira parte do conto, todo o longo discurso de Mariano não é um monólogo; mas uma comunicação a um “senhor” que, portanto, está presente no texto, cujo conhecimento do meio se pode recorrer confiadamente, e, no entanto, está fora, nesse limite que configura a ação mediadora. É “[...] interno e externo à mensagem está encavado entre essa segunda natureza da cultura e a irrupção da história modernizadora”.¹⁴⁰

Na segunda parte do conto, Rosa registra, em sua caderneta, “Para lá da minha janela, tinha hasteado estrelas e que recebe os *icebergs* de ar”¹⁴¹, ao levantar-se às quatro, desliza-se pelo pátio para ver o Pantanal, em madrugada e manhã. Todos dormiam.

Rosa assegura que com uma lanterna elétrica, alumia o chão, precavendo-se da jararaca ou da boca-de-sapo, réptil temido no Pantanal. O “frio fazia a gente dançar”.

O escritor vai em busca do curral, de onde falava com fome os bezerros. Feito, à moda mato-grossense, ficava distante da casa, tinha que atravessar uma *baía* por longa ponte baixa, feita de ripas de palmeiras. Ao chegar ao curral, onde estão agrupados, pelo frio e pelo susto, os bezerros voltam-se para o escritor e seus olhos alumiam como gatos. “Era lindo a constelação de jóias, Amarante e ardósia, incandescente”.¹⁴²

Guimarães Rosa vai descrevendo o seu passeio pelo fim da madrugada pantaneira e barulhenta e beira a cerca, mão-ante-mão, até o último curral, onde ficam as vacas leiteiras.

¹³⁹ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 783.

¹⁴⁰ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 321.

¹⁴¹ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 783.

¹⁴² Ver ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 785.

O escritor observa que a casa de Mariano fica perto, e, pouco a pouco, ele vê retirando de suas paredes, o manto noturno, a noite se esvai, por escoo.

Obluz. Rosa continua a observar a beleza local, sendo desertada aos poucos pelo sol. E ele registra: “quase todo o céu passou a esverdeado e sobe, depois um arco de nuvens, no fim do oriente, um pouco de azul pegava pele. Naquelas nuvens começava o rosa e dourava-se o azul e sobre ninho de cores Vespa era a D’alva”.¹⁴³

O escritor relata que algumas vacas vêm e vêm perfiantes, outras ficam afastadas, num ar de espessa idealidade, como certas do que se vai passar. Apontou uma luz, na casa de Mariano, tresnoitado pelo serão da véspera, atrasou o despertar, só acordou com os mugidos, desculpa-se com o escritor e começa o trabalho.

Segui Mariano, que ia tocá-las e elas sabiam, se movendo, que íamos abrir a porteira. Eram muitas e silenciosas. Com a presença do vaqueiro, cessava, sem mais espera, a grande angustia migubunda. Tinham uma inércia doce. Vinham vindo, pisando sombras. De repente dispararam a correr pelo curral adentro.

— É tudo mansas, fado muito costeadado... assegura Mariano. Espalhalo bobo Tá vendo? Mal se aquietaram às vacas amotinadas — e a preta de chifres brancos, que chegava com as derradeiras, parou.

Olhou para mim. Qualquer coisa tremeu nela. Mas o atento vaqueiro, já pulara à minha frente, socorrendo-me.

— *Estrangeira!*

Não respirei a vaca estava suspensa no ar.

— *Estrangeira, meu bem*, teu bezerrinho tá chamendo...

Estrangeira guardou os olhos e desviou a cabeça, Mariano sacudiu o chapéu e disse uma ordem.

— Nem sei qu’isso ... Eh, é mansinha, vaquinha tambeira, muito puxada... até tive medo d’ela ter a peste-da-raiva.¹⁴⁴

Sem saber como agir, com real embaraço, Mariano explicava: “— E vinha em nós ... O senhor viu como ela queria se partir no chão, estava toda mole, mole. Vaca que arranca, até parece que tem um bigode, pois quando estão mesmo nessa “*fragônica*”¹⁴⁵, não atendem nada”.¹⁴⁶

¹⁴³ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 786.

¹⁴⁴ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 786.

¹⁴⁵ Fragônica – escrita no relato com um ponto de interrogação à margem, sublinhado para eventual substituição.

ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 786.

¹⁴⁶ ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 786.

O crítico Ángel Rama evidencia que os autores mediadores, ou seja, transculturadores, teriam promovido uma volta, *um replique*¹⁴⁷, como ele diz, a valores mais específicos da cultura tradicional, rural e, ao mesmo tempo, aberta para o fato que tais valores já estariam, por sua vez, transculturados, isto é, já teriam sofrido o impacto modernizador, transformando-se e, dessa forma, encontrando-se mais fortalecidos para os novos confrontos.¹⁴⁸

A impressão com que, às vezes, se delineia o mediador, indica a sua própria ambiguidade, seus duplos comportamentos, sua vacilada entre um território e outro. Pode-se perceber isso no personagem Mariano, pois, quando a vaca investe contra o escritor, “cabalmente o vaqueiro justifica, que se trata de um animal, pois, permite os desequilíbrios (imaginação/operatividade) e possui plasticidade para se mover as forças opostas”.

De acordo com Rama, o narrador se introduz no relato como um das “forças polares indispensáveis à elucidação do esquema de transformação que o texto propõe”.¹⁴⁹

Na terceira para do conto é que Rosa, na verdade, verá como se tratam, sob o céu pantaneiro, os bois e os vaqueiros. Afirma, o escritor, “par nós servia qualquer diversão, porque o “Pantanal é um mundo e, cada fazenda, um centro, finalmente, cavalgava no “País dos Bois””.¹⁵⁰

O escritor assegura que montaram em cavalos, para vaquejadas, que eram mais sábios e espertos que confortáveis; trotavam muito e não toleravam paradas, além de quererem sempre a dianteira. Irrequietos, nervosos.

Rosa não deixa passar os detalhes, e descreve como está vestido e como se comporta o vaqueiro: “de roupa preta, muito apertada, perna longas, descalço, com um chapéu de pano preto de sobarba como os “bolivianos” presos por tapa orelhas, era um tantinho prá gente se

¹⁴⁷ Replique (prega dupla, recuo de tropas). FLORENZANO. *Dicionário escolar espanhol-português – português-espanhol*, p. 240.

¹⁴⁸ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 320.

¹⁴⁹ RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 322.

¹⁵⁰ Ver ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 790.

ri”. Registra que, também, não lhe faltava elegância e arte rústica, na sua equitação, e que “entrava” no movimento do cavalo.¹⁵¹

Continuando o passeio pela fazenda, Guimarães Rosa, ao cavalgar, observava e anotava, quis dar de relho e esporas no cavalo, mas o vaqueiro Mariano, percebendo o movimento do escritor, recomenda: “Melhor o senhor não arrastar a rédea, por caso nenhum, que ele pode entender coisa que o senhor não está dizendo...”.

E Mariano continua a desvendar os mistérios do mundo do boi e também “vigiando” Rosa, que estava muito deslumbrado. Leva-o a conhecer o lugar das vacas e touros que, conforme lhe informa o vaqueiro, entre maio e setembro, esses reprodutores evitavam a companhia das fêmeas, procurando extremados do pasto.

Guimarães Rosa assegura que Mariano, mesmo sendo o Vaqueiro mais importante da Firme, trabalha enquanto o acompanha e, com o olhar atento, foi capaz de divisar no meio do gado uma rês sem marca e, aí, dá-lhe o sinal da fazenda.

O escritor observa que, apesar das cercas, os animais de várias fazendas se misturam, mas são reconhecidos pelas marcas individuais que cada fazendeiro possui. O vaqueiro Mariano vai relatando sobre os pastos de engorda e a diversidade de animais que são a riqueza da Firme, e busca mostrar a diferença entre ela e outros pantanais:

Na Bodoquena, ou muito p’ra riba, onde tem o bugre... Rês, por lá, chama brabeza, tudo bagual, fado perdido. Lá é tão ermo, que a gente encontra marruás mochos, sem dentes e cego, se amoitando nas brenhas para morrer de velhice... P’ra lidar lá, só homem corajoso, que tem calo na barriga e coração que bate nas costas... Vaqueiro lá, é capaz de um homem cidadão como o senhor não entender a fala deles.¹⁵²

Para Ángel Rama, serão aqueles escritores mais profundamente inseridos em culturas de sociedades encravadas e dominadas que, dispendo de estruturas culturais, como João Guimarães Rosa, com sua obra monumental, em que representa a aprimorada elaboração das construções dialetais, “elevadas a unidades de estruturação que é minuciosamente regido por

¹⁵¹ Ver ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 791.

¹⁵² Ver ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 796.

princípios de composição artística”.¹⁵³ E Rosa teria alcançado boas soluções, tanto no nível da língua quanto no da estrutura literária.

Pode-se, então, pensar que o crítico uruguaio entendia que o narrador de uma obra, como, *Grande sertão: veredas*, é utilizado como mediador entre o dito moderno e o tradicional; assumindo uma postura redutora, ao unificar a linguagem e formas de mundo diferentes, apenas a partir de sua perspectiva, sendo, ao mesmo tempo, um recuperador e unificador, pois unificaria a voz dos personagens à do narrador.

O escritor assegura que Mariano conhece profundamente a alma dos bois e os seus pensamentos e isso é posto à prova quando um grande touro avança sobre eles. Numa fração de segundo, o vaqueiro espanta-o para longe, mas ele volta, e o vaqueiro apalpa o laço.

Rosa confessa que ficou amedrontado pelo monstro, e tenta dissuadir o vaqueiro, pretextando fome e cansaço. Mariano entristeceu-se por perder a presa, e diante da insistência do escritor para voltar para casa, foi com uma santa malícia que desabafou sua decepção: “— Mas a gente já está chegando de volta. O Firme é ali...”

Guimarães Rosa acredita que o vaqueiro Mariano conhece não só a alma dos bois, mas a alma de todo o Pantanal e de seus habitantes, pois, no aproximar da casa, dois quero-queros, tesos, juntinhos, gritam, com empinada resistência, numa valentia, num desespero. Para salvar o ninho, enfrentam sem medo o vaqueiro e o escritor. E Mariano, com sua sabedoria, sugere que se deve deixá-los em paz, e informa “com esse rompante doido, eles costumavam — fazer uma boiada distorcer p’rá um lado e quebrar rumo”.¹⁵⁴

E pegando a dianteira, Mariano filosofa: “O Amor é assim”.¹⁵⁵ E finda o conto.

3.3 – *Sanga puytã: entre lá e cá*

¹⁵³ Ver RAMA. *Literatura e cultura na América Latina*, p. 219.

¹⁵⁴ Ver ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 799.

¹⁵⁵ Ver ROSA. Estas estórias. In: *Ficção completa*, p. 799.

Falar de Sanga Puytã é falar da fronteira e do que sempre representou no passado e na contemporaneidade. E fronteira, lembra-nos limites, cerceamento da liberdade. O limite é algo que se insinua entre dois ou mais mundos, buscando a sua divisão, procurando anunciar a diferença.

Fronteiras e limites, em princípio, fornecem imagens conceituais equivalentes. Entretanto, as aproximações e distanciamentos podem ser percebidos entre os dois. O limite parece consistir-se numa linha abstrata, fina o suficiente para ser incorporado pela fronteira. A fronteira parece ser feita de espaço areal, por onde passa o limite.

O marco de fronteira, reivindicando o caráter de símbolo visual do limite, define a linha imaginária que divide os territórios. A fronteira e o limite ainda parecem dar-se as costas. A fronteira coloca-se à frente (front) como se ousasse representar o começo de tudo onde, exatamente, parece terminar; o limite, de outra parte, parece significar o fim do que estabelece a coesão do território. O “limite visto do território está voltado para dentro, enquanto a fronteira imaginada do mesmo lugar, está voltada para fora” como se pretendesse prolongar a expansão daquilo que lhe deu origem.¹⁵⁶

O limite estimula a ideia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração. No entanto, a linha que separa os conceitos é vaga e abstrata, de difícil definição; mas, muito usada, caberia a palavra polissêmica?

Fleming, estudiosa de Horácio Queiroga, levanta em sua obra três aspectos de fronteira: geográfica, humana e *linguística* que é uma mistura entre o português, o guarani e o espanhol (O portunhol). Então, a fronteira, para Fleming, seria o limite entre os territórios, a consequente interpenetração linguística e, depois, a presença de desterrados, degredados e dos aculturados.¹⁵⁷

¹⁵⁶ Ver HISSA. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*, p. 35.

¹⁵⁷ FLEMING. “Introducción. p. 42.

Contudo, a noção de fronteira constituída neste texto é a visão descritiva de Guimarães Rosa no relato que nos remete a um fato histórico,¹⁵⁸ em que o escritor mineiro afirma: “De Aquidauana, sul avante, senso inverso, entramos a rodar as etapas da Retirada da Laguna”.¹⁵⁹ Rosa vai registrando a paisagem, o relevo, a flora, a natureza com o sol do meio-dia e a arenosa estrada de terra vermelha. Poeticamente, descreve a Serra do Amambaí como “vertente do pente contra o planalto recurvo”,¹⁶⁰ onde surge Nioaque.

O escritor mineiro fala de Nioaque com suas velhas e espaçadas casas, que é um território remoto entre a rua e a praça, campo ou clareira. Achou-a madura e estática, qual um burgo goiano. Nioaque em nada lhe lembrava outras povoações de Mato Grosso.

Rosa recorda que ali foi um dos palcos da Guerra do Paraguai — escaramuças pilhagens, massacres, incêndios. A “História se rarefez”¹⁶¹ e o que resta é um marco simbólico, com a bandeira hasteada. O escritor-pesquisador observou as diferenças e trocas culturais pela grande quantidade de paraguaios que vivem nos povoados por onde passara,

Já em Campo Grande aportam os risos do Paraguai, em pares de olhos escuros, mal avistados e no ritmo das polcas e das guarânias. “*Paraguayta linda*” — toa uma harpa em guitarras. Compra-se o *nhanduti* — fios de amido e amor, rijo arranhol constelado, espuma em estrias. As *fajas* coloridas prendem armas como enfeites. E espalham-se os *pyutas* — os ponchos de sarja escarlate, que transitam, contra horizontes e céus, como fúcsias enormes, amadurecendo um vaqueiro num cardeal, pingando de sangue o planalto, nas léguas instantâneos da paisagem ou acendendo no verde do Pantanal tochas vagantes.¹⁶²

É a esse processo de diferenças e trocas culturais que Canclini chama de hibridação, como um processo de interseção e transações, é o que torna possível que a *multiculturalidade* evite o que tem de segregação e se converta em *interculturalidade*.¹⁶³

¹⁵⁸ Retirada da Laguna, de Alfredo D’Escagnolle Taunay, o “Visconde de Taunay”, que faz os registros da Retirada em 1867. A Retirada da Laguna é um dos tristes episódios da fratricida Guerra do Paraguai (1864-1870).

¹⁵⁹ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 933.

¹⁶⁰ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 933.

¹⁶¹ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 933.

¹⁶² ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 934.

¹⁶³ CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, p. XXVI (Introdução).

Guimarães Rosa registra em sua caderneta as estórias que lhe foram contadas em Nioaque sobre personagens que se tornaram lendários, como o coronel Camisão, sobre o Pisaflores, José Thomaz, sobre o chefe terena Francisco de Chagas e, especialmente, sobre a bondosa negra Ana, todos participantes reais da Guerra da Tríplice Aliança. É a diversidade de identidades que precisavam conviver em harmonia e em que buscavam apoiar-se.

O escritor se espanta ao ver tantos paraguaios e outros estrangeiros numa região ainda considerada longe da “zona de osmose”; um exército de ervateiros forasteiros que povoam o reduto de trabalho, das terras de “tangência amorosa”, que invoca a “co-presença espacial e temporal dos sujeitos que, anteriormente, viviam isolados por disjunturas geográficas e históricas, cujas trajetórias agora se cruzam.”¹⁶⁴

Ainda a caminho da zona de contato, Rosa já vislumbra o encontro com esse “povo fronteiriço, misto de cá e de lá, valha chamarmos de *brasilguaaios*, num aceno de poesia”.¹⁶⁵

Na fronteira, seja lá ou aqui, deve-se tentar construir uma diversidade de novas esferas públicas, nas quais todos que aí vivem serão transformados ao serem obrigados a negociar dentro de um horizonte mais amplo. É essencial que o espaço permaneça heterogêneo e pluralístico e os elementos de negociação dentro do mesmo retenham a sua diferença.¹⁶⁶

O “brasilguaio”, como o denomina Guimarães Rosa, é uma mestiçagem em que se supõe a convergência de elementos díspares de procedência europeia, ameríndia e africana, em sua origem estrangeiros uns aos outros, que se ajustam entre si, reorganizam-se e criam um novo sentido para a vida. Compreender a mestiçagem implica em compreender a importância dos elementos que desempenham papéis determinantes na contemporaneidade: as trocas de um mundo a outro, os cruzamentos, os indivíduos e grupos que fazem, às vezes, de

¹⁶⁴ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 934.

¹⁶⁵ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 934.

¹⁶⁶ Ver HALL. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais, p. 83.

intermediários, que transitam entre os grandes blocos. Esses “personagens e esses espaços de mediação tiveram um papel essencial na história da colonização”.¹⁶⁷

O escritor mineiro continua a observar a paisagem, e se a observação é importante, não menos importante é o registro das coisas observadas. O deslocamento pelo espaço, repleto de dados geográficos e registrados com precisão, como nessa passagem: “paramos por causa de um tamanduá-bandeira, pardo, à borda da estrada, às 14:30 h”.¹⁶⁸ Continuando com esse registro preciso, Rosa descreve as construções rudimentares, casas de pau-a-pique, desbarreadas (a água deve estar longe, pensa), com o mato ameaçando a invadir a morada, desprovida de quase tudo. O escritor compara os moradores aos estóicos, expostos em rede, “ao gelo da madrugada, na florada do frio”.

Guimarães Rosa vai anotando todos os detalhes do longo trajeto, todos os marcos, como Miranda, um “rio não feio”, (quem sabe, referindo ao rio Feio) que ao se unir com o rio Santo Antônio, o pontal dos dois vai refletir em suas águas o redondo das copas das grandes árvores e continuam a deslizar por baixo da ponte. O rio será sempre um dos elementos chaves na obra rosiana.

A viagem continua sem pressa, e Rosa sempre a observar e a anotar minuciosamente, sobre os pastos com gados, e desenha um gavião carrapativo que perturba os bois; observa o aparecimento de casas, com soldados, são os homens da Comissão da Estrada de Rodagem número 3, ficando registrado por Rosa, “chegamos à Fazenda Jardim — a “instância de Jardim” e fomos alegremente recebidos pelo capitão Ivan Wolf, aí jantamos e pernoitamos com a noite nos laranjais de Guia Lopes”.¹⁶⁹

¹⁶⁷ MIGNOLLO. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*, p. 353.

¹⁶⁸ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 935.

¹⁶⁹ José Francisco Lopes, o Guia da Retirada da Laguna, fundou sua fazenda onde hoje é a cidade do mesmo nome; à margem esquerda do rio Miranda; a fazenda tinha terra dos dois lados do rio; estando a sede à margem direita; o Guia feio sepultado à margem esquerda, onde faleceu.

“Julho, 16. Conforme o diário dos viajantes. Frio à frente, reenfiamos a rota depois de um desvio de setenta e quatro quilômetros para ir ver o ‘Buraco do Perdido’”,¹⁷⁰ registra o escritor. Em seguida, fala da informação sobre a temperatura de Ponta-Porã e diz que está 5 graus sob zero, e que a massa polar passou por onde ele estava, e deixou tudo crestado, outonal. E o sol anda como uma aranha. Mas se os relatos dos viajantes e as cadernetas de Rosa se assemelham pelo deslocamento constante, a anotação descritiva de quem está de passagem e fio espacial se diferenciam pelo modo como observam os cenários naturais. Guimarães não olha o mundo como os cientistas classificatórios que querem etiquetar o mundo. O escritor quer o mundo com os olhos dos vaqueiros, mas o seu olhar multifacetado o leva a ter outras buscas.

“E chegamos ao patrimônio do Boqueirão”, registra Rosa que aí vai haver festa; na frente armaram ramadas cobertas ou alpendres à moda de “corredores” paraguaios para as danças. E argumenta, que o nosso País, agora economicamente melhor, é ainda mais atrativo para os paraguaios que trazem sua cultura, inteiriça,¹⁷¹

O Paraguai individualizado, talvez já pronto é extravazante; o Brasil, absorvente, digeridor vai assimilando todos os elementos, para se plasmar definitivamente. O Paraguai está recuando, se abrasileirou, afirma alguém jovialmente, mas tudo ocorre num estilo harmonioso e convivente. Em Dourados, uma mulher mostra seu filho, menino teso como um guaicuru e afirma com orgulho: — Paraguayo, no. Brasileirito!...¹⁷²

As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão, irrevogavelmente, traduzidas.¹⁷³

Atualmente, poucas culturas podem ser descritas como unidades estáveis, com limites precisos, baseados na ocupação do território delimitado. Os migrantes carregam os

¹⁷⁰ “Buraco do Perdido”, hoje “Buraco das Abelhas”, localiza-se no município de Jardim. Também nesse município fica o Buraco das Araras; que tem uma lagoa subterrânea é local de grande visitação pública. (Informação dada por um guia turístico da região).

¹⁷¹ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 935.

¹⁷² ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 935.

¹⁷³ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 935.

traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca mais serão *unificadas* no velho sentido, porque elas mesmas são produtos de várias histórias interconectadas que pertencem a uma, ou mesmo, a vários casos.¹⁷⁴

Prosseguindo a viagem, agora numa trilha de mata virgem, com altas e copadas árvores, rendada e cumeeira, quase nuvens e o bafo de sêmen, bafo de vida, que engloba tudo com uma unida murmuração, registra Rosa, em sua caderneta. A mata acabou de repente e o escritor mineiro foi surpreendido pelo imenso bando de emas, que trotavam batendo os cascos e, outras aves por ele conhecidas ou não são desenhadas e legendadas, que farão parte de suas anotações, de seus escritos.

Encontra-se com o rio Machorra, com 296 km, que cintila com sua mata de galeria e com sua beleza serena em tempo de paz. À frente, percorrendo alguns quilômetros, faz uma parada num posto de vigilância brasileiro. Rosa conversa com soldados e fala dos grandes problemas acarretados pela guerra. É bom lembrar que, durante a Segunda Guerra Mundial, Guimarães Rosa estava na Alemanha, onde ele e outras dezenas de brasileiros ficaram confinados na cidade de Baden-Baden.

Logo após, o escritor retoma a viagem e chega à Bela Vista brasileira, porque na Bella Vista paraguaia rebeldes de armas empunhadas estão do outro lado do rio Apa.

É interessante observar que, algumas vezes, Rosa antecipa informações geográficas que possui e relatos que ouviu e registrou, antes de chegar no local do acontecimento. Observe. Estando, ainda em Bela Vista, o escritor afirma que vinte e mais léguas a leste, beiradeando a divisória, fica Pedro Juan Caballero, metade meridional de uma cidade — cuja outra meia é Ponta-Porã, guardada por soldados do governo “seriam por uns 200”, com

¹⁷⁴ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 89.

poucas armas, fogo de pobre. E sobre essa linha da fronteira, patrulhas volantes, “prontas a espingardearem à caçadora”.¹⁷⁵ Rosa relata:

[...] que os soldados de Ponta Porã estão contando de um moço militar de Nhu Verá (hoje, Capitão Bado) ou Horqueta, que por achar enfado na luta do Ipane e preferiu indulgir em peripécias próprias: desertou barulhentemente, chocou-se com os rondas, atravessou depois o território inimigo, sempre riscando de onça, requisitou comeres e beberes, promoveu-se e condecorou a si próprio, chegando à beirada do Brasil, cumprimentou e deu as costas, sem gosto de abraçar-se, e pois retornando à confusão. Trazia um violão a tiracolo — acrescentam. E explicam que o violão para o paraguaio é a arma de combate e a ferramenta de lavoura.¹⁷⁶

Ao ouvir a estória, Guimarães acrescentou: “se verdadeira, bela é a história, se imaginada, ainda mais”.

A fronteira, aqui, sugere uma linha limítrofe entre regiões e, ao mesmo tempo, um concentrado campo de tensões. Imagem de fronteira transnacional, plurilinguística e intercultural, esse território é continuamente cortado pelas balas de bandos inimigos e da governança, sendo, ainda, atravessado pelo entrecruzamento de vozes dissonantes e dialógicas.

O escritor mineiro está hospedado na Vila Militar e desse lugar é que contempla as duas Belas Vistas, como um livro aberto. O escritor se recorda e anota que, por aquele caminho, passou montado num cavalo baio, José Francisco Lopes, o Guia, minério de Pium-í “de sertões exatos, de tenência e transatos, da lealdade e da força”. Por ele conduzidos e nutridos com o seu gado, vieram os homens da expedição — para vida e para volta — sob bandeiras, serra acima, serra abaixo, boi berrante. Té hoje, manda aqui a pecuária — “Em Bela Vista tudo é gado...” E numa conversa, num sussurro, um sulano diz ao escritor — “o quilo é treis mil réis do lado de lá e do lado de cá é dois...”¹⁷⁷ Rosa relata que a cidade se

¹⁷⁵ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 935.

¹⁷⁶ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 936.

¹⁷⁷ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 937.

atravessa em três minutos, e ainda dá tempo de olhar para o lado do lugar do matador de gente, Silvino Jacques,¹⁷⁸ por causa de quem ainda há mulheres de luto, das duas bandas.

Continuando a visita, o escritor chega à barranca do Passo da Alfândega, onde está acampado um destacamento; com as barracas verde-amarelas; cavalos pastam por perto, um sargento e uns quinze praças, grupo de combate do Regimento de Antônio João. O Apa, cor de folha, mostra, às grandes, seixos rolados no fundo. É um rio belo e formoso, como o descrevera Taunay.¹⁷⁹

À margem do Apa, duas ou três canoas estão prontas, aqui, no tempo de paz funcionava uma balsa, mais abaixo no Passo do Macaco, os caminhões cruzam sem nenhum dano, informam a Guimarães Rosa. O escritor atravessa o rio com o canoeiro Martin Yara, nome próprio para o cargo, registra o escritor, buscando tirar-lhe mais informações. Pergunta a Martin se também era revolucionário, e ele lhe responde, com gestos, fazendo o V da vitória e tão sério, como se pusesse alguma pajelança nessa arma simbólica importada para os nossos arsenais pastoris. De pé, à proa, firme impele a canoa que se esgueira, e ele parece um gondoleiro; como um paragarani de bom tronco, é calado e de ação, analisa-o, Rosa que sabe que ele age por instinto.

Silencioso, o barqueiro, o escritor continua a registrar tudo ao seu redor e dá asas à sua imaginação, e ao falar do sobrevoos dos pássaros, fixa no João-de-barro, assim conhecido em Minas e que o crismaram de Massa-barro, que volta à margem, “o pássaro re-poetiza: *Alonso, alonoito, Alonso, ponchito*, mais a-dentro voltará ao profissional, canta grosso: al hornero!”¹⁸⁰

Guimarães Rosa passeia pela Avenida Estigarríbia, onde as vacas transitam com universal bondade. O silêncio é quebrado pelo toque do sino do Colégio dos Padres norte-

¹⁷⁸ Assim como Lampião trazia a tiracolo sua Maria Bonita, também o bandoleiro e justiceiro Silvino Jacques, trazia a sua Raida, morena paraguaia, que o acompanhava em todas as suas lides. PROENÇA. *Pantanal*: gente, tradição e história, p. 156.

¹⁷⁹ TAUNAY. *Retirada de Laguna*: episódio da Guerra do Paraguai, p. 67.

¹⁸⁰ Ver ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 935.

americanos, os legalistas, do lugar, estão longe, no Brasil pertinho. O escritor é recebido por um grupo de oficiais militares paraguaios e descreve a impressão que lhe causam, dois especialmente:

O capitão Duarte Britos — é moreno e encorpado, estampa de autoctone, deve provir de sêmol de caciques e sobre o major Rufino Pampliega — que é claro, corpudo, mas velasquiano; com modos de esgrimista, olhar e fronte de estrategista, blusa de couro, à vista, bombacha com friso de casa-de-abelha, botas de fole, aprumo palaciego. Ao despedir, o capitão Duarte Britos, termina socialíssimo: “Na fronteira nos imporemos pelas armas”.¹⁸¹

Rosa afirma que retorna à noite à nossa Bela Vista, que as ruas são como trevas, mas que um lampião foca um círculo diurno, onde belas moças sorriem e os homens atraídos acorrem... O violão desfere uma polca laçadora, que clama aplausos bilíngues, trilingues, e a moça Chiquita ou Amparo, canta a canção do coração louco – Corazo tarobá...

Ao seguir viagem no dia seguinte, essa música, que é uma mistura de marulho do Apa e do trinar amoroso da calôndria, pausa como um pássaro roxo em seu ombro, que desordena as perspectivas da manhã, anota em sua caderneta. O caminho agora é Ponta-Porã, com percurso agreste, uniforme, tudo é muito silencioso e o único barulho é de uma cochilante carreta, com bois bojadores, e o carreiro, a cavalo, sustenta, a picana (o ferrão). Chega em Colônia Penzo, onde um destacamento afugenta os quateiros, para que os desbravadores habitem em paz. As nuvens gostam de pousar no sueste do céu e os gaviões preferem as árvores secas, filosofa Guimarães Rosa. Continua a descrever a paisagem, fala das arvoretas inéditas, que querem agrupar-se em bosques — é a erva-mate que começa. Tocamos a linha da fronteira, afirma.

As fronteiras que, ao abarcarem amplos domínios, maior das vezes, são porosas, permeáveis, flexíveis, deslocam-se ou são deslocadas, pois aparecem tanto como reais, quanto imaginárias, intransponíveis e escamoteáveis. Estudá-las, sabemos que não resolve essa problemática, mas leva-nos a entender o sentimento de inacabamento, que surge da

¹⁸¹ Ver ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 937.

dificuldade de conceber o entre dois mundos, e como é complexo, esse estado/espço e essa temporalidade.¹⁸²

Rosa entra na cidade pela estrada que “coleia por entre postes de demarcação, que intervisíveis, vão mundo adiante”, e encontra uma patrulha, de banceiros colorados, cavalaria legalista que vai em direção ao oeste. Nos altos de Maracaju, numa planada, a 800 m do nível do mar, vestida de frio novo, Ponta Porã, a bonita. Surge. A cidade. As cidades — dimidianos, geminadas, beira-fronteira — ora deserta, cerrada a Pedro Juan Caballero, num relento de eremitério e guerra. Vacas e cavalos pastam na Avenida Internacional, o *boulevard* limitante. E Ponta Porã freme de expectativa, mais vida, solidária assistência, o escritor contempla tudo e tudo registra.

Foi na Porteira Ortiz, local mais abrigado e abrigável, na época, ao norte das atuais cidades gêmeas, que um senhor, com o mesmo nome, aí se estabeleceu, como um dos pontos de apoio, um bolicho, uma casa de comércio. Era próxima a Laguna Punta Porá (Laguna dos Cuervos), hoje, soterrada, que as carretas, seus comboios, faziam “paraje”, para descansar a boiada, repousar as tropas, tomar rodadas de mate, trocar notícias e, depois de tudo acomodado, esticar até a Porteira Ortiz para “viver um pouco”.¹⁸³ Nesses lugares, fundem-se culturas, harmonizam-se os costumes, cria-se um dialeto, “experimenta-se um *modus vivendi*, um modelo original, possível a todos os povos — de convivência e de aceitação do Outro”, argumenta Freire.¹⁸⁴

Punta Porá, em Guarany *Huá Porá*, foi o primeiro nome das cidades de Pedro Juan Caballero e de Ponta Porã. Já se encontravam, na fronteira, a influência das línguas espanhola e guarani, nas denominações regionais e é quando surge ali, a língua portuguesa, surge com certa força.

¹⁸² BHABHA. *O local da cultura*, p. 27.

¹⁸³ FREIRE. *Terra, gente e fronteiras*, p. 104.

¹⁸⁴ FREIRE. *Terra, gente e fronteiras*, p. 120.

De acordo com Freire, a pronúncia em português da palavra Porá, com seu acento agudo, faz como se o sem do “A” estivesse entre “Á” e “Ã”, tendo assim um som próprio, especial, daí, possivelmente, ter-se grafado o nome da cidade brasileira como Ponta Porã. E o governo do Paraguay, ao oficializar a cidade de Punta Porá, deu-lhe o nome de Pedro Juan Caballero, que foi um herói nacional.

Essas cidades nascidas gêmeas, maiores e antecipadas, conservam-se ligadas, mas com datas de nascimento diferentes, uma em 1900, e Ponta Porã ,em 1912.

Descrevendo os limites nas povoações lindeiras, fronteira Brasil-Paraguay, afirma o escritor fronteiriço que foi demarcada no período de 1872 a 1874, mas, como brasileiros e paraguaios se estabeleceram sem obedecer à linha divisória; foi adotado, então, em 1940, um “acordo Condicional” entre os dois países, que deu um tratamento diferenciado a esse trecho, situado nas localidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero; Sanga Puytã e Zanga Puytã; Nhu Vera (hoje, Coronel Sapucaia) e Nhu Verá (Capitão Bado), talvez pelo fato de ter nascidas unas, menos após nova linha demarcatória, continuam unidas e harmônicas.

Essa ênfase dada às comunidades nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade, pode manifestar-se como *Tradição inventada*, significando que um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, busca incultar certos valores e normas de comportamento através da repetição que, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado.

Então, o que essas comunidades constroem, se torna, realmente, unificado — pois os seus pilares básicos são: as memórias do passado, o desejo de viver em conjunto e a perpetuação da herança em comum.

Rosa afirma que, ao partir de Ponta Porã, ouviu de um menino engraxate, uma canção inesquecer-se:

“Allá en la orilla del rio
una doncela

bordando um pañuelo de ora
 Para la Reina
 Para la Reina...¹⁸⁵

Continua o escritor mineiro voltando norte, passa, por nosso derradeiro olhar, Sanga Puytã, também gemilata de Zanga Puytã. Sanga Pytã, à borda de um campo, com cupins e queimadas, arranchada entre árvores que o vento desfolha. Dizem que a sua área é menor que a do cemitério. Apenas “a gente pensa que viagem foi toda para recolher esse nome encarnado molhado, coisa de nem vista flor”.¹⁸⁶

A Sanga Puytã, vermelho-encarnada, tão pequena, mas que deu um toque colorido à viagem de Rosa, tem também lenda, que vai de encontro à pesquisa do escritor que trabalha a norma culta, as fontes orais da narração popular e cria uma obra monumental.

Sanga

Sanga, na linguagem fronteira, quer dizer vala profunda e desbeijada, aberta pelas enxurradas. Sanga tem sua história.

Lenda bonita que os de dantes contavam, na hora do mate de coco, pormenorizando tudo, na vivência do passado, para reavivar a memória, que nunca deve embotar-se, porque quem recorda o que passou – vive; e é no viver do passado remoto, que a alma da gente se alvoroça, e o pensamento fica ligeiro como corrida de gringo contrabandista.

Por isso, os antigos gostavam de desfilar lendas e contar histórias. A da sanga era assim.

A moça, flor do sertão, delicada e bela, enamorou-se de um jovem; de um rapagão, forte e musculoso, que ali aparecera. O mancebo chegou, e logo mostrou quem era: um corre-mundo, um safardana, um gaiteiro, um prófugo. De coisa de suar, de avermelhar o rosto, de vergar a espinha, nada queria. Só de festa, de bochinchada, gostava. E também adorava o baralho. Num truço refestelava-se todo. Gritava, fazia o sapateio, dizia versos picantes e soltava para o ar, num grito de guerreiro vitorioso, churriada de frases e ditos. Os pais da donzela o odiaram. Quem vivia a deambular, se metendo em desaguisado, provocando e ofendendo, trilhando todos os caminhos sem pouso certo, nada tendo de seu, a não ser o cavalo mal aperado, não podia merecer o amor de quem havia sido criado com mimo, na santa e augusta pás do Senhor; de uma criatura sensível e pura, meiga e terna, que sabia orar, de mãos postas, contrita, pelo desapoderado, pelo perjuro e mau, e pelos que sofriam, pelo faminto, roto e pelo desajustado.

Quem era bondade e pureza, humildade e amor, jamais unir-se ao cardo: entregar-se a um cristão que representava a lama, o estrume, o repelente e a podridão. E a vizinhança inteira detestou o errante. Ofendeu o pai, desrespeitou a mãe, injuriou o irmão e praguejou, má e impiedosamente, os íntimos, os que a queriam, os justos, os conselheiros.

Desgraça que tem de acontecer, acontece mesmo. A moça desvairada fugiu com o trota-mundo. A mãe desvairada caiu doente. E chorou quarenta dias e quarenta noites. Perdeu as forças e veio-lhe a cegueira. Dos olhos, profundos e negros, o

¹⁸⁵ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 938.

¹⁸⁶ ROSA. Ave, palavra. In: *Ficção completa*, p. 939.

pranto jorrava em borbotões. Não mais se alimentou. A boca se lhe transformou num rasgo de meter medo e impressionar.

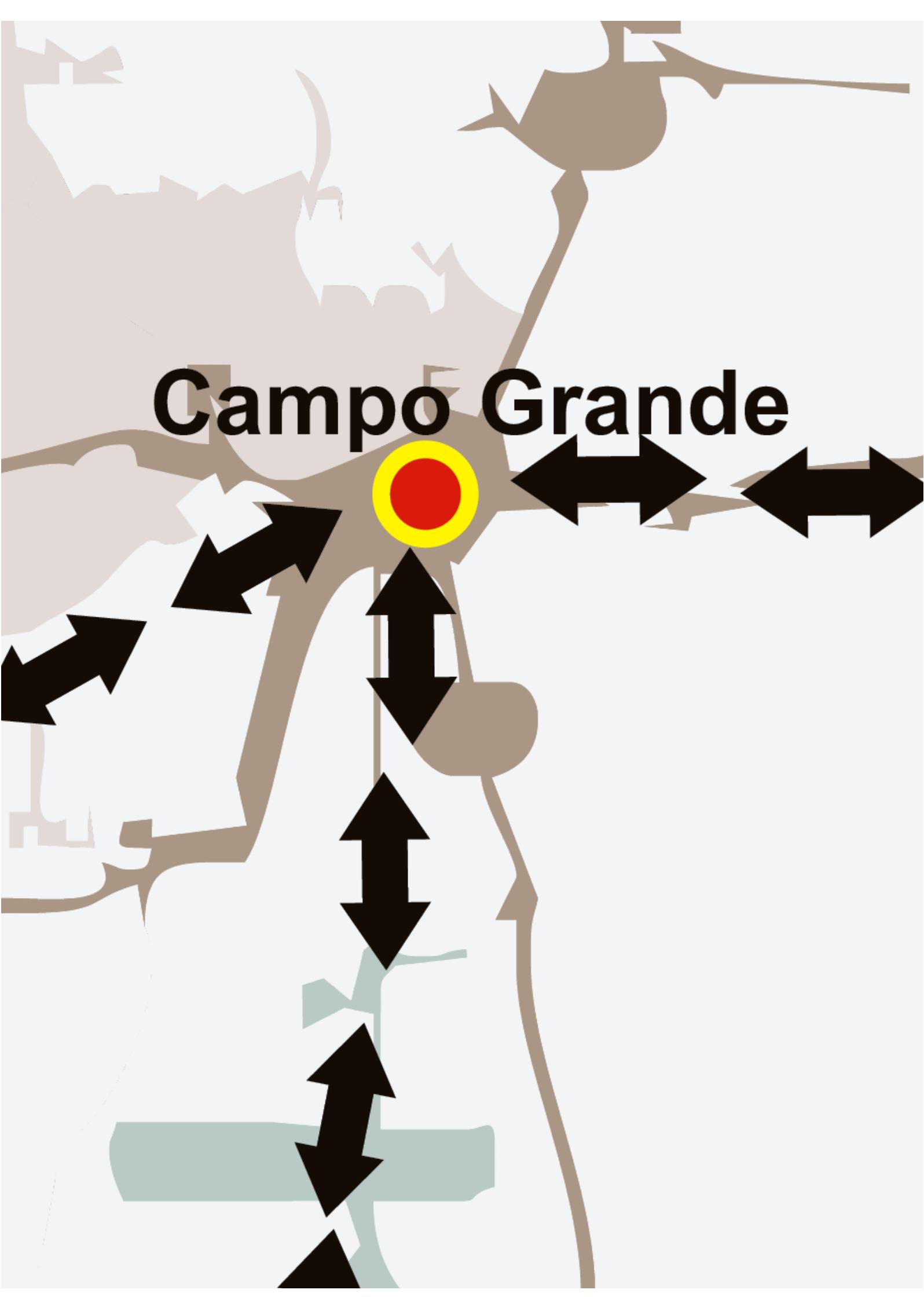
Uma tarde, um vulto, surgido das sombras, falou-lhe: — Seu corpo desaparecerá, mas os seus olhos ficarão, pregados à terra, em forma de uma vala ou estrada funda, que o povo fronteiriço chamará de sanga. Dentro dela correrão as águas das enxurradas, que representarão as lágrimas que os seus olhos choraram, quarenta dias e quarenta noites. Quem passar e vir a sanga, profunda e desbeijada, lembrará a sua história e amaldiçoará a filha ingrata que fugiu com o moço andejo.

*Eis por que as sangas existem. A sanga fronteiriça será sempre a lembrança daquela mãe aflita e daqueles olhos de amor e ternura, que secaram pelo desgosto e pelo sofrimento.*¹⁸⁷

Ao representar as narrativas orais no corpo de um texto escrito, onde a memória coletiva pode ser atualizada, Guimarães Rosa demonstra que a voz do narrador oral tem a potência para iluminar antigas estórias, de renová-las e torná-las capazes de ressoar em novas vozes. Tudo o que parece ser fixo é afetado pela intersubjetividade decorrente da interação de muitas vozes a produzir enunciados únicos, singulares, como nos contos, Cipango, Com o vaqueiro Mariano e Sanga Puytã, distintos espaços, temporalidades, culturas e saberes diferenciados, que, ao mesclar história com estória, a realidade com a ficção ou o passado imóvel como a fluidez do futuro, a obra de Guimarães desierarquiza categorias ontológicas, como, tempo, espaço, verdade, pureza e identidade, para resgatar a hibridez e a heterogeneidade, que estão na base constitutiva da cultura brasileira e latino-americana. E, ainda, vai além ao fazer-se de transculturador narrativo.

¹⁸⁷ SEREJO. Lendas do Estado de MS. In: *Obras completas*, vol. VIII, p. 105-106.

Campo Grande



4 – CONCLUSÃO – Fronteiras Imaginadas

Por conta da presença fantasmática do outro, e livre de qualquer pensamento nostálgico, resta ao sujeito buscar reconstruir uma memória imaginária e pessoal que lembre o mapa do traço de seu lugar para sempre (in)existente. Nessa tarefa sobre humana o que ele esquece é tão importante quanto o que ele lembra. Porque é assim que os lugares vão sendo reinventados, refundados e recontados, como a própria narrativa da vida humana. Depois do último céu, está a origem de todos os lugares; logo, cada um que para ali se voltar, reconhecerá o seu lugar na história que não passava de uma metáfora imaginária.

Edgar César Nolasco

Há de se dar importância à imaginação dos museus e dos serviços arqueológicos coloniais, que foram instituições de poder e prestígio.¹⁸⁸ A nação constrói tempos vazios e homogêneos; e amnésias coletivas fazem parte desse jogo político, muito concorrido em qualquer lugar.

Diferente de demarcações identitárias e cartográficas, o espaço dos canários rosianos cria zonas de convergência, onde se forma um intenso contrabando entre línguas e culturas de diferentes procedências e temporalidades. É essa demarcação discursiva que dá visibilidades a identidades em curso, a pátrios itinerantes em permanente confronto e negociação, desconstruindo, dessa maneira, territorialidades fixas e construindo novas formas de habitar o mundo.

O sujeito, previamente vivido como traído uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única mas de várias identidades, às vezes, contraditórias e não resolvidas. O sujeito assume diferentes identidades em diferentes situações, identidades que não são agrupadas ao redor de um “eu” coerente. É definido de forma histórica e não biológica. Somos levados em diferentes direções por nossas identidades contraditórias, de tal modo que sempre deslocados.

De acordo com Hall, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.¹⁸⁹ Se cremos ter uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é simplesmente porque criamos uma estória adequada sobre nós mesmos, uma confortável narrativa do eu, ou, como afirma Edgar Nolasco, “criamos uma biografia para nós mesmos”.¹⁹⁰

Outro lado dessa questão da identidade está relacionado ao caráter da mudança na modernidade tardia, em especial ao processo de mudança conhecido como globalização e seu

¹⁸⁸ ANDERSON. *Comunidades imaginadas*, p. 15.

¹⁸⁹ HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 13.

¹⁹⁰ Comentário do professor Edgar César Nolasco em um dos momentos de orientação para a realização dessa nossa pesquisa.

impacto sobre a identidade cultural. As culturas nacionais devem ser pensadas constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Detive-me até aqui, mesmo que de forma rápida, sobre a questão da nação comunidade e da identidade que está atravessada pelos conceitos teóricos desenvolvidos nesta pesquisa.

O conceito de hibridação, estudado por Canclini, por Bhabha e Hall, modificou o modo de falar de identidade, cultura, diferença, desigualdade, da tradição moderna e do global, como tentamos mostrar. Entretanto, o momento em que mais se estende a análise da hibridação a diversos processos culturais é no final da década de XX. Mas, também, se discute o valor desse conceito. Ele é usado também para descrever processos interétnicos e de descolonização.

Utilizei, também, o conceito de narrativa, de Ángel Rama, que tem como base de apoio a transculturação de Fernando Ortiz; o conceito de sistema, de Antonio Candido, e o Manifesto Regionalista, de Gilberto Freire, para explicitar suas comarcas culturais, busca do antropólogo brasileiro, Darcy Ribeiro, e no inglês Charles Wagley, e as categorias culturais, em Vittorio Lanternari.

Também foi buscado o “local”, por meio da questão regional, ou melhor, o localismo trans-histórico estudado por Homi Bhabha. Para finalizar o trabalho, demos enfoque à questão de fronteira e limites, tendo como suporte teórico Cássio Hissa, Bhabha, Hall, entre outros.

As fronteiras que permeiam as comunidades literárias rosianas são, assim, uma zona de sombras, cujos pontos, sempre, ou quase sempre, em fuga, tornam indiscerníveis os limites entre o fim de uma categoria e o início da outra. Trata-se, como no mapa rizomático concebido por Deleuze & Gattari, de sistemas a-centrados, redes de autômatos finitos, nos quais a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, definem-se somente por

um *estado* a tal momento, de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independente de uma instância central.¹⁹¹

Em homologia à estrutura rizomática, o território abrangido pelo território ficcional rosiano contém o traçado de um mapa reversível, matizado por várias linhas de fuga, contendo múltiplas entradas e saídas. Descentrados, os limites e suas legendas rompem a cartografia do mapa que, por sua vez, vê-se obrigada a submeter-se a múltiplos rearranjos: direções movediças, metamorfoses, mudança de traçado e natureza, porque ele (o mapa) é conectável em todas as suas dimensões.

Exemplo emblemático dessa permeabilização do território está na amplitude do sertão de Mato Grosso, no Pantanal: “o Pantanal é um mundo e cada fazenda um centro”.¹⁹²

A travessia de fronteiras se transforma na imagem cultural que será apropriada pela literatura, conforme observa Edward Said: “Atravessar a fronteira e passar pelas típicas privações e entusiasmos da migração tornavam-se um tema importante na arte da era pós-colonial”.¹⁹³

Da espacialidade intervalar da fronteira emerge “uma gama de outras vozes e histórias dissonantes e até dissidentes — mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidade policiadas”.

Para Bhabha, pode-se reconhecer, na “ponte”, a imagem da “articulação ambulantes, ambivalente”, que possibilitaria o alcance de outras margens a toda uma comunidade de extraditados em trânsito: “A ponte *reúne* enquanto margem que atravessa”.¹⁹⁴

Também sensível à fluidez e à pluralidade das identidades culturais, Boaventura Santos percebe a zona fronteira como um lugar “babélico”, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco suscetíveis de globalização o que, segundo ele,

¹⁹¹ DELUZE & GUATARRI. *Mil platôs*, p. 27.

¹⁹² ROSA. *Sagarana*, p. 790.

¹⁹³ SAID. *Cultura e imperialismo*, p. 379.

¹⁹⁴ BHABHA. *O local da cultura*, p. 24.

oferece a oportunidade de identificação e de criação cultural, sendo ambas maleáveis e, portanto, reversíveis:

Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como as da mulher, do homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidade em constante processo de transformação, responsáveis em última instância, pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época em época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso.¹⁹⁵

Na disponibilidade multicultural da zona fronteiriça, é possível divisar uma metáfora que traduz as relações entre as culturas periféricas e hegemônicas:

O contexto global do regresso de identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que atravessam.¹⁹⁶

A presença ficcional de Guimarães Rosa, em sua própria obra, faz uma espécie de *intersecção* de si próprio, enquanto viajante pesquisador de novas culturas e criador ficcional de uma comunidade utópica, cujo chefe é um herói civilizador que põe a tarefa de instituir normas “para se entranhar no “País do Boi”.

¹⁹⁵ SANTOS. *Pela mão de Alice*: o social e o político na pós-modernidade, p. 135.

¹⁹⁶ SANTOS. *Pela mão de Alice*: o social e o político na pós-modernidade, p. 155.



Três Lagoas

5 – REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

a) *Corpus literário básico*

ROSA, João Guimarães. Cipango. In *Ficção completa*. vol. II Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 1011-1013

_____. Entremeio com o vaqueiro Mariano. In *Ficção completa*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.773-799

_____. Sanga Puytã. In *Ficção completa*. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 933-938

b) Sobre João Guimarães Rosa

AGUIAR, Flávio. (org., apresentação e notas). *João Guimarães Rosa*. Coordenação de Laura Sandroni. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Um chamado João. In: ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Prefácio de Oscar Lopes, ilustrações de Poty. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. X-XII.

ANDRADE, Sônia Maria Viegas. *O universo épico-trágico do Grande sertão: veredas*. Belo Horizonte: Editora UFMG

ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *Guimarães Rosa: diplomata*. Ministério das Relações Exteriores, Fundação Alexandre Gusmão, 1987.

_____. *A raiz da alma (Corpo de Baile)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

_____. *Roteiro de Deus: dois estudos sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1996.

_____. *O espelho: contribuição do estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998.

_____. *Palavra e tempo: ensaios sobre Dante, Carrol e Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 2001. 1982.

_____. *As três graças: nova contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 2001.

ARROYO, Leonardo. *A cultura popular em Grande sertão: veredas: filiações e sobrevivências tradicionais, algumas vezes eruditas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; [Brasília]: INL, 1984.

- BARBOSA, Alaor. *Epopéia brasileira ou para ler Guimarães Rosa*. Goiânia: IMERY, 1981.
- BIZZARI, Edoardo. *J. Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano*. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1980.
- BOLLE, Willi. *Grande sertão BR: o romance de formação do Brasil*. São Paulo, Duas cidades; Editora 34, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória/sertão*. São Paulo: Editora Cone Sul/ Editora UNIUBE, 1998.
- BUENO, André. (org.). *Literatura e sociedade: narrativa, poesia, cinema, teatro e canção popular*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- BUSSOLOTI, Maria Aparecida Faria Marcondes. *J. Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer Clason (1958-1967)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ ABL, 2003.
- CAMPOS, Vera Mascarenhas de. *Borges & Guimarães Rosa: na esquina rosada do Grande Sertão*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- CASTRO, Manuel Antônio. *O homem provisório no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1976.
- CASTRO, Nei Leonardo de. *Universo e vocabulário do Grande sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970.
- COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978.
- CRUZ, Nelson. *No longe dos gerais*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DANIEL, Mary I. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.
- DINIS, Dilma Castelo Branco; COELHO, Haidée Ribeiro. Regionalismo. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: EDUJF, 2005, p. 415-434.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC – Minas; São Paulo: Alameda, 2006.
- DUARTE, Lélia Parreira, ALVES, Maria Tereza Abelha. (orgs.). *Outras margens: estudos da obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Autêntica/ PUC - Minas, 2001.
- FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2005.
- FINAZZI-ÀGRO, Ettore. *Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambigüidade no Grande sertão: veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *Mitologia rosiana*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *Guimarães Rosa*. Coleção Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *Mínima mímica*: ensaios sobre João Guimarães Rosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.

GOTHCHALK, Joana D'Arc Mendes. *Do sertão ao Pantanal*: Guimarães Rosa e Manoel de Barros (uma amizade literária). In: *Encontro Regional da ABRALIC 2007 - Literaturas, Artes e Saberes*, 2007, São Paulo. Encontro Regional da ABRALIC 2007 - Literaturas, Artes e Saberes. v. 1. São Paulo: Editora da USP, 2007. p.1 – 5

_____. *Cipango*: o serão oriental de João Guimarães Rosa. (Comunicação apresentada) In: *XII CICLO DE LITERATURA - Literatura e Práticas Culturais*: Faculdade de Comunicação, Artes e Letras; Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, MS, 2008.

_____. A narrativa híbrida de *Com o Vaqueiro Mariano*, de Guimarães Rosa. (Comunicação apresentada) In: *IV SEMINÁRIO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - caminhos e reflexões sobre estudos linguísticos e literários*; Programa de Mestrado em Letras - campus Três Lagoas; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, MS: 2007.

_____. Clarice e Guimarães: um encontro de astros. (Comunicação apresentada) In: *Seminário Internacional Clarice em cena – 30 anos depois*. FINATEC – Universidade de Brasília. Brasília, DF: 2007.

_____. *Do sertão ao Pantanal*: Guimarães Rosa e Manoel de Barros. (Comunicação apresentada) In: *III Semana de Letras e I Encontro de Línguas, Literaturas, Artes e Culturas do CPCX/UFMS*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coxim, MS: 2007.

_____. *Do sertão ao Pantanal*: Guimarães Rosa e Manoel de Barros (uma amizade literária). (Comunicação apresentada) In: *X SEMANA DE HISTÓRIA - HISTÓRIA EM MOVIMENTO: caminhos, culturas e fronteiras*. Curso de História do DCH - Campus de Três Lagoas. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas – MS: 2007.

_____. *Gerais e Pantanal*: o possível encontro. (Comunicação apresentada) In: *II SEMINÁRIO DO MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS - MANOEL DE BARROS: POESIA QUASE TODA e a XV SEMANA DE LETRAS DO DLE*. Departamento de Letras do Centro de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande – MS: 2007.

GUIMARÃES, Vicente. *Joãozinho*: a infância de João Guimarães Rosa. 2ª ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

LAGES, Susana Kampff. *João Guimarães Rosa e a saudade*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LEONEL, Maria Célia. *Guimarães Rosa alquimista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

_____. *Guimarães Rosa: Magma e a gênese da obra*. São Paulo: UNESP, 2000.

LIMA, Sônia Maria Van Dijck. (org.). *Ascendino Leite entrevista João Guimarães Rosa*. João Pessoa: UFPB, 1997. Publicada originalmente em *O Jornal*, Rio de Janeiro 26/05/1946.

LIMA, Sônia Maria Van Dijck. *Guimarães Rosa: escritura de Sagarana*. São Paulo: Navegar Editora, 2003.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MARINS, Heitor. *Do barroco a Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: INL; Fundação Pró-Memória, 1983.

MARTINS, Geraldo Majela. Transmission dans Campo Geral de Guimarães Rosa / Transmissão no Campo Geral de Guimarães Rosa. ÉTATS GÉNÉRAUX DE LA PSYCHANALYSE / ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE, 2, 2003, Rio de Janeiro. *Anais...* (Tema 3: A experiência psicanalítica e a cultura contemporânea). Disponível em francês em: <
http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/3e_Martins_59240903_fran.pdf >. Acesso em: 22 nov. 2008); Disponível em português em : <
http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/3e_Martins_59240903_port.pdf >.. Acesso em: 22 nov. 2008.

MARTINS, José Mario. *Guimarães Rosa: o alquimista do coração*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

MARTINS, Nilce Sant'Ana. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. *Tese e antítese: ensaios*. 4ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

MENDES, Lauro Belchior, OLIVEIRA, Luís Cláudio Vieira de. *A astúcia das palavras: ensaios sobre João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

MORAIS, Márcia Marques de. *A travessia dos fantasmas: literatura e psicanálise em Grande sertão: veredas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAIS, Osvando J. de. *Grande sertão: veredas: o romance transformado: o processo e a técnica de Walter George Durst na construção do roteiro televisivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MOTTA, Sérgio Vicente. *O engenho da narrativa e sua árvore genealógica: das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

ORLANDI. Luiz B. (org.). *A diferença*. Campinas, SP: Editorial da Unicamp, 2005.

PACHECO, Ana Paula. *Lugar do mito: narrativa e processo social nas Primeiras histórias de Guimarães Rosa*. São Paulo: Nankin, 2006.

PASSOS, Cleuza Rios Pinheiro. *Guimarães Rosa: o feminino e suas estórias*. São Paulo: Hucitec/ FAPESP, 2000.

PAZ-ANDRADE, Valentin. *A galeguidade na obra de Guimarães Rosa*. Trad. e prefácio de Paulo Rónai. São Paulo: Difel, 1983.

REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS: *Dossiê Guimarães Rosa*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Instituto dos Estudos Avançados. vol. 20 – nº 58, 2006.

RIVERA, Tânia. *Guimarães Rosa e a psicanálise: ensaios sobre a escrita e a imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

RÓNAI, Paulo. (sel. e pref.). *Rosiana: uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1983.

RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *O cão do sertão: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.

ROSA, João Guimarães. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

_____. *Cartas a William Agel de Mello*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Giordano, 2003.

ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Grande sertão: veredas: roteiro de leitura*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

_____. *Os (des)caminhos do Demo: tradução e ruptura em Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Edusp, 1993.

_____. *Desenredando Rosa: a obra de J. Guimarães Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

SANTOS, Júlia Conceição Fonseca. *Nomes de personagens em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: INL/ MEC, 1971.

SANTOS, Wendel. *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1978.

SIMÓES, Irene Jeanete Gilberto. *Guimarães Rosa: as paragens mágicas*. Coleção Debates, 216. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. Nas margens, a metrópole. In: *Margens/Margénes – Revista da Cultura*, n. 2, p. 31-33.

SPERBER, Suzi Frankl. *Caos Kosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas cidades, 1976.

_____. *Guimarães Rosa: signo e sentimentos*. São Paulo: Ática S.A., 1982.

SCARPELLI, Marli Fantini (org.) *A poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo horizonte; Editora UFMG, 2008.

SCHMIDT, Augusto Frederico. “A saga de Rosa”. In: FANTINI, Marli. *Fronteiras, margens e passagens*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2005.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA (1998-2000). *Seminário internacional Guimarães Rosa*. (1998-2000). (Org.). Lélia Parreira Duarte...[et al.] - Belo Horizonte: PUC – Minas/ CESPUC, 2000.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA (2001). *Veredas de Rosa II*: (Org.). Lélia Parreira Duarte...[et al.] - Belo Horizonte: PUC – Minas/ CESPUC, 2003.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Lembranças do Brasil: teoria política, história e ficção em Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Revani: UCAM, IUPERJ, 1999.

SÜSSEKIND, Flora e DIAS, Tânia. (orgs.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004.

TARSO, Paulo de. *O diálogo no Grande sertão: veredas: Guimarães Rosa e Riobaldo*. São Paulo: Hicitec, 1978.

TEOBALDO, Carlos, BITTENCOURT, Ercília. (org.). *O tempo em Grande Sertão: veredas e Balada da paixão sem fim*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2000.

TOLEDO, Marcelo de Almeida. *Grande sertão: veredas: as trilhas do amor e da guerra de Riobaldo Tatarana*. São Paulo: Massao Ohno/ M.L. Pires e Albuquerque Editores, 1982.

UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: metafísica do Grande sertão: veredas*. Trad. J. C. Garbuglio. Edusp, 1994.

VALADARES, Napoleão. *Os personagens do Grande sertão: veredas*. Brasília: André Quicé, 1982.

VASCONCELLOS, Lisa. *Figurações da leitura: um estudo sobre o papel do narratário em Grande sertão: veredas*. São Paulo: Scortecci, 2008.

VASCONCELOS, Sandra Guardiani Teixeira. *Puras misturas: estórias em Guimarães Rosa*. Coleção Linguagem e Cultura, 27. São Paulo: Hicitec/ FAPESP, 1997.

VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana: geografia e toponímia em Grande sertão: veredas*. 4ª ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

c) Revistas com artigos sobre João Guimarães Rosa

ARCA: Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande – MS. Arquitetura em Campo Grande: cenário da história da cidade Campo Grande, MS. vol. 12, 2006 p. 6-7.

ARRUDA, Daniela. OTA, Neila. TADA, Sílvia. (orgs.). CADERNO ESPECIAL DO CORREIO DO ESTADO. *Nina San*: 100 anos de imigração japonesa. Campo Grande, MS: Gráfica Editorial do Correio do Estado, abril de 2008.

CADERNO ESPECIAL: 100 anos da imigração japonesa: as surpreendentes histórias de um povo que ajudou a mudar o Brasil – e foram também transformados. Coordenação Alfredo Ogawa. São Paulo: Editora Abril Cultural, junho de 2008.

CADERNOS ENTRE LIVROS. Panorama da literatura latino-americana. São Paulo: Duetto Editorial, nº 7, 2008.

CAMINHOS DO TREM: origens. 2 vols. vol. 1: Brasil: estradas de ferro: transportes – Nos trilhos do café. História vol. 2: Brasil: ferrovias – Malha ferroviária. Pedro Vasquez. (org.). São Paulo: Duetto Editorial, dezembro de 2008.

CAROS AMIGOS [especial]. Nosso Japão: 100anos de imigração japonesa (ano xii, nº 39). São Paulo: Editora Casa Amarela, abril de 2008.

CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL (1908-2008). Massao Ohno. São Paulo: Editora Escala, 2008.

COSTA, Cristiane. O outro Guimarães Rosa: do global para o local. In *Revista Nossa História*. Ano 2, nº 22. São Paulo: Editora Vera Cruz, agosto de 2005. p. 76-80

CRUZ, Ricardo. ROSA, Daniel de. KEISI. Minami. (orgs.). *Almanaque do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo: Editora Escala, 2008.

DECOL, René Daniel. Uma certa Aracy, um certo João. In *Revista Gol Linhas Aéreas Inteligentes*. nº 65 – agosto de 2007. p. 70-76

DELFINI, Mariana. Palavras de guerra. In *Revista Bravo* – fevereiro de 2008 – ano 11 – nº 126 – Guimarães Rosa. São Paulo: Editora Abril Cultural, fevereiro de 2008. p. 28-39

EDIÇÃO ESPECIAL DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO BILINGUE. Japan: 100 anos depois: como a cultura japonesa transformou o Brasil e os brasileiros. nº 129, ano 11. Diretor-presidente Masakazu Shoji. Rio de Janeiro: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A.2008; no Japão: J.B. Communication.

FRANCO, Palmir Cleverson. FRANCO, Tanea Ribeiro. (orgs.). BUNKA: *Revista da Comunidade japonesa em Mato Grosso do Sul*. Colônia japonesa: passado e presente há quase 100 anos. Campo Grande, MS. Colônia Japonesa, 2006.

GRANATO, Fernando. Nas pegadas de Rosa. In *Revista Brasileiros*. Março de 2008 – nº 8. São Paulo: Brasileiros Editora Ltda. p. 30-37

GRANATO, Fernando. Rosa vive. In *Revista Globo Rural*. nº 272, junho de 2008. São Paulo: Editora Globo. p. 68-83

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de literatura brasileira*: João Guimarães Rosa. Edição especial, n. 20-21 – dezembro de 2006.

JORNAL NIPO-BRASIL (internacional press). Imigração Japonesa: a força no campo. Diretor Susana Y Bartels. São Paulo: Taiga Gráfica e Editora Ltda. (13 a 19 de julho), 2007.

LÍSIAS, Ricardo. *Borges e Guimarães Rosa*: sobre Argentina e o Brasil. In *Revista Entre Livros Clássicos*. nº 10, 2009. p. 59-63

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. *Guimarães Rosa*: 40 anos sem o menino de lá. In *Revista Discutindo Literatura*. Ano 3, nº 13, 2007. São Paulo: Editora Escala Educacional. p. 34-43

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS – PUC. O fenômeno do japonismo no Brasil, São Paulo, vol. 21, n. 1 e 2, p.176-185, 2002.

REVISTA DISCUTINDO LITERATURA. [especial]. *Guimarães Rosa*: 100 anos de nascimento. São Paulo: Editora Escala Educacional. Ano 1 – nº 4, 2008.

REVISTA ENTRE LIVROS. [Dossiê]. *Grande João*: Guimarães. São Paulo: Editora Duetto. Ano 1, nº 9, 2006. p. 28-47

REVISTA SCRIPTA. 2º Seminário Internacional de Guimarães Rosa: rotas e roteiros. Belo Horizonte: Editora PUC – Minas, 2002.

SANTIAGO, Silviano. *Rosa*: o nosso James Joyce?. In *Jornal O Tempo*. Belo Horizonte, quinta-feira, 26 de junho de 2008. Caderno Literatura, página 2-3

SOUSA. Patrus Ananias. Sertão a forte palavra. In *Revista Brasileiros*. Março de 2008 – nº 8. São Paulo: Brasileiros Editora Ltda. p. 38-47

d) Documentários e filmes e/ou sobre João Guimarães Rosa

ARIGATÔ: um olhar sobre a imigração japonesa em Campo Grande. Filme com direção e produção de Maristela Yule. Campo Grande, MS, 2006.

TERRA DAS ÁGUAS: documentário que retrata a influência das águas na vida do peão pantaneiro. Direção e roteiro. Rosiney Bigatão; produção e reportagem Lu Bigatão e Ubirajara Guimarães; fotografia Zé Du Moraes e Dalmo de Oliveira; trilha sonora Orquestra de Câmara do Pantanal, 2007.

e) Mapas

MAPA DA ANTIGA ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL. Disponível em: <http://www.geocities.com/nob1br/fotos.html> – acesso em: 27 de outubro de 2008.

MAPA DA ATUAL ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Mapa-Novoeste.jpg> – acesso em: 27 de outubro de 2008.

MAPA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Disponível em: <http://www.transportes.gov.br/bit/estados/port/ms.htm> – acesso em: 04 de novembro de 2008.

f) Gerais

ABDALA JUNIOR, Benjamim. No fluxo das águas: jangadas, margens e travessias. In *RAÍDO* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. Universidade Federal da Grande Dourados. (v. 2, n. 3). Dourados, MS: 2008. p. 9-20.

ABDALA JUNIOR, Benjamim. Globalização e novas perspectivas comunitárias. In ABDALA JUNIOR, Benjamim, SCARPELLI, Marli Fantini. *Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 61-72.

ABDALA JUNIOR, Benjamim. (org.). *Margens da cultura: mestiçagem hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ACHUGAR, Hugo. *Planeta sem boca*. Trad. Lysleí Nascimento. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

AGUIAR, Flávio & VASCONELOS, Sandra Guardiani T. (org.). *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*. Trad. Raquel La Corte dos Santos, Elza Gasparotto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. 8ª ed. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 2000.

AHMAD, Aijaz. *Linhagens do presente: ensaios*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

ALBÚM GRÁFICO DO ESTADO DE MATO GROSSO. Prefácio S. Cardoso Ayla e F. Simon. Hamburgo, Alemanha; Corumbá, MT. Janeiro, 1914.

ALMEIDA, Ângela Mendes de; BERTOLD, Zilly; LIMA, Eli Napoleão de. (Orgs.).

ALVAREZ, Sônia E.; DAGNINO, Evelina. ESCOBAR, Arturo. (orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ALVES, Gilberto Luiz. *Pantanal de Nhecolândia e modernização tecnológica: estudo das expectativas dos pecuaristas colhidas em suas memórias*. Campo Grande, MS: Ed. Uniderp; Editora UFMS, 2004.

ALVES-BEZERRA, Wilson. *Reverberações da fronteira em Horácio Quiroga*. São Paulo: Humanitas, FAPESP, 2008.

ANASTÁCIO, Elismar Bertoluci de Araújo; SANTOS, Henrique Pimenta; BUENO, Maysa de Oliveira Brum (Orgs.). *Tendências contemporâneas em Letras: povos do Pantanal*. 2ª ed. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Duas cidades, 1983.

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

ASSOCIAÇÃO JAPONESA DE ARAÇATUBA. *História dos 50 anos de Araçatuba*. São Paulo: Editora da Associação Japonesa de Araçatuba, 1958.

BACHELARD, Gastón. *A psicanálise do fogo*. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. [Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeller]. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Junior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BANDUCCI JUNIOR, Álvaro. *A natureza do pantaneiro*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e prefácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978 – 9ª edição.

_____. *S/Z*. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. *O império do signo*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

_____. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

_____. *Mitologias*. Tradução Rita Boungermino, Pedro Souza e Rejane Janowitz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

_____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BARROS, Abílio Leite de. *Gente pantaneira (crônica de sua história)*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

_____. *Histórias de muito antes: exercícios de ficção e memória: contos*. Campo Grande, MS: Editora Uniderp, 2004.

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão (poesia quase toda)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1990.

BAUMGARTEM, Carlos Alexandre. *A crítica literário no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: IEL: Edipucrs, 1997.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: Educ; Florianópolis, SC: UFSC, 2002.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Objetiva; Metalivos, 1999.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas*. vol. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENNIGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida*. Por Geoffrey Bennigton e Jacques Derrida. Tradução Anamaria Skinner; revisão técnica Márcio Gonçalves; Caio Mário Ribeiro de Meira. Rio de Janeiro: Jorge Zaharar, 1996.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRS, 1992.

BERND, Zilá. (Org.). *Escrituras híbridas: estudo em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 1998.

BERND, Zilá; DE GRANDIS, Rita.(Orgs.). *Imprevisíveis Américas: questão de hibridação cultural nas Américas*. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzato/Abecan, 1995.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITENCOURT, Gilda Neves; MARQUES, Reinaldo (Horas.). *Limiares críticos: ensaios sobre a literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

BLOOM, Harold. *O cânone universal: os livros e a escola do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Tradução Marcos Santarrita. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Esperando o trem: sonhos e esperanças de Cuiabá*. São Paulo: Scortecci, 2005.

BORGES, Jorge Luís. *Obras completas de Jorge Luís Borges*. vol. 3. São Paulo: Globo, 2000.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. 3º ed. 9ª tiragem. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

BURKE, Peter. *A grande travessia*. Tradução Vera Neves Pedroso. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2007.

_____. *Hibridismo cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo – RS: Editora da Universidade do Vale dos Sinos – Editora Unisinos, Coleção Aldus, nº 18, 2003.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Por que ler os clássicos?*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Cavaleiro inexistente*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANCLINI, Néstor Garcia *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Trad. Prefácio à 2ª ed. Gênese, 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANDIDO, Antonio. ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976 – 5ª ed.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1959.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 2ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Editora Ática, 1992.

_____. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2002.

CARVALHAL, Tânia Franco. (coordenadora). *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. *Tendências contemporâneas na literatura: um esboço*. Coleção Ediouro (51300). Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1982.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editora, 2ª ed. 2008.

CIMÓ, P. R. Q. *As curvas do trem e os meandros do poder: o nascimento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1904-1908)*. Assis, SP: Unesp, 1992.

CHIAPPINI, Lúcia. *No entretanto dos tempos: literatura e história em Simões Lopes Neto*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987.

CRIVELANTE, Maria Amélia Assis Alves. *Uma devassa nas Minas: imigração e moralidade na fronteira mais remota da colônia Mato Grosso, 1785*. Cuiabá, MT: Carlin & Caniato, 2006.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultural eletrônica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. *O trabalho da citação*. Tradução Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

CORRÊA, Isaque de Borba. *Dicionário catarinense: trato de dialetologia, falares, subfalares e expressões idiomáticas no estado barriga-verde*. Florianópolis, SC: Insular, 2000.

CORTÁZAR, Júlio. *Valise de cronópio*. [Tradução Davi Arriguci e João Alexandre Barbosa; organização de Haroldo de Campos e Davi Arriguci Jr.]. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSTA, Maria de Fátima. *A história de um país inexistente: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade; Kosmos, 1999.

COSTA, Horácio. Possíveis pontes: Borges, Rulfo, Rosa, e um precursor: Simões Lopes Neto. In ABDALA JUNIOR, Benjamim. SCARPELLI, Marli Fantini. *Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. p. 235-241.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada e o contexto latino-americano. In *RAÍDO* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. v. 2, nº 3. Dourados, MS: 2008. p. 21-31.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco. (orgs.). *Literatura comparada: texto fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do imaginário: literatura, história e identidade cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Os sertões: campanha de Canudos*. Texto integral (edição crítica de Walnice Nogueira Galvão). São Paulo: Editora Ática, 1985.

_____. *Diário de uma expedição*. (org.). Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CUNHA, Francisco Antônio Maria da. (coordenação geral). *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande, MS: Matriz Editora, 1999.

CUNHA, Roseli Barros. *Transculturação narrativa: seu percurso na obra de Angel Rama*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

DERRIDA, Jacques. *A escrita e a diferença*. Tradução Maria Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *Torre de Babel*. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DERRIDA, Jacques. BERGSTEIN, Lena. *Enlouquecer o subjétil: pinturas, desenhos e recortes textuais*. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unesp. (Fundação), 1998.

DERRIDA, Jacques. ROUDINESCO, Elizabeth. (orgs.). *De que amanhã: diálogo*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra e Célio Pinto Costa. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DINIS, Dilma Castelo Branco; COELHO, Haidée Ribeiro. Regionalismo. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: EDUJF, 2005, p. 415-434.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

ESCORSIM, Leyla. *Mariátigui: vida e obra*. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FARES, Josebel Akel. (org.). *Diversidade cultural: temas enfoques e linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais*. vol. 2. Belém, PA: Editora UNAMA, 2006.

FERRAZ, Salma. *A sagrada luxúria de criar*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

FIGUEIREDO, Eurídice. Identidade nacional e identidade cultural. In: _____. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: EDUJF, 2005, p. 189-205.

FLEMING, Leonor. “Introducción”. In: QUIROGA, Horácio. *Cuentos*. 6ed. Madri: Cátedra, 2001. (Col. Letras Hispânicas).

FLORENZANO, Everton. *Dicionário escolar espanhol-português – português-espanhol*. 2. ed. ver. ampl. São Paulo: Ediouro, 2000.

FLUSSER, Willian. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. *O que é o autor?* 3ª ed. Trad. Antônio Fernandes. Cascais, Portugal: Editora Vega, 1992.

FRANÇA, Júnia Lessa ; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Colaboração: Maria Helena de Andrade Magalhães, Stella Maris Borges. – 8. Ed. ver. e ampl. por Junia Lessa França e Ana Cristina de Vasconcellos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Ilustração Cícero Dias, desenho Antônio Montenegro – 34ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FREIRE, João Portela. *Terra, gente e fronteira...* Ponta Porã, MS: Gráfica e Editora Borba Ltda, 1999.

FREUD, Sigmund. *Moisés e monoteísmo*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

GALIMBERTTI, Percy. *O caminho que o dekassegui sonhou: cultura e subjetividade no movimento dekassegui*. São Paulo: EDUC/FAPESP; Londrina, PR: UEL, 2002.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As musas sob assédio: literatura e indústria cultural no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad. Vera Mello Joscelaine. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GHIRARDELLO, Nilson. *À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade de Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GOMES, Renato Cordeiro. Deslocamento e distância: viagens e fronteiras na cultura latino-americana-dramatizações de marcas identitárias. In ABDALA JUNIOR, Benjamim; SCARPELLI, Marli Fantini. (orgs.). *Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. p. 25-39.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas léguas a pé: a campanha do rio Ápa*. Campo Grande, MS: Gráfica do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1988.

_____. *Mato Grosso do Sul: história dos municípios*. vol. 1. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. (org.) Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. 3ª reimpressão.

HANCIAU, Núbia Jacques. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: EDUJF, 2005, p. 125-141.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserção da Geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Prefácio de Antonio Candido. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

HUTCHEON, Linda. *Poéticas do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. *Teoria e política da ironia*. Trad. Júlio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IKEDA, Daisaku. *Os clássicos da literatura japonesa*. Título original: Falando nos clássicos. Tóquio, Japão, 1974; Rio de Janeiro: 1979.

JOZEF, Bella Karacuchansky. *A máscara e o enigma: a modernidade da representação à transgressão*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986.

_____. *História da literatura hispano-americana*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

KLINGER, Diana Irene. *A escrita de si, a escrita do outro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

KUAZAQUI, Edmir; KUAZAQUI, Edna.(Orgs.). *Sol nascente: um relato foto histórico-geográfico da imigração japonesa*. São Paulo: Marco Zero, 2008.

LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios*. (org.). Antônio Arnoni Prado; prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

LEITE, Eudes Fernandes. *Marchas na história: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2003.

LEITE, J. A. *Apontamentos de viagem*. Introdução, cronologia e notas Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Rachel. Revisão do paraíso na aldeia global. In *RAÍDO* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. (vol. 2, nº 4 jul/dez, 2008). Dourados, MS: 2008. p. 107-116.

MACHADO, Aimberê Araken. *Drama e genialidade em Euclides da Cunha: aspectos da vida e da obra do autor de Os sertões*. Florianópolis, SC: Insular, 2002.

MACIEL, Maria Ester. *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *O selvagem: com o curso da Língua Geral Tupi. (Nhehngatú) (3ª edição completa)*. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1935.

MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia Helena.(orgs.). *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ ABRALIC, 2002.

MAZINA, Léa; CARDONI, Vera. (orgs.). *Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2002.

MELLO, Willian Agel de. *Epopéia dos sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Brasília: INL, 1985.

MENEGAZZO, Maria Adélia. *A poética do recorte: estudo de literatura brasileira contemporânea*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

MENEGAZZO, Maria Adélia. Regionalidade e apagamento de fronteiras. In: ANASTÁCIO, Elismar Bertoluci de Araújo; SANTOS, Henrique Pimenta; BUENO, Maysa de Oliveira Brum (Orgs.). *Tendências contemporâneas em Letras: povos do Pantanal*. 2ª ed. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2006.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. *Palavras pronunciadas com El Corazón caliente: teorías del habla del discurso y del escritura*. In PIZARRO, Ana. (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas, SP: Unicamp, 1993.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MOLOY, Silvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó, SC: Argos, 2004.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2002.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu (1800-1900)*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

NASCIMENTO, Evandro. *Derrida e a literatura*. Niterói: EDUFF, 1997.

NASCIMENTOS, Evandro; GLENADEL, Paula. (orgs.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

NOGUEIRA, Albana Xavier. *Pantanal: homem e cultura*. Fotos de Márcio Ramires e Raimundo Alves Filho. Campo Grande, MS: UFMS, 2002.

NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo: Annablume, 2001.

_____. *Restos de ficção: a criação biográfica e literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. *Caldo de cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

NOLASCO, Edgar César. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?. In *RAÍDO – Revista do Programa de Pós-Graduação da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados*. (vol. 2, n. 3, 2008). Dourados, MS: 2008. p. 65-76.

NOVAES, Adauto. (org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. (org.). *Alms: atlas lingüístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2007.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

_____. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002.

OSHIMA, Histoshi. *O pensamento japonês*. Trad. Lenis G. de Almeida. São Paulo: Editora Escuta, 1992.

PABLO-RDRIGUES, Pedro. *Martí e as duas Américas*. Trad. Ana Corbisier. 1ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

PERALVA, Oswaldo. *Um retrato do Japão*. São Paulo: Editora Moderna (Coleção polêmica), 1990.

PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de L.. (orgs.). *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *A falência da crítica: um caso limite: La treamont*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1973.

_____. *Texto, crítica e escritura*. São Paulo: Ática, 1978.

PESSANHA, Júlio Garcia. *A ignorância do sempre*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

_____. *A literatura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras Ltda, 1994.

_____. *Formas breves*. Trad. Marcos M. Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O último leitor*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Tres propuestas para el próximo milenio (Y cinco dificultades)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

POLO, Marco. *As viagens*. “Il milione”. São Paulo: Editora Martin Claret, 1999.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Organizador Carlos Augusto Calil. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre; revisão técnica Maria Helena Machado, Carlos Valero. Bauru, SP: Edusc, 1999.

PROENÇA, Augusto César. (org.). *Memória pantaneira*. Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2003.

PROENÇA, Augusto César. *Pantanal: gente, tradição e história*. 3ª ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1997.

QUEIROZ, André. MORAES, Fabiana de. CRUZ, Nina Velasco e.(orgs.). *Barthes/Blanchot: um encontro possível?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

RAMA, Ángel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Seleção, apresentação e notas Paulo Rocca. Colaboração Verônica Pérez. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RAMOS, Hugo Carvalho. *Tropas e boiadas*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1986.

RAMOS, Júlio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século XIX*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RAMOS, Maria Luíza. *Interfaces: literatura, mito, inconsciente e cognição*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

RESENDE, Beatriz. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

ROLAND, Ana Maria. *Fronteira da palavra, fronteiras da história: contribuição à crítica da cultura do ensaísmo latino-americano através da leitura de Euclides da Cunha e Octávio Paz*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

ROLIN, Olivier. *Paisagens originais: crônicas*. Trad. Mônica Stahel. Rio de Janeiro: DEFEL, 2002.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Prefácio de Oscar Lopes; ilustrações de Poty. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A análise e o arquivo*. Trad. André Telles. Revisão técnica Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

_____. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Representações do intelectual*. Tradução Milton Hatom. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. *O falso mentiroso: memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- _____. *Oras (dizeis) puxar conversa!': ensaios literários*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro, Rocco, 2002.
- _____. Vale quanto pesa (ficção brasileira nordestina). In: _____. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 25-40.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.). *Ciclos de literatura comparada*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2000.
- _____. (org.). *Literatura comparada: interfaces e transições*. Campo Grande, MS: ECDB/UFMS, 2002.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (Coordenador). *Divergências e convergências em literatura comparada*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *O outdoor invisível: crítica reunida*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.
- _____. *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional Sul-mato-grossense*. Campo Grande, MS: 2008.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- SARLO, Beatriz. *A paixão e a exceção*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar *et al.* São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- _____. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- _____. *Jorge Luis Borges: um escritor na periferia*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- _____. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Trad. Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2005.

_____. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

SCHWARTZ, Jorge.(org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

_____. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SEREJO, Hélio. Lendas do Estado de MS. In: Hélio Serejo – Obras completas. vol VIII. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

SILVA, Márcio Seligmann da. (org.). *História da memória e literatura: testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

SILVA, Maria Angélica Verneck. *Entre memórias e idéias: o discurso feminino de Gabrielle Roy e Marguerite Duras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

SOUZA, Lécio Gomes de. *Bacia do Paraguai: geografia e história*. Brasília: Edição MEC, 1973.

SOUZA, Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso*. 2ª ed. revisada e ampliada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

_____. *O século de Borges*. Belo Horizonte: Autêntica; Rio de Janeiro: Contra-capalivraria, 1999.

_____. *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. *Tempo de pós-crítica: ensaios*. São Paulo, Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Orgs.). *Navegar é preciso, viver*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997.

STEINER, George. *Lições dos mestres*. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador e a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TADIÉ, Jean Yves. *A crítica literária do século XX*. Trad. Vilma Freitas Ronald Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1992.

TAKEUCHI, Maria Yumi. *Japoneses: a saga do povo do sol nascente*. São Paulo: Companhia da Editora Nacional; Lazulli Editora, 2007 (série Lazulli Imigrantes no Brasil – coordenadora Maria Luíza Tucci Carneiro).

TAUNAY, Alfredo D'Escragnonle. *A Retirada de Laguna*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

_____. *A Retirada da Laguna*. Tradução da quinta edição francesa. Afonso D. E. Taunay. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1942.

TEORIA DE A a Z: conceitos chaves para entender o mundo contemporâneo. Andrew Edgar e Peter Sedgwick (Eds.); Tradução Marcelo Rolemberg. São Paulo, Contexto, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correia Castello. 3ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2007. – (Debates, 90/dirigida por J. Guinsburg).

VAZ, Artur Emílio Abarcon; BAUMGARTE, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. (orgs.). *Literatura e imigrantes: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; POS-LIT; Rio de Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006.

VENÂNCIO-FILHO, Paulo. *Primos entre si: temas e Proust e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

VERSIANI, Daniela Gianna Cláudia Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

YAMASHIRO, José Okinawa. *Uma ponte para o mundo*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

WILDE, Oscar. *O chá das cinco com Aristóteles*. Trad. Marcelo Rolemberg. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1999.

WILLIAN, Raymond. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª edição, 3008.

WILSON, Scott Willian. *O samurai: a vida de Myamoto Musashi*. Trad. Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.